

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
CURSO DE HISTÓRIA**

FERNANDO JOSÉ BENETTI

**A BICHA LOUCA ESTÁ FERVENDO:
UMA REFLEXÃO SOBRE A EMERGÊNCIA DA TEORIA QUEER NO
BRASIL (1980 – 2013)**

**FLORIANÓPOLIS – SC
2013**

FERNANDO JOSÉ BENETTI

A BICHA LOUCA ESTÁ FERVENDO:
UMA REFLEXÃO SOBRE A EMERGÊNCIA DA TEORIA QUEER NO
BRASIL (1980 – 2013)

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Garcia Júnior
Coorientadora: Prof^a. Dr^a Jimena Furlani

FLORIANÓPOLIS
2013

FERNANDO JOSÉ BENETTI

**A BICHA LOUCA ESTÁ FERVENDO:
UMA REFLEXÃO SOBRE A EMERGÊNCIA DA TEORIA QUEER NO
BRASIL (1980 – 2013)**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de História do Centro de Ciências Humanas da Educação, na Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel.

Banca Examinadora

Orientador: _____

Prof. Dr. Edgar Garcia Júnior
UDESC

Co-orientadora: _____

Profª Drª Jimena Furlani
UDESC

Membro: _____

Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes
UFSC

Membro: _____

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza
UFFS

Florianópolis – SC, 01/07/2013

“Se tal como nos qualificam, somos estranhos ou esquisitos, pouco nos importa. É assim mesmo que queremos ser, é assim mesmo que nos queremos mostrar.”

(Guacira Lopes Louro)

AGRADECIMENTOS

Amigxs e pessoas próximas a mim. Gostaria de agradecê-lxs pela contribuição que me deram durante minha vida acadêmica e a construção deste trabalho. Valeu Ângela, mãe, Lara e pai, por estarmos juntos compartilhando esta existência. Vocês são muito importantes para mim, como família e como amigxs. Agradeço àquelxs que do 103 migraram para o Santinho: Jéka, Lara, Gui e Danusa. Vocês são minha inspiração e força. Agradeço ao Chrystian, que participou de perto na construção deste trabalho: lendo, dando sugestões, criticando. Obrigado aos 6 do bar: Daniel, Ernesto, Marcos, Augusto e Jeff (que não vejo há muito tempo). Com vocês aprendi muito. Agradeço aos meus colegas da turma de 2009.1, Carol, Cecília, Virgínia, Bruna, Malu, Lívia, Matheus, Simone, Marina, Cris, Fernanda. Agradeço ao Jorge, que em momentos especiais estava presente. Ao Bruno Cordeiro, ao Diego Pontes, e ao Felipe Bruno Martins Fernandes, com quem cresci, amadureci e consegui entender vários percalços do mundo acadêmico. Destes, agradeço em especial o Felipe Fernandes, a quem admiro e considero um pesquisador que muito me inspira. Um agradecimento querido aos meus professores, que contribuíram para que eu iniciasse o meu percurso intelectual, me apresentaram o mundo de uma forma diferente, e me fizeram ser um pouco mais crítico à sociedade e à história. Especialmente à Mortari, com quem pude trocar importantes angústias em importantes momentos. Agradeço também àquelas que me apresentaram ao mundo do feminismo: Susi, Marlene, Denise, Gláucia, Silvana, Sílvia, Flávia. Também agradeço a oportunidade que estas pesquisadoras me deram em participar do LABGEF e de ter os primeiros contatos com a pesquisa acadêmica neste laboratório.

Especial agradecimento ao Edgar e à Jimena, que me acompanharam e apoiaram na construção deste trabalho. Desde o início vocês foram uma inspiração para a minha aproximação à Teoria Queer. Agradeço também ao meu amigo Fábio Feltrin, que foi desde 2009 um apoiador, um companheiro, um ombro amigo, e um conselheiro. Agradeço ao Teo, que me acompanhou dia após dia, durante meus momentos de escrita, e teve que escutar durante horas seguidas as minhas análises sociais, que iam desde a constatação de consciência nos passarinhos, até a análise das recentes manifestações que tomaram o Brasil. Sim Teo, tudo é uma construção, e com você, construí muito.

Não poderia esquecer de agradecer às discussões que tivemos na turma de Tópicos Especiais de Antropologia II. Obrigadxs amigxs, aprendi muito com vocês. Agradeço também ao NIGS, à Professora Mirian Pillar Grossi e mais uma vez ao Felipe Fernandes, que me acolheram nos debates sobre gênero e sexualidades na UFSC, me permitiram a realizar esta disciplina acima citada, e sempre estiveram presentes e contribuíram com o meu crescimento, seja na militância LGBT, seja em conversas informais.

Aos amigos antigos: Carol, Samara, Dani, Mari, Thiago, Bruno, Aline, Gui, Suse. Vocês estarão sempre guardados no meu coração.

À Criatini Bereta, que leu com atenção e carinho todos os trabalhos da disciplina de Seminários de TCC. Ao Willian: querido amigo, espero que possamos estar por perto nos anos que se seguem. Já aprendemos muito juntos, e vamos continuar nesta trilha do conhecimento discutindo e crescendo “ensemble”.

Agradeço aos amigos Felipe Biela, Murilo, Dé, Fábio Exú, Luiza Tonon, Hackin, João Paulo Caetano, Danilo, Teodoro, Renan Ritzmann, Teresinha, Ricardo pelo companheirismo, risadas e cervejas.

Agradeço também ao sol, de quem não pude aproveitar muito durante estes meses, mas que prometo recompensar nos dias próximos. Ao mar, que é minha fonte de liberdade e pureza.

Aos orixás. Ao Pink Floyd, que Shine in my Crazy Diamonds.

RESUMO

A Teoria Queer emerge da organização de frentes como o feminismo, o pós-estruturalismo, e os Estudos Subalternos, nos Estados Unidos da América em 1991. A partir de então, se expande para vários países do mundo, sendo reinterpretada e revista, conforme o destino em questão. No Brasil, os Estudos Queer ganham mais força no início dos anos 2000, quando autorxs começam a publicar artigos abordando o assunto sob diferentes olhares. A forma como a Teoria Queer começou a ser estudada no Brasil é a questão principal a qual este trabalho busca responder. Como começou a ser pensada? Em qual época? Sob quais lentes? A partir da revisão bibliográfica dxs principais pesquisadorxs queer no Brasil, pretende-se responder a estas questões, refletindo sobre sua emergência, o desenvolvimento, e como se apresenta para nós na atualidade.

Palavras-chave: Teoria Queer; historiografia; sexualidades; revisão bibliográfica.

RESUMÉ

La Theorie Queer est née de l'organisation de frontes comme le féminisme, le post-structuralisme, et les Études Subalternes, aux États Unis de l'Amerique en 1991. À partir de cela, se developpe par plusieurs pays au monde, étant reinterprété et révisé, selon le destin en question. Au Brésil, les Études Queer gagnent plus de force au début des années 2000, quand des auteurs commencent à publier des articles en abordant l'issue sur différentes perspectives. La forma comme la Théorie Queer commence a être étudié au Brésil c'est la question principal sur laquelle ce travail cherche de répondre. Comment est-ce que elle a commencé a être pensé? Dans quelle époque? Sur quelles lentes? À partir de la revision bibliographique des principaux chercheurs queer au Brésil, on cherche a répondre ces questions, en réfléchissant sur l'emergence, developpement, et comment est-ce qu'elle se presente à nous dans l'actualité.

Mots-clés: Théorie Queer; historiographie; sexualités; revision bibliographique.

SUMÁRIO

Um guia teórico para viajantes pós-modernxs - 9

Um guia metodológico para viajantes pós-modernxs - 24

A bicha louca também fala – o Brasil queer dos anos 1980 - 31

Percalços escondidos – Genealogias transnacionais - 56

Desestabilizando fronteiras: o queer se espalha - 75

Adendo - 92

Referências - 97

Anexo I - 108

Um guia teórico para viajantes pós-modernxs

Não tinha ideia do mal; não conhecia as vicissitudes do coração. Jardim fechado, como a esposa do Cântico, viu subitamente rasgar-se-lhe uma porta, e esses dez minutos foram a sua puberdade moral. A criança acabara: principiava a mulher.

(Machado de Assis)

Se há em uma sensibilidade queer, alguma coisa ultrapassando esta grande obsessão ocidental que é a perspectiva identitária, esta sensibilidade, para ser exprimida, deveria desenhar-se em um estoque de conhecimento onde figuraria “a identidade queer”. Existe aqui um paradoxo... eu acredito então ser mais interessante esta sensibilidade do que sua nomeação. Porque nomeando, matamos. Toda taxonomia é no fundo, uma taxodermia.

(Michel Maffesoli)

Durante esta entrevista acima citada, realizada por Pascal Le Brun-Cordier em 2003, Michel Maffesoli, além de brincar com conceitos de nomeação, fala também sobre a necessidade de pensarmos enquanto *plus qu'un* – mais do que um – ou, *um e todos*. O que Maffesoli, que parafraseia Georges Simondon, quer dizer quando afirma que somos *mais do que um*? O *plus qu'un* quer nos dizer que somos formadxs por um complexo sistema que inclui centros, margens, periferias, construções, intenções de poder, discursos, exclusões. O *plus qu'un* quer dizer que somos formadxs por uma infinidade discursiva que se entrelaça, e é constituída em conjunto com o curso da História. Quando diz que ao nomearmos, matamos, também quer dizer que ao nomearmos, estamos limitando, e ao fazer este movimento, acaba-se por excluir possibilidades que estão além do nominável.

É notável que ao percebermos o *mais do que um*, estamos fazendo contraponto ao indivíduo iluminista e cartesiano, centro de si mesmo. Pensar que somos um\umx e todxs, contribui para diluir xs sujeitxs modernxs, em uma genealogia sem começo nem fim, nem meio. A pele que nos contém, dilui-se a partir da tentação de construção intencional de significados para nós mesmos. Somos mais do que um\umx. Somos múltiplas significações.

Esta *sensibilidade queer* que nos faz refletir sobre o sujeito contemporâneo ocidental como uma construção que para legitimar-se e enquadrar-se, afasta-se de determinadas *identidades* opostas à construída, parece trabalhar com uma perda de *eu essencial*, em uma alteridade radical, onde uma historicização conceitual parece contribuir para o entendimento de desconstrução. Para Maffesoli, esta perda de si parece ser interessante e subversiva à

sensibilidade queer. Ao nos colocarmos na condição de seres que ultrapassam uma construção identitária ou de identidades, diluímo-nos numa concepção pós-identitária pautada em algumas identificações prévias, que se entrelaçam e se transformam conforme a emergência de novas concepções e intencionalidades.

Estes conceitos propostos até agora, parecem trabalhar com uma ideia que se afasta da noção de origem, já que com a noção de *plus qu'un* parte-se de uma lógica construtivista e relativista extrema, que possibilitaria desconstruções de conceitos e binarismos altamente consolidados no curso histórico do ocidente, como concepções de sexo (homem e mulher), sexualidades (heterossexualidade e homossexualidade), e gênero (masculino e feminino).

Este afastamento da busca por origens nos aproxima do que Michel Foucault diz serem as concepções *genealógicas* da construção histórica. Para este autor, o que diferencia uma genealogia de uma busca por origens? A princípio, a busca por origens se esforça em recolher a essência exata das coisas, “sua mais pura possibilidade, sua identidade cuidadosamente recolhida em si mesma, sua forma imóvel e anterior a tudo o que é externo, acidental, sucessivo” (FOUCAULT, 1979, p. 17). Buscar por origens é naturalizar lógicas sociais, é partir do princípio de que algumas *essências* humanas determinam certas práticas sociais, como a heterossexualidade, por exemplo. Esta busca por origens busca “tirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira” (FOUCAULT, 1979, p. 17).

Partir de uma concepção *genealógica*, por outro lado, é partir do princípio de que a sociedade é como se fosse uma cebola, constituída de diversas camadas, com diferentes profundidades, porém sem um núcleo central. Pensar em uma genealogia histórica é entender que não existe uma essência primeira, naturalizada, e se o senso comum concebe as essências, é porque elas foram construídas “peça por peça a partir das figuras que lhe eram estranhas” (FOUCAULT, 1979, p. 18). Compreende-se que tudo o que o ser humano produz, reproduz ou dá significado, são construções próprias que emergem a partir de um jogo de forças, para dar sentido à determinada situação ou nomear um complexo.

O corpo, assim como a sociedade, é, a partir de uma concepção *genealógica*, cheio de fissuras, rupturas, retalhos construídos a partir de intenções discursivas. Um clip musical que serve de apoio para pensar esta construção corporal é *Rock DJ* de Robbie Williams¹, onde o cantor realiza um *streat-tease* despindo-se além das roupas, da pele, da carne, das musculaturas, expondo a olhos nus a carnificação da carne. O que Williams nos mostra, ao desconstruir seu próprio corpo, é que ele tem significado, ele é construído. O corpo, sua

¹ Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=BnO3nijfYmU> (acesso em: 20/06/2013)

utilização, o que se faz com ele, assim como suas concepções de utilização, não se constituem a partir de uma naturalidade essencial, e sim, de uma sucessão de emergências regidas por um poder discursivo.

Peguemos neste contexto, o exemplo da construção sobre as sexualidades no mundo contemporâneo. Para pensar uma Teoria Queer, é necessário compreender que sexo, gênero e sexualidade são conceitos diferentes, construídos de maneiras diferentes durante o curso da história, e que sua pluralidade é possível. O sexo se identificaria com o binômio “homem” e “mulher”; gênero com “masculino” e “feminino”; e sexualidade com “heterossexualidade” e “homossexualidade”. Percebe-se com esta diferenciação, que uma sexualidade identificada com a homossexualidade, não tem ligação alguma com a aproximação do sujeito a uma lógica feminina ou masculina, ou com o papel de gênero do homem ou da mulher. Estes três conceitos têm historicidade, e por isso, são suscetíveis a uma genealogia, ou seja, de uma análise aproximada, percebendo que sua construção tem uma intenção social (FOUCAULT, 1979, p. 19).

A concepção binária dos sexos, segmentados entre “homem” e “mulher”, por exemplo, tem momento de emergência aproximado no final do século XVIII. Os 50 anos que separam o final do século XVIII e o início do XIX, são interpretados por diversos autorxs - como Michel Foucault, Ivan Illich, Lawrence Stone e Thomas Laqueur (LAQUEUR, 2001, p. 17) – como o espaço de tempo que testemunhou a emergência de uma “nova natureza sexual humana” (LAQUEUR, 2001, p. 17), que vinha se gestando desde muito tempo, a partir de tecnologias, discursos e olhares sobre a questão. Até antes de 1800, o modelo sexual mais aceito era aquele que supunha a existência de um único sexo, o masculino. O órgão sexual feminino seria uma formação não desenvolvida do pênis, que permanecia dentro do corpo, já que a mulher não era um ser “perfeito” dotado de calor vital suficiente para fazer com que seu órgão aflorasse. Segundo Laqueur, num mundo onde a vagina é vista como um pênis interno, todxs os seus elementos constitutivos eram associados ao masculino. Os grandes lábios seriam o prepúcio, os ovários seriam os testículos, as trompas de falópio seriam os canais ejaculatórios (LAQUEUR, 2001, p. 16). O sexo feminino é neste momento um modelo imperfeito em relação ao sexo masculino. A hipótese da existência de um único sexo – o masculino - foi formulada por Galeno, no século II d.c. e permaneceu vigente até os anos próximos a 1800, quando emerge um sistema que sugeria a hipótese do binarismo sexual. Nasce novos conceitos, novas epistemologias científicas, novos fatores sociais e políticos que contribuem para essa mudança de olhares sobre os sexos.

Um dos resultados destes novos conceitos, e fatores sociais e políticos, é o crescente saber que se forma sobre a noção de **população** a partir do século XVIII. Os primeiros impulsos de percepção da existência de um novo corpo social chamado **população** podem ser talvez associados a um novo sistema econômico emergente no século XVII, o Mercantilismo. Desenvolvido por Adam Smith, em *Uma investigação sobre a natureza e causas da Riqueza das nações*, esta teoria parte do princípio de que população é riqueza. Pensava em uma circulação de mercado e de bens, assim como o sangue no corpo (SENNET, 1994, p. 261). Mais do que um modelo econômico, era uma prática política que consistia em controlar os fluxos de riquezas entre as nações, os fluxos de mercadorias e a capacidade produtora da população (FOUCAULT, 1979, p. 82). No final do século XVI e no início do XVII, os nascentes estados europeus “se preocupavam com o estado de saúde de sua população em um clima político, econômico e científico característico do período dominado pelo mercantilismo” (FOUCAULT, 1979, p. 82). Eles começavam a perceber que um Estado rico é igualmente um estado com uma população rica e sadia. O primeiro impulso tomado por França e Inglaterra, por exemplo, foi o de conhecer a população, contabilizando-a, e perceber qual o percentual de população ativa existente dentro de suas terras. “É assim que, na França se estabeleceram estatísticas de nascimento e mortalidade e, na Inglaterra, as grandes contabilidades de população aparecem no século XVII” (FOUCAULT, 1979, p. 82). Esta tecnologia, revolucionária na época, foi o primeiro passo para que ao conhecer seu povo, se pudesse tomar conta dele, e esquadrihá-lo. Ao conhecer com quem se está lidando, podem-se criar regras, princípios e moralidades. Este mecanismo, intitulado por Michel Foucault como **biopoder** (FOUCAULT, 1988, p. 132), constitui os primeiros passos para a emergência das regras sociais e dos princípios de moralidade.

O poder sobre a vida e a morte, **biopoder**, é dividido por Foucault em dois polos principais: um deles, o primeiro a se formar, concentrou-se no corpo como máquina, nas disciplinas, na extorsão e adestramento de suas aptidões e forças. Integra o corpo em novas perspectivas de sociedade e economia. Investe no corpo máquina e em sua engenharia. Dá abertura às diversas descobertas científicas sobre ele, e indubitavelmente prescinde da binarização dos sexos, pois atua no encerramento e na normatização dos mesmos. Este polo do **biopoder** é chamado por Foucault de **anátomo política** (FOUCAULT, 1988, p. 131). É o governo do corpo, da anatomia. Cria regras e valores para a matéria. Atua dentro dela, e é largamente desenvolvida a partir do momento em que se começa a estudar o ser humano por dentro. A **anátomo política** é um vetor importante para a emergência de um saber alternativo

sexual, fazendo contraponto ao modelo sexual galênico, pois impulsiona dentre vários saberes sobre os corpos, aquele que busca conhecer sua totalidade não só por fora, como por dentro, dissecando-o.

A partir do momento em que se começa a produzir conhecimento sobre a população - **biopolítica** - graças às tecnologias dos censos, alguns problemas que até então não eram tratados como tais começam a alarmar os governantes, pois agora são quantificáveis e perceptíveis. São eles, a prostituição, a loucura, a vagabundagem, os bêbados, sodomitas. Uma das atitudes tomadas pelos Estados é pegar para si a responsabilidade sobre as relações sexuais de sua população. O método utilizado foi a colocação do sexo no discurso, e a criação de um modelo que passou a se arrogar como superior às demais sexualidades, sexos, e raças. A emergência de um sistema onde o homem, branco, heterossexual é construído como natural e superior, contribui para a opressão que é histórica, das manifestações plurais de se colocar em sociedade como mulher, homossexual ou negro, por exemplo.

O século XVII, segundo Michel Foucault, marca o início do uso de discursos de poder provenientes de instituições detentoras de saberes específicos – médico, jurídico, religioso – sobre o sexo e como ele deveria se manifestar. Até o século XVII “as palavras eram ditas sem reticências excessivas e, as coisas, sem demasiado disfarce.” (FOUCAULT, 1988, p. 9). Não existia uma norma de conduta tão exigente como aquela que emerge a partir do XVIII, com o nascimento destas relações que segundo o autor, resultam na imanência das noções hegemônicas sobre o sexo. Uma teia imensa e insaciável de discursos controla, encerra, e normatiza a sexualidade, os prazeres, as relações, construindo regras e essencializações de condutas – certos e\ou errados. As concepções normativas de homens, mulheres, homossexuais, crianças, loucxs, moldam-se a partir de discursos morais e controladores. Para o autor, o mais importante naquele momento é que percebamos as minúcias de como a sexualidade “torna-se [...] o objeto não somente de uma intolerância coletiva, mas de uma ação judiciária, de uma intervenção médica, de um atento exame clínico e de toda uma elaboração teórica” (FOUCAULT, 1988, p. 33).

A norma emerge como referencial de atuação, como maneira de encerrar o sexo, evitar a libertinagem e suas práticas fora dos contextos familiares: “Na época em que se explora sistematicamente a força de trabalho, poder-se-ia tolerar que ela fosse dissipar-se nos prazeres, salvo naqueles, reduzidos ao mínimo, que lhe permitem reproduzir-se?” (FOUCAULT, 1988, p. 11). Todxs os que não fazem parte deste contexto devem ser excluídxs, classificadxs como “abomináveis”, colocadxs à margem e de preferência,

esquecidxs. São xs sodomitas, pedófilos, mulheres e loucxs. Para elxs, e para excluí-lxs, se legitimam as “doenças do sexo”. A histeria, o “homossexualismo”, a tensão pré-menstrual, a demência. Caracterizaram-se todxs os desvios possíveis. A partir dos discursos moralistas e médicos, que examinam, criam e recriam verdades, por aparentes “provas concretas”, determinadas pessoas são relegadas ao limbo da condição humana. Todxs aquelxs que não são homens, brancos e heterossexuais, são classificadxs e silenciadxs.

A emergência deste sistema ocorre graças a uma vontade insaciável dos intelectuais, governantes, e demais instituições de poder, em saber sobre o sexo, e com isso tratá-lo, manejá-lo, e domá-lo, excluindo os prazeres paralelos, que não têm por objetivo a reprodução. Isto é posto em prática com a construção de uma “teia de discursos” (FOUCAULT, 1988, p. 32), a princípio pela *confissão*. A Igreja católica tem papel fundamental nesta peça, e incentiva uma lógica de confissão de todxs os “pecados” e males da carne. Confessa-se tudo: segredos, cúmplices, vítimas. A confissão é vista por Foucault como o mecanismo chave para fazer da população um reprodutor insaciável dos discursos sobre sexo. Ela passou a ser uma das reguladoras das práticas, passou a ser o dispositivo usado para tornar o sexo pecaminoso. As confissões e sanções sobre o sexo se tornaram um meio de “cobrir a nudez”. (FOUCAULT, 1988, p. 22)

É quando estes discursos, graças à sua insistência exaustiva, se consolidam contemporaneamente a partir da emergência da família nuclear burguesa no início do XIX (MISKOLCI, 2005, p. 13), que os modelos normais começam a serem tratados como naturais. A insistência sobre um modelo normal de homem, branco, heterossexual, em sua potência máxima, faz com que todxs as outrxs possibilidades de expressão sexual sejam tidas como não naturais e erradas. É uma lógica de construção da verdade pela insistência de um modelo economicamente mais rentável (pois propicia a reprodução), e socialmente estável (pois homogeneíza as práticas sociais).

É graças a esta construção social voltada à normalidade, que se legitimaram as patologias sexuais e forjaram-se os termos “heterossexualidade” e “homossexualidade”. É interessante perceber que a emergência destxs conceitos está intrinsicamente ligada à **bioanátomo política**, e com a colocação do sexo em uma discursividade, a partir do início do século XIX. A psiquiatria neste momento, deixando de lado os estudos de delírio e alucinação da realidade para começar a tratar sobre os assuntos de normalidade, contribui para a emergência de uma nova ciência, a sexologia (WEEKS, 2000, p. 39). Segundo Weeks, por mais que as questões relativas aos corpos e aos comportamentos sexuais tenham estado desde

pelo menos o século XVII no centro das preocupações ocidentais, elas eram estudadas principalmente, até o século XIX, pela religião e a filosofia moral. Foi a partir de todo este contexto que estamos buscando perceber - da emergência da **bio\anátomo política**, da emergência de olhares alternativos aos corpos e à natureza, às reformas sociais, científicas e urbanas, das emergências discursivas excessivas referentes ao sexo – que a sexualidade foi se tornando lentamente uma preocupação generalizada dxs especialistas da medicina e dxs reformadores morais. Foi graças a estas inquietações que o tema, que se tornava cada vez mais importante, começou a contribuir para a constituição de sua própria disciplina. Tendo como bases a psicologia, a biologia e a antropologia – todxs largamente influenciadas pelo pensamento biologicista e darwiniano durante o século XIX - a sexologia contribuiu para a formação de uma visão essencializada e patologizante dos sexos e sexualidades, reflexo de dois de seus objetivos principais no momento, que eram: definir as características do que seria a masculinidade e a feminilidade tidas como normais, partindo do pressuposto de que ambos eram biologicamente distintos; e catalogar os diversos tipos de práticas sexuais, produzindo uma hierarquia em que o anormal e o normal podem ser distinguidos e valorizados (WEEKS, 2000, p. 63).

Richard von Kraft-Ebing foi um dos primeiros responsáveis por esta catalogação, classificação e patologização de práticas sexuais, como: frigidez, ninfomania, bestialidade, inversões sexuais – uranismo, safismo, onanismo, fetichismo, sadismo, necrofilia, dentre outrxs (FLORES, 2007, p. 255). Ganha fama a partir do lançamento de seu *Psychopathia Sexualis*, de 1886, onde classifica os desvios sexuais em quatro tipos: **paraesthesia** (perversão dos instintos sexuais); **hyperaesthesia** (exagero do desejo sexual); **anaesthesia** (ausência do desejo sexual); e **paradoxia** (desejo por tempo errado – intergeracional). Motivado por um impulso darwiniano, pela vontade de verdade, em explicar todxs os fenômenos humanos como forças naturais e biológicas, Kraft-Ebing classifica o sexo como um “instinto natural”, que em determinados casos pode ser patológico. A homossexualidade era para ele um sinal de degenerescência, “uma manifestação de um estado de neurose e psicopatia que, na maior parte, é hereditária” (FLORES, 2007, p. 255). Ainda sobre esta questão, Kraft-Ebing diz:

Aqui a causa não pode ser encarada se não como uma anomalia das condições centrais: uma predisposição psicosexual anormal [...] ligada às condições de degenerescência hereditária [...] cada anomalia da emoção psicológica deve ser descrita clinicamente como um sinal funcional de degenerescência [...] um fenômeno congênito, ou adquirido (1986) (Apud FLORES, 2007, p. 255).

Dando foco na questão da relação entre pessoas do mesmo sexo, podemos perceber que neste momento histórico, dos escritos de Kraft-Ebing e da emergência da sexologia, acontece um movimento interessante e importante, pois vai pautar uma nova forma de lidar com as sexualidades, de passagem da noção de **sodomia** para a noção de **homossexualidade**. Até então o sexo entre pessoas do mesmo sexo, denominado de sodomia, era considerada uma “androgenia interior” (FOUCAULT, 1988, p. 43), uma “aberração temporária”. O sodomita era um sujeito reincidente dentro da lógica de conduta ocidental. Ou seja, ele era ligado a uma lógica de repetição de conduta, desligada de uma identidade determinada. A sodomia não definia um tipo de sujeito. Não estava ligada com um passado, com uma identidade, com uma forma de vida, com um padrão de práticas e condutas. A sodomia não era relacionada diretamente a pessoas, e sim, como uma característica geral de toda uma natureza pecadora (WEEKS, 2000, p. 61). A mudança de foco sobre esta questão contribui para patologizar aquilo que até então não passava de uma conduta sem características definidas. Enquanto aos poucos se institucionaliza o sujeito homossexual, criam-se saberes, normas e expectativas sobre estas consideradas práticas patológicas. Até então não existiam um sujeito homossexual. Existiam sim, desde a Antiguidade, práticas homossexuais, porém o sujeito homossexual é filho do século XIX (FOUCAULT, 1988, p. 43). “O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie” (FOUCAULT, 1988, p. 43). Os sujeitos que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo passam pelo crivo da determinação de estereótipos, tendências de conduta, comparações com a também recente noção de “heterossexualidade”.

Este binômio foi aparentemente cunhado por Karl Benkert, em 1869, na Alemanha. A partir de uma tentativa de colocar na pauta política da Alemanha a questão da reforma sexual, Benkert busca diferenciar a heterossexualidade e a homossexualidade, esta última como uma variante benigna da ainda mal definida “sexualidade normal”. A emergência da preocupação com a categorização das práticas sexuais foi a força motriz que impulsionou uma definição mais acurada de práticas e comportamentos sexuais. Este foi o incentivo principal para a concepção dicotômica entre estes dois termos. Ao contrário do que pretendia Benkert, da concepção da homossexualidade como uma variante benigna da heterossexualidade, a sexologia muda sutilmente seu significado e a concebe a partir de uma concepção médico-moral (WEEKS, 2000, p. 61).

Porém a heterossexualidade, ao contrário de seu “polo negativo”, pouco foi problematizada pelos sexólogos e passou lentamente a representar a norma, que igualmente

ainda não era alvo de muitos questionamentos. Partia-se do princípio de que aquilo que era normal e natural não precisava ser questionado. É como o ar que se respira, ele estaria em todos os lugares e seria fundamental para a vida em sociedade. A heterossexualidade se torna um conceito dado, presumível, natural, e a homossexualidade é tratada como pecado, crime e doença. Podemos dizer que esta naturalização da heterossexualidade permanece constante até a emergência dos estudos de desconstrução da noção de sexualidades, principalmente com a emergência dos movimentos sociais de lutas minoritárias – feminista, homossexual, negro – mais ou menos na década de 1960.

O movimento homossexual parece ter tido primeiro estopim nos Estados Unidos da América, em 1969, durante a dita “Rebelião de Stonewall”, em Nova York. A Rebelião teve início no dia 28 de Junho, quando a polícia, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, tentou interditar o bar chamado “Stonewall Inn”, na Christopher Street, a rua mais movimentada do dito “gueto gay” de NY (FRY, 1985, p. 89). A princípio, o que era para ser uma batida policial rotineira torna-se uma grande manifestação, resultado de diversas outras já frequentes batidas, famosas pela violência empregada pelos policiais. A “Rebelião de Stonewall” durou aquele final de semana inteiro, e resultou, posteriormente, na organização do **Gay Liberation Front**, e da publicação do jornal organizado pelo grupo chamado “Come Out”. Esta manifestação contribuiu para a organização política de homossexuais, e a rápida disseminação por outros países do mundo. Neste momento, o sujeito homossexual, além de patologizado, criminalizado e pecaminoso, se torna um sujeito político. Na universidade, é aproximadamente aí que a homossexualidade começa a ser tratada como objeto de pesquisa (FRY, 1985, p. 89).

É importante perceber que grande parte dos movimentos feministas e homossexuais dos anos de 1960 e 1970 tinham uma vertente **liberacionista**, ou seja, interpretava homens e mulheres como sujeitos oprimidos que deveriam lutar pela liberdade (MISKOLCI, 2012, p. 28). Estes movimentos tinham o poder como algo repressivo e hierárquico, que vinha de cima para baixo. O homem oprimia a mulher, o heterossexual oprimia o homossexual. Isto contribuiu para que os movimentos se construíssem de forma identitária. Foi principalmente graças às publicações de Michel Foucault, que questionavam o lugar do poder como algo hierárquico, concebendo-o não como um sistema repressor, e sim, como um sistema relacional, assim como com o desenvolvimento do conceito de gênero como um sistema relacional de atuação entre os sexos, que a vertente **liberacionista** começou a ser substituída

majoritariamente por uma forma que diz que é a cultura e suas normas que nos constituem como sujeitos.

O enfraquecimento das perspectivas **liberacionistas** é um dos fatores que contribuem para a emergência da *Teoria Queer*, ou *Estudos Queer*². Para Annamarie Jagose, durante o século XX o termo **identidade** rondava os trabalhos acadêmicos como uma das categorias culturais mais naturalizadas do momento. Parecia que a identidade marcava a existência de um sujeito como um ponto de realidade inegável, fora de qualquer quadro de representação. Ou seja, a identidade marcava a existência dos indivíduos como tais (JAGOSE, 1996, p.78). Porém, a partir da metade do século XX, esta lógica até então praticamente auto evidente, começou a ser radicalmente problematizada por autorxs como Louis Althusser, Michel Foucault, Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan e Sigmund Freud. (JAGOSE, 1996, p. 79). Juntas, estas ideias contribuíram para certos avanços nas teorias sociais das Ciências Humanas, em especial no que Stuart Hall vai dizer ter sido “o descentramento final do sujeito cartesiano” (HALL, 2005, p. 120). As identidades começam a ser tratadas como uma sustentável e persistente fantasia, ou mito cultural (JAGOSE, 1996, p. 79). São estes alguns elementos que configuram o cenário que possibilitou a emergência da *Teoria Queer*, durante os anos 80, a partir de um encontro entre uma vertente dos Estudos Culturais, o pós-estruturalismo francês, e o feminismo de terceira onda.

O pós-estruturalismo é uma corrente teórica que busca problematizar as concepções clássicas de sujeito e identidade. Busca igualmente romper com a concepção cartesiana e iluminista de sujeito, que separa corpo e mente. O sujeito no pós-estruturalismo é sempre encarado como provisório, circunstancial e em construção permanente (MISKOLCI, 2009, p. 152). Os principais interlocutores do pós-estruturalismo são Michel Foucault, Jacques Derrida, Deleuze, Feliz Guatarri.

Os Estudos Culturais, na outra ponta, emergem na Inglaterra e Estados Unidos dos anos 1970\1980. Um de seus objetivos é refutar as diferenças entre alta cultura e cultura popular, buscando estudar os grupos e culturas subalternas (MISKOLCI, 2009, p. 159). Para Hall, a origem dos Estudos Culturais se deve a uma oposição crítica às versões economicistas do marxismo vigentes durante a década de 1960 no contexto acadêmico britânico (MISKOLCI, 2009, p. 159). Foi dentro dos Estudos Culturais que emergiu outra linha de pensamento: os Estudos Subalternos. As reflexões da subalternidade nascem em oposição às

² Uma reflexão mais contemporânea da Teoria Queer sugere a utilização de Estudos Queer como uma maneira de deixar o tema mais aberto e frouxo, algo que a palavra **teoria** dificilmente infere.

formulações do marxismo hegemônico, baseados no conceito de “subalternidade” cunhado por Antônio Gramsci para designar aqueles que não eram audíveis pelo sistema capitalista. Foram primeiramente desenvolvidos por Gayatri Spivak, no artigo *Can the Subaltern Speak?*, que, inspirada nos estudos de Foucault e Derrida, fala sobre a “violência epistêmica” “que a ciência, aquela mesma que Foucault critica, submeteu os saberes gestados fora de seus cânones e, assim, os sujeitos produtores desses saberes” (PELÚCIO, 2012, p. 400). Estes estudos buscam se endereçar às “minorias” sexuais, raciais, de gênero, imigrantes, deficientes. Para Pelúcio, os saberes subalternos não consistem somente em dar voz àquels que foram privados de voz, e sim, participar do esforço de “prover outra gramática, outros epistemologias, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como ‘verdadeiras’” (PELÚCIO, 2012, p. 399).

A emergência da Teoria Queer nos EUA está também relacionada a um contexto social do final dos anos de 1980, e ao surgimento da AIDS. A descoberta do vírus está associada a uma forte reação conservadora, e uma rápida associação com a população homossexual. Nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, onde a emergência da AIDS contribuiu para uma aproximação entre movimentos sociais e governo, a reação foi de descaso. O governo de Ronald Reagan se negou a tomar qualquer atitude imediata, o que contribuiu para a emergência de grupos como o ACT-UP e o *Queer Nation* (MISKOLCI, 2012, p. 24). As primeiras manifestações destes grupos eram simples: levar para a rua, mostrar para as pessoas xs contaminadxs pela AIDS, negligenciadxs pelo governo, e que estavam visualmente afetadxs pela doença. O objetivo era chocar.

Os primeiros livros representativos da Teoria Queer são: *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*, de Judith Butler, de 1990, e *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*, de Eve Kosofski Sedgwick. Em *Problemas de Gênero*, além de fazer uma genealogia detalhada sobre a funcionalidade do conceito de gênero para o feminismo, a partir da desconstrução e crítica das obras de Julia Kristeva, Irigaray e Monique Wittig, Butler fala pela primeira vez sobre a performatividade de gênero, este que veio a ser um dos conceitos centrais da Teoria Queer.

Em *Between men*, Sedgwick busca analisar qual o contexto social que contribui para a emergência da misoginia e da homofobia. Para isso o autor não se prende a explicação de gênero (baseada em um sistema relacional de poder), nem em uma explicação ligada às minorias, gays e lésbicas. O autor sugere, ao analisar romances ingleses do século XIX, que a dominação das mulheres está associada a uma rejeição da relação amorosa entre homens.

Misoginia e homofobia estariam nesta perspectiva, interdependentes, e o binário homossexual/heterossexual demonstra-se não excludente, e sim, necessariamente relacional, já que um faz com que o outro exista (MISKOLCI, 2009, p. 156). Este foi o pontapé inicial para que se começasse a questionar o lugar hegemônico da heterossexualidade a partir de um olhar queer.

Porém a Teoria Queer só ganha forma em 1991, com um artigo de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “Teoria Queer” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelxs que foram esquecidos, patologizados e medicalizados durante a história das sexualidades. Até então não se havia a percepção de que as publicações que vinham acontecendo desde 1985 tinham um cunho queer. Foi só a partir deste artigo de De Lauretis que podemos falar sobre a Teoria Queer. A palavra Queer em inglês significa “bicha”, “viado”, “estranho”, “anormal”. A tradução desta palavra não foi realizada quando começamos a estudar a Teoria Queer no Brasil por diversos motivos. Para Lugarinho, esta tradução não ocorreu, pois não há na língua portuguesa uma palavra com teor depreciativo tão forte quanto “queer” para a língua inglesa (LUGARINHO, 2001, p. 41). A utilização do termo “bicha louca” no título deste trabalho, é uma tentativa de aproximar possíveis interpretações ou traduções da palavra **queer** para o português.

Os Estudos Queer têm em sua base duas obras principais que contribuíram para pensar sua teorização: *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, de Michel Foucault³, e *Gramatologia*, de Jacques Derrida. Estas duas obras têm funções muito importantes para que possamos entender o que pretende a Teoria Queer. O *História da Sexualidade I* é publicado em um momento histórico que rompe com a **hipótese repressiva**, até então tida como principal explicação para a dominação dos homens sobre as mulheres, que é ligada com a militância dos e das **liberacionistas**. A intenção de Foucault neste livro, como já explicado anteriormente, foi a de sugerir que os sexos são construídos discursivamente, a partir de uma obsessão a partir do século XVII, em regular as práticas sexuais e o que se falava sobre o sexo. Para isso criaram-se instrumentos de disciplinarização dos corpos, e o sexo é colocado no discurso. A apropriação que a Teoria Queer faz desta teoria, é a de que com o passar do tempo e dos séculos, essa discursividade e esta vontade de saber sobre os sexos foi levada a um extremo discursivo tão excessivo, que teria contribuído para a formulação de uma

³ É importante notar que este autor contribuiu com suas obras para a formulação da Teoria Queer, porém, em vida não teve contato com estes estudos, que foram se formando anos depois de sua morte.

heteronormatividade. Este conceito, cunhado por Michael Warner em 1991, sugere que a **heteronormatividade** seria a norma sexual vigente no mundo contemporâneo. Para Warner, a “naturalização” da heterossexualidade a partir de um excesso de discurso contribui para torná-la **compulsória**. Ou seja, a heteronormatividade é a organização social, relacional e psicológica que parte do princípio de que todos são ou deveriam ser heterossexuais. É um sistema homogeneizante e opressor, que ao partir do princípio de que todos são heterossexuais, parte também do princípio de que não existem possibilidades fora desta lógica. A heteronormatividade está presente nas escolas, nas novelas, nas propagandas, nos romances, nos discursos, nas vivências, nos intercursos da fala e da construção corporal, nos interstícios da atuação contemporânea ocidental, etc.

É partindo da ideia de que há uma excessividade de discursos que Judith Butler formula o conceito de **performatividade de gênero**, em *Problemas de Gênero*. Para Butler, o discurso sobre o sexo atua de uma forma tão exagerada sobre os sujeitos, que criam **performances**. “Eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002). Com isso, ela quer dizer que o gênero é algo construído culturalmente, e que aprendemos vivendo em sociedade, a sermos masculinos e femininos, a partir da atuação do discurso sobre os corpos.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem a realidade. [...] Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. (BUTLER, 2008, p. 194, 195)

A performatividade de gênero contribui para a consolidação da heteronormatividade e da heterossexualidade compulsória, que parte do princípio de que a heterossexualidade é o melhor modelo a ser seguido socialmente. Porém, ao pensar sobre estes dois conceitos, xs teóricxs queer se depararam com aqueles que são de fato os objetos de estudos da Teoria Queer: os corpos abjetos.

O conceito de *abjeção* foi formulado pela primeira vez por Julia Kristeva, em 1982, no livro *Pouvoirs de L'horreur: essais sur l'abjection*. Neste livro, Kristeva faz uma longa e detalhada análise sobre o que seria a **abjeção**. Em linhas gerais, a **abjeção** seria a fobia do

inominável, que seria anterior à simbolização. É o insignificável, aquele que precede o narcisismo, logo, é inominável. “O abjeto nos confronta [...] a nossas tentativas mais antigas de nos separar da entidade materna antes mesmo de existir fora dela graças à autonomia da linguagem”⁴ (KRISTEVA, 1980, p. 20). O abjeto está ligado a esta fobia, este medo inominável, esta incapacidade de produzir metáforas com os signos que conduzem o fóbico a produzir o medo do inominável. Fazendo uma relação com o tabu da castração da Psicanálise, Kristeva sugere que a fobia do homem com a abjeção é a mesma fobia da penetração e do desejo que se tem do interno. Ou seja, o sujeito abjeto para a Teoria Queer é o inominável, aquelx que vive além da norma e das fronteiras do definível e do indefinível. Para Butler, a abjeção se relaciona com “todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (BUTLER, 2002).

A **abjeção** pode ser considerada o lugar social em que se relega aquelxs que são consideradxs perigosxs para o seu bom funcionamento, à ordem social é à política. “A abjeção, em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça a visão homogênea e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2012, 24). Ou seja, quando o ACT-UP e a Queer Nation realizaram as primeiras manifestações nos Estados Unidos, levando os aidéticos às ruas e mostrando sua degradação física, resultado do descaso do governo Estadunidense, o que eles estavam fazendo era mostrar publicamente aquelx que não quer ser visto, aquelx que petrifica os olhos, que gera asco, nojo. Ao mostrar os seres abjetos, estavam manifestando-se de uma forma queer.

Porém, é importante perceber que os Estudos Queer não têm como objeto de estudo as sexualidades obrigatoriamente, e não estão ligados com os Estudos Gays e Lésbicos. A Teoria Queer tem como objetivo refletir sobre o sujeito abjeto, sobre as normas sociais, a desconstrução das naturalizações culturais, e a reflexão sobre xs silenciadxs pela história. Quando digo que a Teoria Queer não trabalha com a questão da homossexualidade, é pelo fato de que nem todxs os homossexuais são considerados abjetos. Existe uma norma homossexual – homonormatividade - que é tão opressora e hegemônica quanto a heteronormatividade. Se a heteronormatividade é materializada em um homem, branco, heterossexual, de classe média, a homonormatividade pode ser materializada da mesma forma, como um homem, másculo, branco, de classe média, que provavelmente é enrustido e *ativo*. A Teoria Queer dentro do mundo das sexualidades trabalha com as bichas, os “viados poc poc”, as “sapatões caminhoneiras”, as travestis, drag-queens, transexuais. A Teoria Queer

⁴ Tradução livre dx autor

portanto, não é uma defesa da homossexualidade, “é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo” (MISKOLCI, 2012, p. 25). Os Estudos Queer buscam desterritorializar todxs os tipos de normatizações sociais e binarismos, ultrapassando os estudos das sexualidades, o que contribui de igual maneira, para a não identificação da Teoria Queer.

Se a interpretação das teorias de Foucault contribuíram para a emergência destes três conceitos importantes para a Teoria Queer, foi a partir do que nos traz Jacques Derrida que encontramos instrumentalização para trabalhar com estes termos. O autor aproxima-se dos Estudos Queer principalmente a partir da leitura de *Gramatologia*, publicado em 1967, onde trabalha com os conceitos de **desconstrução** e **suplementariedadade**. É a partir do conceito de **suplementariedadade** que conseguimos perceber que o binarismo heterossexualidade - homossexualidade, ao invés de atuarem de forma hierárquica e repressora, na verdade existem de forma **relacional**. Ou seja, para Derrida todxs os binarismos partem do princípio de uma **suplementariedadade**. Um depende do outro para existir. A heterossexualidade só existe, pois existe a homossexualidade para legitimá-la. Para Louro, o binarismo é um pensamento que elege ou fixa como fundante ou como central uma ideia, uma entidade ou um sujeito, determinando desta forma o lugar do “outro”, o seu oposto subordinado (LOURO, 2001, p. 548). O primeiro termo seria entendido como superior, enquanto o segundo seria seu derivado inferior. Porém, é a coexistência de ambos que faz tanto um como outro poder existir. Para Derrida, esta lógica binária poderia ser abalada a partir da técnica da desconstrução, que seria analisar, escavar, mudar os recursos de olhar, e subverter o lugar destes binários. Sedgwick percebeu isto quando escreveu o seu *Between men*, ao sugerir que a heterossexualidade não atuava de forma repressora com a homossexualidade, e sim, como polo binário. Com isso xs teóricxs queer possibilitaram a desconstrução dos mais diversos binarismos, mesmo aqueles que parecem ser tão estáveis e concretos, como homem\mulher, masculino\feminino, centro\periferia, sabedoria\ignorância.

Um guia metodológico para viajantes pós-modernxs

Minha (ainda) breve história com a Teoria Queer teve início no 9º *Seminário Internacional Fazendo Gênero* (2010), na Conferência de Encerramento, ministrada por Miguel Vale de Almeida, intitulada *Ser, mas não ser, eis a questão. O problema persistente do essencialismo estratégico*. Nesta ocasião, o professor pronunciou diversas vezes o termo *queer*, colocando-o recorrentemente junto com as outras letras do Movimento LGBTTTIQA.... No momento imaginei que dentre tantas letras, esta era mais uma das identidades das quais estavam se debruçando os estudos de sexualidades.

Não passou muito para ter meu segundo contato, ainda no mesmo ano de 2010, em um dos grupos de estudos da pesquisa *Práticas Contraceptivas e Aborto em Grupos Populares Urbanos*, em uma sexta feira, junto à Professora Silvia Maria Fávero Arendt, Marisa Lis, Julia Rodrigues e Cristina Fusinato, no Laboratório de Estudos de Gênero e Família (LABGEF). Estávamos discutindo sobre a terceira onda do feminismo, e com o decorrer do assunto caímos na Teoria Queer. Por não ter ainda na época uma base bem fundamenta sobre as discussões sobre sexualidades, acabei compreendendo só superficialmente do que se tratava, mas cada vez com mais curiosidade. A oportunidade seguinte aconteceu em outro grupo de estudos realizado pelo LABGEF, no início de 2011, quando tive contato com Felipe Bruno Martins Fernandes, e pude ouvir seu ponto de vista sobre uma Teoria Queer que chamou de “Teoria da carnificação da carne”. Devo dizer que todos estes encontros prévios com a Teoria Queer, me fizeram despertar cada vez mais um interesse em saber melhor o que era aquilo que estava para mim se apresentando.

Foi só no primeiro semestre de 2011 que tive o meu primeiro contato mais aprofundado com o tema, quando tive a oportunidade de apresentar um seminário na disciplina “História, Corpo, Sexualidade e Nação: abordagens culturais”, ministrada pelo professor Edgar Garcia Júnior. Tive a oportunidade de ler alguns artigos, assistir filmes, e entender melhor do que se tratava esta *Teoria* com a qual havia me deparado há mais ou menos um ano atrás na época, e não havia entendido. Agora fazia mais sentido. Na verdade fazia muito sentido, e mesmo depois do seminário continuei com leituras e aprofundamento do tema⁵.

⁵ É importante ressaltar que permaneci com leituras individuais sobre a Teoria Queer até o início do ano de 2013, quando tive a oportunidade de participar da disciplina de Sexualidades, Homo-transsexualidade e Teoria Queer,

Mas com o passar do tempo, e das leituras, fui me perguntando: “Se a Teoria Queer começou a ser estudada nos Estados Unidos durante os anos 80, como foi que os brasileiros começaram a tomar contato com isto? Quando foi que começamos a estudar a Teoria Queer?”. Minha primeira pista sobre o assunto foi encontrada em um artigo de Richard Miskolci, sociólogo e contribuidor dos Estudos Queer no Brasil, intitulado *Não ao Sexo Rei: da estética da existência à política queer*, publicado no livro *Michel Foucault: Sexualidade, corpo e direito*, no ano de 2011.

Na página 58 deste texto, Miskolci começa a explicar sobre a *Política Sexual Brasileira contemporânea*, e no primeiro parágrafo diz o seguinte:

Em nosso país, a incorporação da Teoria Queer provavelmente se iniciou no final da década de 1990, dentro das disciplinas das Ciências Sociais, em particular na área dos estudos de gênero e Sexualidade. O marco de nossa recepção queer pode ser estabelecido em 2001, quando Guacira Lopes Louro publicou, na *Revista Estudos Feministas*, o artigo “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação”. A partir daí, a recepção da vertente teórica tem sido crescente e ganhado visibilidade em várias disciplinas, o que o dossiê “Sexualidades Disparatas”, publicado na revista *cadernos pagu* em 2007, já indicava. (MISKOLCI, 2011, p. 58)

No final deste mesmo parágrafo, Miskolci assinala em nota de rodapé a seguinte afirmação: “Um histórico da recepção da Teoria Queer no Brasil ainda está por ser feito, daí a caracterização geral neste parágrafo ser declaradamente parcial e incompleta.” (MISKOLCI, 2011, p. 58). Este foi o estopim que me encheu os olhos. Ao ler este texto, ainda no ano de 2011, compreendi que havia encontrado um tema que estava no calor da hora dos Estudos Queer no Brasil. Compreendi que as minhas dúvidas sobre como a Teoria Queer começou a ser estudada no Brasil, talvez fosse a mesma de várixs outrxs pesquisadorxs, e que talvez estivesse no lugar certo, na hora certa, com o tema certo. Minha questão com a Teoria Queer então se direcionou para a busca em responder a pergunta: “Como ocorreu a emergência da Teoria Queer no Brasil? O que permeia os anos 90? Será que Guacira Lopes Louro era a única teórica que tratava sobre o assunto? Como se desenvolveu a Teoria Queer no Brasil?”

Já desde o começo, quando escrevi meu projeto, tinha noção de que aquilo que ia fazer seria brincar com ideias e possibilidades, sem a pretensão de construir uma história rígida e total sobre estes estudos. Primeiro porque estava terminando a graduação, não estava terminando o mestrado ou o doutorado, que me exigiriam um nível de complexidade muito maior. Segundo, por que parto do princípio de que a história deve ser escrita a partir de

evidências e perguntas realizadas pelo pesquisador, destinadas ao passado, na tentativa de preencher algumas lacunas dadas pela intenção, sem a preocupação de escrever uma história total ou fundamental sobre os fatos.

Uma autora que contribuiu para minha compreensão desta questão foi Arlette Farge, durante a leitura do livro *Lugares para a História*. Neste livro, Farge diz que a escrita da História está relacionada com os ecos que os eventos encontram na atualidade. Estes “ecos” seriam as maneiras como a atualidade busca se atrelar ao passado, e como o historiador, no mundo em que está colocado, busca questionar o mesmo a fim de viver melhor com seu presente (FARGE, 2011, p. 13). O olhar para o passado, então, deve estar acompanhado de questionamentos do presente, estes que vão contribuir para responder aos “ecos” que os eventos encontram na atualidade. Quando faz este movimento de olhar questionador para o passado, o historiador encontra documentos, fatos, e evidências, envoltos por fragmentos, irrupções, e deslocamentos. Para Farge, é a partir destes “farrapos”, que o historiador deve trabalhar, se quiser dar conta das lacunas apresentadas pelos acontecimentos.

Estes fragmentos e evidências que apontam para uma história possível, são inicialmente um “pedaço de tempo” (FARGE, 2011, p. 71), “um fragmento da realidade percebida que não tem nenhuma outra unidade além do nome que se lhe dá” (FARGE, 2011, p. 71). É a partir do momento em que se percebem estes pedaços de tempo, estes fragmentos de realidade, que o historiador se vê defrontado com o heterogêneo, com os deslocamentos constantes, e cabe a ele dar sentido a estas realidades, a partir de inscrições temporais, que em certa medida, vêm com o intuito de preencher as lacunas abertas pela ação do questionamento. As evidências percebidas através das fontes encontradas, a partir do encontro de fragmentos, e a partir de sua nomeação, é que o historiador constrói sua história. E esta história, por ser heterogênea, e entendendo que para escrevê-la, selecionamos arquivos, deve estar sempre aberta, questionável, pronta para ser revisada e refeita.

Partindo deste princípio, entendo que o que este trabalho busca fazer é preparar um terreno, que seja questionado e revisitado quantas vezes forem necessárias, para que em trabalho conjunto, compreendamos os percursos dos Estudos Queer no Brasil. Entendo que muito provavelmente tenha deixado de fora autorxs importantes, que acabei por não ter tido contato, ou não ter selecionado. Porém, leitor, sinta-se a vontade, este trabalho está aberto à desconstrução.

Minha primeira preocupação durante a pesquisa foi em conhecer aquelxs com quem iria trabalhar e em juntar o máximo possível de artigos que tratassem sobre o tema,

produzidos por brasileiros, e a princípio publicados no Brasil. Já havia lido artigos de Guacira Lopes Louro e Richard Miskolci, e ouvido falar de Berenice Bento e Larissa Pelúcio, porém ainda de forma um pouco distante.

Minha primeira ferramenta para busca de trabalhos foi o Portal de Periódicos da CAPES. Lá encontrei diversos artigos, e sucessivamente ia visitando o currículo lattes dos pesquisadorxs. Uma conversa com a Professora Jimena Furlani, contribuiu para que eu criasse um critério rígido de escolha daqueles artigos que trabalhavam com a Teoria Queer realmente, ou só a citavam. Nesta conversa, a professora me alertou que os trabalhos que realmente partem de uma perspectiva queer, são aqueles que tratam o queer como *verbo* e não como *sujeito*. Ou seja, os trabalhos publicados que contribuíam de fato com a Teoria Queer, eram aqueles que estavam *queerizando* um tema, um objeto de pesquisa, uma percepção de mundo. Aqueles que estavam utilizando estes estudos como objeto, ou seja, na busca de legitimar um posicionamento teóricx, ou meramente reproduzindo os conceitos, não deveriam ser considerados como teóricxs Queer.

Definido meu primeiro critério de escolha, decidi que, em segundo lugar, só selecionaria artigos daqueles pesquisadorxs que tinham pelo menos 2 ou 3 artigos publicados em revistas acadêmicas. Excluí a princípio, aqueles que tinham só apresentado trabalhos em Congressos sobre o tema, por entender que os trabalhos de congressos estão geralmente em fase de construção, e os artigos têm um caráter mais definitivo e com maior peso e impacto no campo teóricx em questão.

Depois de ter pesquisado todxs os artigos que se aproximavam de uma abordagem queer no site de periódicos da Capes, e de analisar o currículo lattes de diversxs pesquisadorxs, comecei a analisar a congruência de co-autorias. Posteriormente, busquei o impacto destes assuntos nos Cadernos Pagu, e na Revista de Estudos Feministas. Neste momento percebi que este trabalho seria mais longo do que imaginava, e mais interessante do que pensei que seria, pois havia percebido que os Cadernos Pagu já estavam publicando desde 1995 artigos relacionados com as teorias de Judith Butler, e tangenciando as discussões dos Estudos Queer. E na Revista de Estudos Feministas, da mesma forma, percebi que o primeiro artigo sobre o tema não foi publicado por Guacira Lopes Louro em 2001, como diz Miskolci, e sim, por Francine Masiello, em 2000. Outro momento importante, que também contribuiu para que fosse possível um questionamento do que diz Miskolci, foi quando percebi outros dois artigos publicados sobre a Teoria Queer em 2001, de Tânia Navarro Swain e Mário César

Lugarinho, ambos da revista *Gênero*. Ainda pesquisei no Banco Nacional de Teses e Dissertações.

Havia selecionado nomes como Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Richard Miskolci, Larissa Pelúcio, Anselmo Péres Alós, Maria Rita de Assis Cesar, Pedro Paulo Gomes Pereira, Wagner Xavier de Camargo, Tânia Navarro Swain, Leandro Colling, Mário César Lugarinho, André Musskopf, Adriano Azevedo Gomes de León e Thiago Duque. O próximo passo foi uma análise detalhada dos currículos destxs pesquisadorxs, e a seleção dos trabalhos mais importantes, que abrangiam outrxs revistas acadêmicas – além da *Pagu* e *REF* - em geral das ciências humanas, com especial destaque para a revista *Bagoas*, *Ártemis*, *Gênero* e *Labrys*, que junto com as duas anteriores, pautam a produção bibliográfica relacionada às questões de gênero e sexualidades no Brasil.

Ao final desta pesquisa, havia selecionado aproximadamente 230 artigos, livros, e capítulos de livros, e mais aproximadamente 32 teses e dissertações tratando sobre a Teoria Queer. Dou especial atenção que a grande maioria destes trabalhos foram publicados a partir de 2007. Meu problema seguinte seria a leitura de todo este material. Resolvi fazer a análise por amostragem de cada autor. Destes 230 artigos, selecionei uma média de 80, que foram lidos em aproximadamente um mês, e que contribuíram para a reflexão sobre como a Teoria Queer se apresenta no Brasil.

Ao terminar esta leitura, optei por abordar o assunto em três diferentes momentos históricos. Primeiramente decidi por analisar os aspectos queer das produções brasileiras sobre sexualidades durante os anos 80. Minha intenção é perceber o que de queer já se fazia durante estes anos, e buscar uma *queerização* dxs autorxs, do jornal *Lampião da Esquina*, e do grupo *Somos*, primeiro grupo de luta homossexual brasileiro.

Num segundo momento, realizei uma análise de como xs autorxs brasileirxs foram tomando contato com a Teoria Queer durante os anos 90. Fiz isso a partir da análise das obras destxs autorxs, e de entrevistas realizadas por e-mail. Xs autorxs que me pareceram mais evidentes estudando a Teoria Queer neste momento são: Denilson Lopes, Maikon Synésio Alves Monteiro, Tânia Navarro Swain, Mário César Lugarinho, Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

Já numa terceiro momento, analiso a forma como os Estudos Queer se desenvolveram no Brasil a partir dos anos 2000, com a percepção de que novos autorxs como Berenice Bento, Richard Miskolci, Larissa Pelúcio e André Musskopf começaram a publicar artigos e a pensar sobre o tema. Também analiso a frequência de trabalhos apresentados no Seminário

Internacional Fazendo Gênero, que acontece de dois em dois anos na cidade de Florianópolis, e os Congressos da ABEH que, a partir de 2004, parece ser um forte propulsor destes estudos no Brasil. Percebo também, neste momento, a “explosão” do assunto a partir de 2007, quando cada vez mais autorxs como Leandro Colling, Anselmo Péres Alós, Tiago Duque, Pedro Paulo Gomes Pereira, Wagner Xavier de Camargo, por exemplo, começam a publicar trabalhos significativos, e cada vez mais teses e dissertações são defendidas. Neste momento também, percebe-se a organização da Revista Bagoas, que agrega artigos sobre os Estudos de Sexualidades, a organização de Dossiês que contemplam o assunto, e a organização de eventos como o *Queering Paradigms* em 2012 ou o Desfazendo Gênero em 2013.

É partindo destas concepções que me permito analisar as condições de emergência da Teoria Queer no Brasil, deixando a própria irregularidade dos arquivos criarem um campo de análise e de interpretação, pouco definitivos, quebradiços, moles. Busco perceber quais são as forças que entram em cena, os locais de afrontamento, os atores que passam dos bastidores ao teatro na emergência dos Estudos Queer no Brasil (FOUCAULT, 1979, p. 24). Sabe-se que a Teoria Queer emerge nos Estados Unidos durante os anos 80 e mais definitivamente em 1991. Porém, até que ponto o questionamento das sexualidades, dos papéis de gênero, dos binarismos, era uma exclusividade da produção teórica dos EUA durante a década de 1980? Quais foram os percalços, e de que forma, começou-se a interpretar estes estudos no Brasil durante a década de 1990? Quando aconteceu a emergência de uma Teoria Queer no Brasil? Ou melhor, houve a emergência de uma Teoria Queer no Brasil? É necessário que haja uma emergência para que estudemos um assunto?

Parafraseando Foucault, eu procuro zombar das origens. Não busco nas páginas a seguir a condição de legitimador da emergência da Teoria Queer no Brasil, e sim, de mostrar a complexidade que este campo já vinha se construindo desde a década de 80. Busco agitar o que parecia imóvel, e fragmentar o que parecia unido, “mostrar a heterogeneidade do que se imaginava em conformidade consigo mesmo” (FOUCAULT, 1979, p. 21). Busco mostrar que a Teoria Queer no Brasil não se construiu de maneira óbvia, ou a partir de uma importação dos EUA. Busco demonstrar como autorxs como Peter Fry, Néstor Perlongher ou o jornal *Lampião da Esquina*, já estavam no final dos anos 1970 e durante os anos 1980, constatando a construção social de sujeitos abjetos, questionando os binarismos sexuais, e enfatizando o caráter construído da homossexualidade. Da mesma forma, enfatizo como o movimento homossexual brasileiro, em especial o grupo *Somos*, primeiro grupo de luta homossexual do Brasil, já tinham como pauta política o questionamento dos binarismos

sociais, a luta contra a autoridade desmedida, e o esvaziamento de termos pejorativos, da mesma forma como estava se fazendo nos EUA com o termo *queer*. Na análise dos anos 90, busco organizar fatos e fragmentos, para a compreensão da efervescência intelectual que estava se formando desde 1995 em torno da Teoria Queer, e a partir dos anos 2000, tenho como objetivo brincar com ideias e possibilidades sobre os deslocamentos destes estudos no Brasil.

Este trabalho é aberto, contínuo, e não acaba com no final destas páginas. Já de antemão tenho noção que o que fiz foram escolhas, e estas acabam por obliterar possibilidades de construções historiográficas. Quero brincar com as origens, para enfatizar que a emergência da Teoria Queer no Brasil é relativa, pois a meu ver, antes mesmo de que ela estivesse sendo formulada nos Estados Unidos para depois ser reinterpretada pelxs teóricxs brasileiros, por aqui já jogávamos com seus termos, já eram realizadas análises próximas de uma interpretação *queer*.

A bicha louca também fala – o Brasil queer dos anos 1980

O fim da Segunda Guerra Mundial foi um marco para uma mudança de olhares para as relações sociais. Dentro das ciências humanas, por exemplo, passava-se de um modelo predominantemente evolucionista e determinista, para um modelo culturalista, principalmente influenciado pela antropologia, na figura de Franz Boas (LARAIA, 1986, p. 40). Dentro desta tendência, emergem alguns grupos sociais interessados em questionar as instituições disciplinadoras modernas, e lutar por seus próprios direitos. Estes movimentos, em especial o feminismo, o movimento homossexual e negro, e o ambientalismo, são denominados Novos Movimentos Sociais – por virem em uma perspectiva pós-movimentos sindicais (MISKOLCI, 2012, p.21) -, e emergem nos Estados Unidos e Europa em um momento de efervescência cultural e política muito específica da história do mundo ocidental moderno – que é a influência do movimento hippie, os beatniks, o Maio de 68, e toda uma perspectiva de liberação sexual e de repensar as questões políticas e sociais. No Brasil vivia-se neste momento a Ditadura Militar, que durou entre 1964 e 1985, e no ano de 1968, assinava-se o AI-5 – Ato Institucional nº 5 – famoso por seu caráter repressor. Ou seja, ao contrário dos países do norte, onde vivia-se um momento de abertura e liberação sexual e política, no Brasil vivia-se um momento marcado pelo exílio, a censura, e a falta de direitos civis.

Convivendo com esta realidade, os movimentos sociais no Brasil passaram por um momento inicial marcado pela reflexão de sua importância existencial. Era realmente importante lutar pelos direitos das mulheres? Porque deveríamos lutar contra o machismo? Era importante refletir sobre a homossexualidade no Brasil, enquanto havia um governo ditatorial, onde pessoas desapareciam, e ouviam-se boatos de tortura? Num primeiro momento, parecia que as lutas que mais importavam eram justamente aquelas pelo fim da ditadura. Porém, estes movimentos minoritários emergentes no Brasil adaptaram-se ao local, e esta militância ficou marcada por uma luta anti autoritária e pela anistia (PINTO, 2003, p. 43). Estes novos movimentos sociais têm um papel fundamental no questionamento da organização social, sexual, política, econômica e cultural de um sistema profundamente hierárquico, autoritário, masculino, branco e excludente (RAGO, 1997, p. 12).

O movimento feminista é organizado em três “ondas”, desde sua emergência como movimento social de luta política, no início do século XX. A primeira onda está relacionada com as lutas sufragistas e pelos direitos sociais e trabalhistas das mulheres. No Brasil a figura

emblemática deste feminismo é Berta Lutz, que contribuiu na busca pelo direito ao voto feminino, adquirido em 1932 (PINTO, 2003, p. 14).

A segunda onda está ligada à organização efetiva do movimento, e aconteceu durante as décadas de 1960 e 1970. Uma das primeiras obras que afirma a diferença entre sexo e cultura é *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*, de Margareth Mead, que problematiza a naturalidade das relações entre homens e mulheres nas sociedades ocidentais como supostamente “naturais”. Ela realiza sua pesquisa em três “sociedades primitivas”: os Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, na região da Melanésia, e identifica que estas sociedades se organizam de formas diferentes em relação aos sexos. Os Arapesh eram uma sociedade onde tanto homens quanto mulheres tinham temperamentos pacíficos e pouco bélicos. Os Mudugumor eram o contrário, tanto homens quanto mulheres tinham um temperamento bélico. E nos Tchambuli os homens ficavam em casa enquanto as mulheres trabalhavam (MEAD, 1969). Esta constatação da autora foi um marco para a separação do sexo – natureza, do temperamento – cultura, demonstrando como a forma que o homem moderno ocidental se comportava em relação entre sexos é relativa.

Este e outros trabalhos⁶ contribuíram para a emergência do conceito de **gênero** dentro dos debates feministas. Esta emergência está ligada com a busca em reforçar que as diferenças de comportamentos entre homens e mulheres não estava ligada ao **sexo** como fator **biológico**, e sim com o **gênero** como fator **cultural** (PEDRO, 2005, p. 78). Gênero é um conceito histórico cultural, relacional, que busca explicar culturalmente as diferenças entre homens e mulheres, e está ligado a uma luta feminista por direitos civis, sociais e humanos (PEDRO, 2005, p. 78).

O uso do conceito de **gênero** está localizado dentro da emergência da militância feminista de segunda onda, que luta pelo corpo, pelo prazer e contra o patriarcado – que é considerado o poder dos homens na subordinação das mulheres (PEDRO, 2005, p. 79). Uma das palavras de ordem daquele momento era “o privado é político”. Ou seja, as feministas buscavam refletir os motivos da subordinação das mulheres, que acontecia majoritariamente dentro do âmbito privado das relações entre os gêneros. Ou seja, tornar político o privado é dar significado às opressões que ocorriam dentro de casa e da vida particular dos casais. Além disso, era trazer para o político as questões privadas dos corpos das mulheres, questionando as

⁶Como o de Robert Stoller, *Sex and Gender*, de 1968, que problematiza a questão dos intersexuais, no sentido da relação entre o sexo biológico e o gênero identificado,

diversas “regras” ligadas à virgindade, aos bons costumes, ao recato, ao prazer, à procriação e ao lar.

Nos EUA, a segunda onda do feminismo teve como liderança o trabalho de Betty Friedan, *A Mística Feminina*, de 1963, e a organização do NOW – National Organization of Women (PEDRO, 2005, p. 79). Na França, o movimento feminista teve como principal propulsor o trabalho de Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, de 1949. Este trabalho, além de contribuir para a organização do feminismo francês, contribuiu para a reflexão feminista como um todo, que ao afirmar “Não se nasce mulher, torna-se”, põe em jogo uma noção construcionista de mulher. Isso significa que: nenhuma identificação de gênero é natural, nós nascemos sem gênero, somos ensinadxs a nos identificar com um ou com outro. Isto abriu a possibilidade, dando um passo a mais no processo de culturalização dos gêneros, de questionar o lugar do masculino e do feminino.

Porém, esta construção identitária não tardou a encontrar dificuldades. Formado primeiramente por mulheres de classe média e média alta, brancas, e intelectuais, ao se difundir, principalmente para os países periféricos da América e da África, o feminismo começou a ser estudado e buscou estatuto de identificação para as mulheres negras, índias, pobres, sindicalistas. Sendo assim, o primeiro feminismo da segunda onda encontrou algumas barreiras a ultrapassar. Estas mulheres exigiam um caráter de “diferença” dentro da diferença (PEDRO, 2005, p. 82). A categoria “mulher” até então construída para diferenciá-las dos homens, não era suficiente para identificar esta nova demanda do feminismo. Estas mulheres, ao contrário do que Betty Friedan afirmava em *Mística Feminina*, já trabalhavam há muito tempo, numa rotina estafante, onde seu salário contribuía para o sustento da família, e estava longe de ser uma “satisfação pessoal”. Desta forma nasce a concepção de que não havia “A Mulher”, e sim “As Mulheres”, que tinham realidades de mundo diferentes e necessidades distintas umas das outras. As formas de opressão eram diferentes, e as interpretações destas devem se adaptar ao local. Isto contribuiu para a difusão e a expansão da noção de “Feminismos”, democratizando a luta para as realidades locais. Porém, a luta principal era comum: tentar entender por que as mulheres eram subordinadas aos homens nas mais diferentes realidades sociais, e lutar para a diminuição destas desigualdades de gênero.

Este contexto influenciou tanto a emergência do feminismo no Brasil, quanto deu suporte à emergência do movimento homossexual, já que de início, este encontrou no feminismo um aliado. O fator principal que contribuiu para a emergência da segunda onda do feminismo no Brasil foi o exílio de intelectuais – homens e mulheres –, a partir de 1964,

quando acontece a instauração do governo militar. Isto abriu portas para o contato com outras realidades ainda muito pouco conhecidas no Brasil de efervescência cultural e política.

No Brasil a emergência do movimento homossexual se deu a partir de dois impulsos: a organização do jornal *Lampião da Esquina*, voltado ao público homossexual, que se concentrou principalmente em discussões políticas, sociais e culturais de seu público, assim como com a necessidade de “sair do gueto” da homossexualidade; e a emergência do Grupo *Somos: Núcleo de Afirmação Homossexual*, primeiro grupo brasileiro de luta política pelos direitos dos homossexuais.

Em meio a esta efervescência dos movimentos sociais minoritários durante a década de 70, a mídia teve papel importante de divulgação do que vinha acontecendo nos EUA e Europa, como a *Revolta de Stonewall*, por exemplo, que impulsionou a emergência do movimento homossexual nos EUA. Jornais de grande escala, como *O Globo*, cedeu espaço para a Associated Press em 1970 para a divulgação da marcha organizada pela Gay Liberation Front em Nova York naquele ano (GREEN, 2000, p. 416). O *Jornal da Tarde*, da mesma forma, publicaria em 1969 uma reportagem da Reuters sobre o *gay power* na Califórnia, Estados Unidos. Porém, os jornais que mais se importavam com a questão eram de menor escala. O *Snob* por exemplo, tinha durante o início dos anos 1970, uma coluna chamada **gay power** (GREEN, 2000, p. 416), e *O Pasquim* publicava frequentemente notícias sobre as manifestações, passeatas e novidades dos movimentos gays unificados, principalmente dos Estados Unidos.

Juntamente com as publicações da mídia, percebiam-se várias manifestações artísticas e literárias sobre o tema. As décadas de 1960 e 1970 são marcadas pelo lançamento de diversas peças de teatro e romances sobre o tema da homossexualidade, como por exemplo: a peça *Nosso Filho vai ser mãe*, de Walmir Ayala, interpretada em 1965; *The Boys in the Band* – *Os rapazes da banda*, peça off- Broadway apresentada no Brasil em 1968; *Greta Garbo, quem diria, acabou no Irajá*, de Fernando Mello, interpretada em 1974; e os romances *O Beijo no asfalto*, de Nelson Rodrigues (1966); *Histórias do amor maldito*, antologia de 35 contos de diversos autorxs brasileiros sobre a homossexualidade, editado por Gasparino Damta (1967); *Primeira Carta aos Andrógynos*, de Aguinaldo Silva (1975); e o amplamente divulgado *A Meta*, de Darcy Penteado, de 1976. Nesta mesma tendência, é importante perceber os diversos ícones artísticos como Caetano Veloso, Ney Matogrosso – *Secos e Molhados*, e os Dzi Croquettes, que contribuíam para o embaralhamento das noções de papéis de gênero e sexualidades.

Inspirados pelas crescentes publicações sobre o **gay power** que vinham sendo veiculadas nos jornais brasileiros, e pelas manifestações artísticas e literárias que abordavam a questão das homossexualidades de forma engajada e comprometida, emerge o jornal *Lampião da Esquina*. Trevisan narra este processo:

Foi neste contexto de ebulição que, no fim de 1977, alguns intelectuais, jornalistas e artistas homossexuais de São Paulo e Rio de Janeiro reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, a propósito de uma antologia de literatura guei latino-americana, organizada por Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine press, de São Francisco (Califórnia). Eu era um deles. Nesse encontro, surgiu a ideia de se formar um coletivo para a criação de um jornal feito por e com ponto de vista de homossexuais, que discutisse os mais diversos temas e fosse vendido mensalmente nas bancas de todo o país. Aumentado de alguns novos componentes, o grupo se cotizou e o projeto floresceu, com uma periclitante infra-estrutura financeira. Em abril de 1978, aparecia então o número 0 do jornal *Lampião*. (TREVISAN, 2007, p. 338).

Na outra ponta da situação, emergia o movimento homossexual brasileiro. Um dos fatores que contribuiu para sua emergência foi o exílio de alguns intelectuais na Europa e EUA durante a ditadura militar, o que fez com que pudessem tomar contato com outras realidades e ideias. Refiro-me principalmente a João Silvério Trevisan, que durante seu exílio entre 1970 e 1976, teve contato com o Gay Liberation Front nos EUA, o que o possibilitou, dentre outros fatores, a pensar sobre a necessidade de um movimento homossexual no Brasil (TREVISAN, 2007, p. 336).

Em 1976 João Silvério Trevisan retornava do exílio nos Estados Unidos. Foi quando tentou organizar o primeiro grupo de debates sobre a questão homossexual no Brasil. Segundo Trevisan,

Foi uma sensação de inequabilidade que me levou a tentar agrupar alguns estudantes universitários homossexuais, para formar um núcleo de discussão sobre homossexualidade, ainda em 1976, na cidade de São Paulo. Às reuniões nunca esteve presente mais do que uma dúzia de pessoas, todos homens jovens e esquerdistas, estudantes universitários ou profissionais recém-formados. Alguns vinham com vagas propostas liberais e reivindicatórias, enquanto outros pensavam e sentiam com os mesmos entraves ideológicos da velha esquerda. Houve tentativa de estudar alguns textos. Mas os participantes, muito reticentes com suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhação da parte de seus companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se fazia ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nessa questão. (TREVISAN, 2007, p. 337)

Dois anos depois desta tentativa de Trevisan, e logo após a publicação do primeiro número do *Lampião da Esquina*, um grupo de intelectuais e militantes juntam-se em São Paulo e organizam aquele que será reconhecido pela literatura como o primeiro grupo de ação militante homossexual do Brasil (FACCHINI, 2005, p. 93), chamado naquele momento de Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais, e rebatizado no mesmo ano de 1978, de *Somos: Núcleo de Afirmação Homossexual* (GREEN, 2000, p. 432).

Quais seriam os enunciados presentes no jornal *Lampião* e no Grupo Somos que permitiriam a elaboração de uma leitura queer? O ano de 1980 marcou o estabelecimento de alguns pontos de luta que considero importantes de serem analisados, durante o 1º Encontro Nacional de Grupos Homossexuais, em São Paulo. Durante este encontro discutiu-se questões de identidade homossexual, as relações entre partidos políticos e movimento social, e a organização dos grupos em geral. Segundo Fry, ficou evidente ao final do evento, “uma generalizada antipatia para com quaisquer formas de autoritarismo, seja no interior de partidos políticos, seja nas relações entre homens e mulheres, seja também entre pessoas do mesmo sexo”. Segundo o autor, o movimento denominou-se autônomo de qualquer relação política, e declarou seu apoio às lutas feministas contra o machismo, inclusive dentro das próprias relações homossexuais. Declarou-se contra as dicotomias “ativo\passivo”, “dominador\dominado”, “bofe\bicha”, “fanchona\lady”. A prática da bissexualidade era criticada como fuga da homossexualidade, porém era por vezes glorificada como uma “subversão de todas as regras” (FACCHINI, 2005, p. 96). O prazer era visto como objetivo final, e o autoritarismo e a hierarquização das relações deveriam ser combatidos em todos os âmbitos, dentro e fora do grupo (FACCHINI, 2005, p. 96). No que tange às questões de auto identificação, o movimento homossexual se distanciou do termo **entendido** (FRY, 1982), e do termo **gay**⁷, e optou pelo esvaziamento estratégico da palavra **bicha** de seu conteúdo pejorativo. O objetivo era tanto um distanciamento dos termos pejorativos que carregam a palavra **bicha**, quanto legitimar o lugar de um militante engajado e consciente de sua luta política. “Se autodenominar de ‘bicha’ veio a ser uma maneira de ‘assumir’ uma homossexualidade considerada mais ‘consciente’ do que a dos *gays* e ‘entendidos’ e obrigar a opinião pública a reconsiderar suas atitudes em geral.” (FRY, 1985, p.24). Por fim, um dos aspectos desses grupos, principalmente do *Somos*, e característica visível no jornal *Lampião*

⁷Este afastamento ocorreu como uma maneira de encontrar originalidade dentro do movimento, ao invés de assimilar o conceito “gay” que o Gay Liberation Front estava utilizando nos EUA. Porém, este termo seria posteriormente assimilado pelo Grupo Gay da Bahia.

da Esquina, era a busca por “sair dos guetos” da homossexualidade, expandindo as fronteiras de expressão da sexualidade.

Este primeiro momento do movimento homossexual marca uma pauta de atuação voltada à busca pela transformação social. Buscava-se formar uma identidade homossexual de luta e igualdade. Posteriormente, principalmente depois da dissolução do Somos e que grupos como o Grupo Gay da Bahia e o Triângulo Rosa tomaram a frente da luta em âmbito nacional, a partir de 1985, afasta-se da busca pela transformação social e aproxima-se das lutas por direitos civis e contra a discriminação (FACCHINI, 2005, p. 111).

Três elementos do movimento homossexual brasileiro e do jornal *Lampião da Esquina* me interessam para realizar uma leitura queer destes aportes: o esvaziamento da palavra **bicha**; a crítica às dicotomias sexuais; e a crítica à heterossexualidade presente no *Lampião*.

Para Jagose, o termo *queer* faz parte de uma série de denominações que foram cunhadas durante o século XX para designar aquelxs que fazem sexo com pessoas do mesmo sexo. Na década de 1960, o termo **gay**, que teria sido cunhado pelos anos 30 e muito difundido durante a 2ª Guerra Mundial, foi mobilizado pelo nascente movimento homossexual nos EUA, com a intenção de enfraquecer o termo **homossexual**, e tirar a prática de uma lógica binária que coloca o gay como sujeito inferior à heterossexualidade. Mesmo sendo criticado pela frente conservadora da época, o termo funcionou e se disseminou tanto nos EUA como ao redor do mundo (JAGOSE, 1996, p. 73).

Mas para a autora, o *queer* é um termo que antecede o **gay**, sendo cunhado pelos anos 1910\1920, para designar xs homens que se identificavam com a homossexualidade, mas que carregavam trejeitos femininos e pouco parecidos com o gênero masculino. Durante a década de 1980, este termo teria ganhado força, dentro e fora da academia, como um reflexo da tendência pós-estruturalista que estava a se formar. Além disso, a deslegitimação das lutas identitárias **liberacionistas**, **liberais**, **étnicas** ou mesmo **separatistas**, contribuíram para que lentamente se encontrasse no termo *queer* um local para se pensar a subversão e o caráter diluído das sexualidades e gêneros. O termo **gay**, por mais que tenha sido difundido, estava associado a uma luta identitária, o que ia na contra corrente das produções e do que estava se pensando neste momento (JAGOSE, 1996, p. 76). Para Angelia R. Wilson, um dos aspectos que diferencia o Gay Liberation Front do Queer Nation por exemplo, é que o primeiro se direciona a uma luta identitária, enquanto segundo se preocuparia com uma política da diferença (JAGOSE, 1996, p. 77).

Por este prisma, podemos pensar que o movimento de esvaziamento de termos que estava sendo realizado também no Brasil, encontra um meio termo entre os dois movimentos explicados acima. A princípio, podemos pensar que o grupo *Somos* estava contribuindo na busca por termos e palavras que se encaixassem a uma lógica sexual brasileira. Na busca por um termo original, estavam utilizando o **bicha**, que de certa forma é tão pejorativo quanto o *queer*, para construir uma identidade homossexual. Com este movimento, estavam também buscando questionar alguns binarismos, e se afastar da homossexualidade patologizada.

Mas como lembra Peter Fry, por mais que este projeto de esvaziamento seja “revolucionário”, não podemos deixar de perceber o caráter conservador que o envolve, já que “não consegue pôr em questão os fundamentos da taxinomia que divide o mundo em ‘heterossexuais’, ‘homossexuais’ e marginalmente ‘bissexuais’” (FRY, 1982, p. 107). Ao buscar reinterpretar um conceito altamente estigmatizado, o *Somos* não está buscando integrar todos os tipos de homossexuais, e sim, legitimar uma identidade homossexual que se afaste dos estereótipos. Como diz Fry, “parece fora de dúvida que [...], eles contribuem para que se continue discriminando os machos em duas categorias estanques: homossexual e heterossexual” (FRY, 1982, p. 107). Talvez esta crítica fique mais evidente pelo fato de o grupo não ter desenvolvido seus objetivos e não ter escrito documentos que problematizem esta questão.

Outra característica *queer* que está presente principalmente no *Lampião*, é uma crítica, mesmo que sem grandes desenvolvimentos, da heterossexualidade. A edição número 6, de Novembro de 1978, traz na página 2 a tradução de um texto de James Lindesay (Osler House, Oxford), intitulado “Heterossexualidade: perversão ou doença?”. Neste texto Lindesay realizada uma irônica análise das “causas” da heterossexualidade, contribuindo para que o leitor reflita sobre o caráter “natural” desta sexualidade.

“Está se tornando cada vez mais aparente que os heterossexuais [...], formam de fato uma significativa proporção da comunidade – é de longe o mais comum dos desvios sexuais -, de forma que o médico tem de estar preparado para tratar do problema quando ele surge. [...] graças a um processo de auto seleção certas ocupações são as que os heterossexuais têm maior tendência a exercer. Entre os homens, essas ocupações incluem trabalhos agressivos como os de mão-de-obra ou de motorista de caminhão, que ajudam a aguentar as ansiedades resultantes do desempenho de um papel. [...] Muitas mulheres, naturalmente, não conseguem trabalhar, presas em casa por causa das crianças, que são quase sempre a consequência das relações heterossexuais. [...] [os heterossexuais] procuram constantemente a satisfação sexual através de relações sempre iguais e muitas vezes superficiais, geralmente anônimas e raramente satisfatórias (de fato, a prostituição

heterossexual não é incomum). Numa tentativa de desfazer este quadro deprimente, muitos heterossexuais chegam a aderir a um tipo de ‘casamento’[...]. Não se deve esquecer que alguns dos nossos maiores cientistas, artistas, advogados e até primeiros-ministros foram e são heterossexuais. [...] [Os heterossexuais] têm dificuldade em conciliar impulsos condicionados e agressivos e há grande tendência de se tornarem estereotipados em seu papel específico; qualquer ameaça a esse papel lhes causará obvia ansiedade e poderá até empurrá-los para a violência física”⁸.

É interessante pensar que este jogo irônico criado pela autora incita o deslocamento dos lugares estabelecidos das sexualidades, e contribui para a reflexão sobre a naturalidade da heterossexualidade ou da homossexualidade. A Teoria Queer problematiza a heterossexualidade a partir da tentativa de desconstrução dos binarismos de sexualidade e da heteronormatividade. Mas contando com o fato de que em 1979 a Teoria Queer ainda estava em formação nos Estados Unidos, a presença de um artigo que aborde de forma irônica a heterossexualidade, buscando desconstruir o local da homossexualidade como natural, é um tanto quanto inovador e aponta no mínimo, que a intelectualidade que estava refletindo sobre estes temas estava realizando debates importantes de desnaturalização das sexualidades.

Em outro texto, da edição número 25, de junho de 1980, Darcy Penteado assina um ensaio intitulado “Começam a nos entender. Mas é isso o que interessa?”. Neste ensaio o autor faz uma crítica aos estudiosos que buscam explicar elementos da homossexualidade, porém “partem de princípios errados”. Estes princípios, ao olhar de Penteado, seriam o da experiência de vivência da homossexualidade. Ele diz que nenhum autor heterossexual conseguiria explicar a complexidade da homossexualidade, pois não a vivencia, e por isto, não a entende. Na sequência de seu texto, complementa, apontando para uma desnaturalização das sexualidade:

Não fomos nós que inventamos os tais prefixos **hetero e homo** – foram eles os hétéros que assim fizeram para defender sabe-se lá quais princípios de sobrevivência e supremacia. Se eu fosse uma dessas muitas bichas inteligentes porém malditas que circulam por aí, diria que dormimos no ponto: essa imposição de um sistema heterossexual foi circunstancial, uma espécie de golpe político para tomar o poder. O jeito foi aceitá-lo incondicionalmente por que, como sempre acontece nesses casos, montou-se paralelamente um sistema de repressão chamado machismo, para impor, proteger e manter o poder dominante.⁹

⁸ LAMPIÃO DA ESQUINA – Ano 1 – nº 6 – Novembro de 1978 – p.2

⁹ LAMPIÃO DA ESQUINA – Ano 3 – nº 25 – Junho de 1980 – p. 12

Por mais que Penteado caia na hipótese repressiva, contemporaneamente reavaliada por Michel Foucault em *História da Sexualidade I*, seu posicionamento é de alguém que parte do princípio de que a heterossexualidade é construída, e por isso, passível de ser criticada. É interessante também perceber que Penteado, em 1980, se refere a “imposição de um sistema heterossexual”, algo que se assemelha ao conceito de **heteronormatividade**, que seria cunhado por **Michael Warner**, em 1991 e contribuiria para uma reflexão dos Estudos Queer.

Porém, na continuidade do texto o autor aponta para a construção identitária homossexual, afastando-se de uma perspectiva queer:

Entenda-se que não é minha intenção ser proselitista, pregando a inversão dos papéis, isto é, segregando os héteros para impor padrões homossexuais no mundo. Desejo, isso sim, e bem menos pretensiosamente, fazer válida **a nossa normalidade** – mas que ela nos venha por direito, não obsequiando como uma abertura política, na forma de uma concessão piedosa ou como prêmio de bom comportamento [...]
¹⁰. (grifo meu)

Neste excerto fica visível que ao mesmo tempo em que se reivindica uma desconstrução do local da heterossexualidade, busca-se legitimar o local de normalidade da homossexualidade. Ainda neste ensaio, nos últimos parágrafos, Darcy apresenta novos sinais de desconstrução das normalidades taxonômicas:

Para qualquer tipo de tentativa de integração minoritária é **necessário o abandono completo dos padrões estabelecidos pelo sistema dominante**, tanto de uma parte como da outra¹¹. (grifos meus)

Com isso pode-se perceber um caráter *queer* de discussão das normatizações sexuais pelo jornal *Lampião*, que por mais que em alguns momentos caia na reificação das normas dos padrões sexuais, por outros consegue desenvolver críticas fortes aos “padrões estabelecidos pelo sistema dominante”. O *Lampião da Esquina* é um jornal que escreve para o público do seu tempo, e com as ideias do seu tempo, porém não posso deixar de evidenciar que as discussões realizadas por seus editores contribuam para uma arqueologia do saber sobre a Teoria Queer.

Além disso o jornal dedica alguns números para as questões que seriam tratadas posteriormente com mais dedicação pelos teóricxs queer, como um número inteiro dedicado à questão da transexualidade, a edição nº 35, e também a edição nº 32, com matéria de capa falando sobre travestilidade. É interessante perceber a visibilidade destxs questões neste momento histórico marcado principalmente pela luta homossexual e lésbica.

¹⁰ Idem

¹¹ Idem

Outro elemento que pode ser lido sob uma perspectiva *queer* é a crítica a binômios como *ativo\passivo*, *dominador\dominado*, *bofe\bicha*, *fanchona\lady*, realizada principalmente pelo grupo *Somos*. Segundo Louro, apropriando-se da teoria de Derrida, a Teoria Queer busca identificar os binarismos e desconstruí-los. Para Derrida a lógica social ocidental opera em certa medida na contemporaneidade através de binarismos, através da eleição ou fixação de uma ideia, sujeito ou entidade fundante ou natural, determinando com isso, o seu oposto subordinado, o “outro” legitimador (LOURO, 2001, p. 548). O termo principal é concebido como superior, porém o seu oposto é visto como o composto necessário para sua existência. Neste sentido, a heterossexualidade só consegue se legitimar enquanto tal, tendo a homossexualidade na sua oposição.

A Teoria Queer busca problematizar os lugares estabelecidos por estes binômios a partir da desconstrução dos locais normativos impostos pela imposição dicotômica (LOURO, 2001, p. 548). Porém, no Brasil dos anos 80, esta busca pelo distanciamento dos binarismos parecia estar ligada também com a vertente antiautoritária típica destes movimentos. Havia um interesse no afastamento de qualquer forma de poder autoritário e hierárquico, e com isso, afastava-se também de uma norma sexual baseada na fixação identitária entre ativo\passivo, heterossexual\bixa, dentre outros. Sendo assim, esta característica do movimento homossexual pode ser lida a partir de lentes *queer*.

Vale lembrar que neste momento histórico a homossexualidade ainda era considerada uma doença. Fazia aproximadamente um século que Kraft-Ebing havia escrito *Psycopathia sexualis*. Ou seja, por mais tenha acontecido a emergência dos movimentos de luta política homossexuais ao redor do mundo, a homossexualidade continuava até os anos 70 sendo considerada como uma patologia e algo “contranatural”. Um dos primeiros trabalhos que questiona este lugar biológico da homossexualidade é o artigo escrito pela socióloga inglesa Mary McIntosh, *The Homosexual Role*, em 1968 (MISKOLCI, 2012, p. 29). O texto vai dizer claramente que a homossexualidade é algo construído socialmente. Outro autor que contribuiu muito para estes primeiros estudos foi Jeffrey Weeks, publicando em 1977 o seu *Coming Out: Homosexual Politics in Britain from the Nineteenth Century to the Present*. A tentativa destes primeiros estudos culturalistas era mostrar que gays e lésbicas eram sujeitos “normais”, que existiam dentro da sociedade. Porém, sem querer, eles contribuíam para legitimar o lugar da heterossexualidade como hegemônica e que a homossexualidade era algo

restrito a uma minoria de pessoas, que a sociedade deveria aprender a conhecer e respeitar (MISKOLCI, 2012, 30) ¹².

Na metade dos anos 1980 são publicados artigos e livros que viriam a se tornar os primeiros documentos com temática *queer*. São textos escritos por homens e mulheres feministas, que buscavam questionar o lugar do gênero dentro da teoria feminista, e questionar quem era o sujeito do feminismo. Os primeiros livros considerados com temática *queer* são: *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* (1985), e *A Epistemologia do Armário* (1991) de Eve Kosofsky Sedgwick, *One Hundred Years of Homosexuality and other essays on Greek Love* de David M. Halperin e *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade* (1990) de Judith Butler.

O que estes estudos vão trazer de novo? O questionamento da heterossexualidade como norma. Vão questionar o binômio heterossexualidade\homossexualidade, e dizer que ambos são conceitos historicamente e socialmente construídos. Questionam os lugares estáveis e não transitáveis das sexualidades, supondo que poderia haver a possibilidade de uma forma ilimitada de experimentar as sexualidades (MISKOLCI, 2012, p. 30). Mas e no Brasil, o que estava sendo produzido sobre o assunto? Estava a produção brasileira alinhada com aquilo que estava sendo produzido nos outros lugares do mundo?

O início dos anos 80 marca além da emergência do jornal *Lampião da Esquina*, e dos movimentos homossexuais de luta política, os primeiros trabalhos acadêmicos que utilizam a questão das sexualidades como objeto de pesquisa. Para Maria Teresa Citeli, a emergência dos movimentos sociais – sobretudo feminista e homossexual – na década de 1970, estavam em estreita relação com a academia. Havia uma ênfase na igualdade dos direitos e uma crítica ao caráter histórico das hierarquias entre os sexos e de sexualidade, que neste momento eram fortemente descritas como construções sociais, na busca de criticar o caráter natural das práticas sociais. O início dos anos 1980 marca também os primeiros trabalhos da terceira onda feminista, buscando a dissociação entre o exercício da sexualidade e a reprodução, afirmando o direito ao prazer e ao próprio corpo (CITELI, 2005, p. 17). Estas características são visíveis e se estendem ao movimento homossexual.

Segundo Citelli, as produções em torno das questões de sexualidades começaram a ser realizadas na década de 70 e intensificaram-se na de 80. Começaram a ser escritas principalmente dentro de grupos fechados de mulheres, que posteriormente encontraram apoio

¹² Vale lembrar que posteriormente Jeffrey Weeks se tornou um importante teórico do construcionismo sexual, alinhando-se às perspectivas Foucaultianas.

nas associações feministas formadas graças à emergência do feminismo. Estas produções fixaram seus polos principalmente na Fundação Carlos Chagas; no IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, na Unicamp; no Rio de Janeiro [Museu Nacional da UFRJ], Universidade Federal do Rio de Janeiro; no Instituto de Medicina Social da UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; no ISER – Instituto de Estudos da Religião; e no Rio Grande do Sul [Departamento de Antropologia da UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul] (CITELLI, 2005, p. 18). Os assuntos mais recorrentes nos primeiros trabalhos que compõe o campo das sexualidades tinham como foco as questões de conjugalidades, família, direitos sexuais, e aborto.

É neste cenário que são publicados os primeiros trabalhos e análises que usam a sexualidade em geral, e a homossexualidade em específico, como objeto de estudo. A edição número 11 do *Lampião da Esquina*, de abril de 1979, traz na página 17 um texto assinado por Reginaldo Prandi, intitulado “Homossexualismo: duas teses acadêmicas”.

Neste texto, o autor apresenta o que ele diz serem os dois primeiros textos acadêmicos dedicados à questão da homossexualidade no Brasil. O primeiro deles é o texto de José Fábio Barbosa da Silva, publicado em 1959 na revista *Sociologia*, intitulado *Aspectos Sociológicos do homossexualismo em São Paulo*, e orientado por Florestan Fernandes. Em seu artigo, José Fábio utiliza-se das teorias patológicas e de desorganização social, baseando-se nos teóricos da Escola de Chicago para realizar uma relação entre “desenvolvimento da homossexualidade” e desenvolvimento da cidade. Ele sugere que o centro da cidade de São Paulo, por ter tido sua área residencial transferida às regiões periféricas, teve uma diminuição do controle social, o que teria configurado a região como “de prazer e de exploração organizada do vício” (SILVA, 1959, p. 354). Segundo Prandi, “escapando do psicologismo vulgar, mas preso à pobreza teórica do funcionalismo, o autor não vai além da descrição elementar das relações aparentes. Mas guarda o mérito de iniciar a discussão” (LAMPÃO DA ESQUINA, 1979, p. 17).

Por mais que o trabalho de José Fábio tenha sido pioneiro, passaram-se 20 anos para que o tema da homossexualidade voltasse a aparecer no meio intelectual brasileiro. O segundo trabalho que se tem notícias é de 1977, e consiste na dissertação de mestrado de Carmen Dora Guimarães, orientada por Gilberto Velho, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em

Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e intitulada “O Homossexual visto por *Entendidos*”.¹³

Já no título do trabalho, Guimarães faz clara alusão ao sistema de identificação sexual descrita por Peter Fry em “Da Hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil”, que será analisado mais profundamente adiante. Rapidamente, em seu texto Fry sugere que a partir do final dos anos 60, os homossexuais no Brasil começam a deixar de se identificar em uma lógica *hierárquica* onde o sujeito passivo seria considerado homossexual e o ativo não tem sua sexualidade questionada, e passam para um sistema de *Entendidos*, onde a atividade sexual – ativo\passivo – é variável, e ambos se consideram homossexuais. O objetivo principal de Guimarães é identificar como essa lógica foi assimilada em um grupo de 14 jovens homossexuais masculinos residentes no Rio de Janeiro, de classe média, e em sua maioria originários de Minas Gerais. A autora identifica os quadros de estilos de vida dos entrevistados, seus critérios de identidades e hierarquização, suas estratégias de vivência em uma sociedade “majoritariamente heterossexual”, a descoberta da homossexualidade e o processo até a aceitação. Fornece também um roteiro de locais de atividade pública homossexual no Rio de Janeiro. Para Prandi, o livro de Guimarães ao final se configura como uma espécie de “cartilha pedagógica” aos homossexuais, “em que se inscrevem valores e normas de comportamento” (LAMPÃO DA ESQUINA, 1979, p. 17).

Tanto o trabalho de Guimarães, quanto o trabalho que se seguiu ao dela, “O Estigma do Passivo Sexual”, de Michel Misse, publicado em 1979, seguindo a tendência do grande leque de estudos das sexualidades, centralizaram-se na área da Antropologia Social. A tendência era que os estudos sobre homossexualidades se adensassem, expandissem e diversificassem, apoiados em intelectuais estrangeiros ou retornados do exílio, e graças à redemocratização do país, que garantia uma maior possibilidade de discussão pública destas questões. Porém o surgimento da AIDS, ao mesmo tempo em que contribuiu para uma publicização destes estudos, fez com que eles ficassem estreitamente ligados ao campo dos processos saúde-doença (GÓIS, 2003).

Isto fica claro no levantamento bibliográfico *Homossexualidade, Bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: Uma Bibliografia Anotada das Ciências Sociais e afins*, realizado por Carmen Dora Guimarães, Veriano Terto Júnior e Richard Parker, em 1992. Segundo estes

¹³ Prandi nos lembra que durante estes 20 anos entre 1959 e 1979 a homossexualidade apareceu em alguns trabalhos acadêmicos, mas sempre colocada em segundo plano e geralmente tratada como patologia. Um exemplo é o livro *A Juventude diante do Sexo*, do psiquiatra José A. Gaiarsa, que dedica um capítulo para as mais frequentes “perversões sexuais”. Na página 297, Gaiarsa chega à conclusão de que “A homossexualidade não é um problema sexual mas sim um problema de estrutura de caráter e de comportamento”.

autorxs, no período entre os anos de 1972 e 1991 foram realizados cerca de cem trabalhos que envolvem a homossexualidade e a questão da AIDS. Dentre estes, cerca de trinta e um referem-se à questão da AIDS, a sua maioria localizada entre os anos de 1985 e 1991¹⁴.

Sobre toda essa produção publicadas durante a década de 80, gostaria de me ater a dois livros e um artigo em especial, produzidos por três autorxs, que a meu ver conversam de certa forma com a Teoria Queer. São eles: *O que é homossexualidade?* de Peter Fry e Edward MacRae (1985); *Da Hierarquia à Igualdade*, de Peter Fry (1982); *O que é AIDS?*, de Néstor Perlongher (1987). Utilizo estes três trabalhos como amostra da produção que estava sendo realizada no Brasil durante a década de 80, e busco identificar pontos que contribuíam para uma análise *queer* destas obras. Considero importante realizar uma leitura de elementos que desnaturalizam as sexualidades, e principalmente no trabalho de Néstor Perlongher, busco mostrar como ele realiza uma discussão densa sobre a construção do mito da AIDS, e, mesmo entrelinhas, faz uma ligação entre a abjeção e os sujeitos contaminados com o vírus.

Peter Fry escreve o artigo *Da Hierarquia à Igualdade, a Construção Histórica da Homossexualidade no Brasil*, em 1982, a partir de um trabalho de campo realizado em Belém em 1974. Neste trabalho de campo, Fry percebe como na periferia daquela cidade, existia uma lógica hierárquica que regia as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Segundo o autor, neste sistema os **machos** organizam-se em duas categorias, **homens** e **bichas** (FRY, 1982, p. 90). Os **homens** representavam um papel de gênero mais aproximado à masculinidade e à atividade, e as **bichas** se aproximavam mais da feminilidade e da passividade. Neste sentido, o **homem** penetrava, e a **bicha** era penetrada, representando um sistema análogo aos relacionamentos heterossexuais. O **homem** neste sistema, pode manter relacionamentos sexuais com pessoas do mesmo sexo sem perder seu “status” de masculino heterossexual, pois a medida em que mantém o papel sexual ativo, não é considerado homossexual.

Segundo Fry, este modelo hierárquico “é bastante hegemônico nas classes mais baixas e no interior do país” (FRY, 1982, p. 93), pois nas classes médias das grandes metrópoles “surge um sistema diferente que pode ser facilmente identificado a partir da década de 1960, quando aparece uma nova identidade sexual, o *entendido*” (FRY, 1982, p. 94). Neste sistema, há uma certa liberdade no que concerne aos papéis de gênero e à atividade ou passividade, onde ambos os parceiros se consideram homossexuais, e admitem uma identidade

¹⁴ Para um pequeno comentário de cada um destes trabalhos, pode-se ler o documento, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311992000100006&script=sci_arttext (acesso em 16/05/2013)

homossexual construída. Esta construção identitária muito tem a ver com a influência dos primeiros movimentos homossexuais do Brasil, interessado na construção de um sujeito homossexual consciente de sua sexualidade. Para Fry, “se o sistema **A** exalta a segregação dos papéis de gênero e a hierarquia, a retórica do sistema **B** é a da igualdade e simetria” (FRY, 1982: p. 94).

Na sequência do texto, Fry realiza uma densa análise da construção do sujeito homossexual pela medicina desde o século XIX, tomando especial cuidado com a questão taxonômica. Esta preocupação parece ser fruto da leitura de *História da Sexualidade I*, de Michel Foucault, e da compressão da construção das concepções sexuais a partir do discurso. Por isso, Fry toma um posicionamento político ao afirmar por exemplo, que falar sobre uma *condição* homossexual poderia ser interpretada como uma reificação do lugar medicalizado e patológico dado ao homossexual pelo poder médico. Ainda neste sentido, Fry coloca no começo do texto que “as taxonomias são profecias que se cumprem. Postula-se, por exemplo, a existência de um tipo natural, o homossexual com sua essência e especificidade, e logo ele passa a existir.” (FRY, 1982, p. 89). Esta preocupação discursiva e de construção dos indivíduos a partir das inscrições, é amplamente explorado por Michel Foucault no livro supracitado.

Pode-se perceber que Fry termina seu texto com questionamentos que podem ser lidos a partir de uma interpretação *queer*, quando o autor diz que,

ambos os sistemas de significação são, portanto, fundamentalmente dualistas. O primeiro exalta os papéis de gênero que se relacionam hierarquicamente (ao menos em teoria), enquanto o segundo propõe que os indivíduos se relacionem igualitariamente. Parece então, que estamos perante uma cultura na qual as coisas tendem a ser classificadas em termos de oposições binárias (FRY, 1982, p. 109).

Elementos *queer* também podem ser percebidos no livro *O que é Homossexualidade?*, assinado por Peter Fry e Edward Macrae. Isto pode ser visto já na introdução, por exemplo:

Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ele associadas são produzidas *historicamente* no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo dessas sociedades. (FRY, MACRAE, 1985, p. 10)

Assim, queremos arrancar a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina, que têm se apropriado do assunto crescentemente desde os meados do século XIX, para colocá-la no campo do estudo da cultura e da política no seu sentido mais amplo. (FRY, MACRAE, 1985, p. 10)

Desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais. Para nós, um, ou outro ou ambos têm o mesmíssimo valor e devem ser vistos com a mesma perplexidade normalmente apenas reservada para a homossexualidade. (FRY, MACRAE, 1985: p. 16)

Este último trecho em especial, ao problematizar o caráter de normalidade da heterossexualidade e ao afirmar que as sexualidades devem ser interpretadas como construções sociais, possibilita afirmar que de fato, Fry e MacRae estão *queerizando* as sexualidades, estão problematizando o binarismo, e desconstruindo a **heteronormatividade**.

Na sequência do livro, os autorxs se debruçam na explicação da emergência do movimento homossexual no Brasil, e dos impasses recorrentes na década de 80. O modelo “hierárquico” e “entendido” também é explicado no livro, assim como uma genealogia dos conceitos, como no artigo anterior de Peter Fry. Os autorxs também se dedicam a explicar os problemas existentes entre o movimento homossexual, feminista e as lésbicas, durante este período.

Já no final do texto, podemos identificar outra passagem, mais especificamente no último parágrafo, que possibilita uma interpretação *queer* do livro. Segundo MacRae e Fry,

Tem muita gente que preferiria não ter que se submeter a estas novas categorias sociais que tendem a empurrá-los para "guetos" estanques. Prefeririam que estas categorias sociais fossem elas mesmas combatidas e acabam entrando em choque não só com a ciência médica, mas também com alguns "homossexuais conscientes" que, por razões várias, têm interesse na manutenção das distinções. Afinal, negar a inevitabilidade da fronteira que separa os "homossexuais" dos "heterossexuais" colocaria em questão a própria noção de uma identidade homossexual que, para muitas pessoas, representa um modo de dar ordem às suas vidas, cheio de possibilidades de gratificação e muitas vezes "assumido" a duras penas". (FRY, MACRAE, 1985, p 120)

Este parágrafo está em consonância com os Estudos Queer, ao problematizar o lugar das fronteiras entre as sexualidades, ao desconstruir os binarismos, ao colocar em questão a “própria noção de identidade homossexual”. Os autorxs nesta parte, antecipam diversas leituras e interpretações que são realizadas até hoje, e que se configuram no questionamento da ordem heterossexual, da heteronormatividade, dos binarismos sexuais. Se os Estudos Queer se debruçam sobre estes temas na atualidade, não devemos esquecer que já na década de 1980 autorxs brasileiros estavam questionando esta mesma ordem. Dito isso, coloco em questão a legitimidade de uma Teoria Queer brasileira pautada em uma “importação” dos Estados Unidos.

Porém, por mais que Fry identifique que vivemos num mundo binário, a desconstrução desta lógica não é realizada pelo autor em seus escritos. Podemos identificar algumas pinceladas queer no texto de Fry, como a percepção de que as sexualidades são construídas historicamente, que a heterossexualidade pode ser questionada e que vivemos em um mundo binarizado. Porém a intenção de Fry e MacRae é de construir um lugar para a homossexualidade no Brasil.

Na outra ponta da discussão está Néstor Perlongher, com o livro *O que é Aids?*¹⁵. A partir de uma perspectiva *queer*, percebe-se o quanto Perlongher se dedica neste livro, a enfatizar o papel da mídia e do poder médico em construir a abjeção em torno da AIDS. O autor parte do princípio de que a Aids é, além de uma doença, uma construção social, e busca entender os motivos que fazem com que a AIDS seja uma doença temida, e culturalmente rechaçada, ao contrário da sífilis, por exemplo, que é uma doença silenciosa.

Para isso, o autor se baseia em diversos exemplos de como os jornais e as palestras médicas contribuíram para a criação de um sujeito aidético abjeto, fazendo consonância com o que Julia Kristeva diz ser a abjeção, o inominável, a vítima da fobia social, ou o que Butler diz ser “todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como “não importante” (BUTLER, 2002).

Neste sentido, Perlongher afirma,

A televisão desempenha um papel decisivo no procedimento, que chega a beirar o obscuro de espetacularização da morte: mostram-se, por exemplo, cenas de dois rapazes *gays* de mãos dadas, e logo depois um paciente carcomido pelo sarcoma de Kaposi [AIDS]; panorâmicas do gueto gay, seguidas de martírios de hospital. A imagética própria da medicina terrorista. Nas reuniões de informação convocadas pelo recém-criado Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS, o público assistente – basicamente homossexual – era bombardeado com transparências de rapazes de nádegas corroídas e rostos desfigurados. (PERLONGHER, 1987, p. 53)

Na citação seguinte, percebe-se a influência das leituras de Michel Foucault, na percepção de que um novo tipo de lógica sexual estava sendo construída a partir dos discursos: como o sujeito abjeto estava sendo construído a partir da fala, da inscrição na norma, ou fora dela.

O interesse que o *show* de subinformação satisfazia nas massas tinha algo de deleitação mórbida. Cruas descrições das vicissitudes do coito anal, da profundidade da penetração, da força da felação e da letalidade do beijo

¹⁵da coleção intitulada *Primeiros Passos*, da Editora Braziliense. O livro escrito por Peter Fry e Edward MacRae também faz parte desta coleção.

ganharam as salas familiares, complementadas com dados sobre os promíscuos e suas diabólicas *performances*. (PERLONGHER, 1987, p. 63)

E finalmente, depois de vários exemplos de como a abjeção estava sendo construída pela mídia e pela medicina brasileira, Perlongher dá um exemplo de como esta política de rechaçamento deu certo em alguns âmbitos.

A estridente campanha da AIDS teve, no Brasil, algumas consequências lamentáveis. Um dos episódios mais chocantes foi a expulsão, em junho de 1985, de 24 garimpeiros homossexuais da Serra Pelada, acusados de desfilar travestidos pela área, (alguns tiveram cabelos, sobrancelhas e cílios arrancados), foram trancados em dois caminhões com a faixa ‘transporte gay’ e abandonados na transamazônica. O incidente aconteceu nove dias depois de uma conferência médica sobre a AIDS. A Polícia Federal comandou a operação” (PERLONGHER, 1987, p. 63)

A diferença entre o livro de Perlongher e o de Peter Fry e Edward MacRae, é que estes dois últimos estão buscando identificar o que é ser homossexual no Brasil. Estão contribuindo para a construção das identidades homossexuais. Por mais que tenham noção da construção histórica e social das sexualidades, e dos binarismos que envolvem as práticas sexuais, estes dois autorxs estão mais interessados em identificar as representações e práticas homossexuais do que desconstruí-las. Mas isso não tira o mérito de que sua obra pode ser lida a partir de uma lente *queer*. Perlongher, por outro lado, desconstrói os sujeitos e identifica os mecanismos patologizantes que contribuem para a emergência de uma lógica abjeta do sujeito aidético. Além disso, tanto Fry e MacRae, quanto Perlongher parecem conseguir conceber uma lógica sexual englobante, onde heterossexualidade e homossexualidade se complementam. Estxs autorxs parecem compreender a construção histórica das sexualidades.

Em uma análise das influências bibliográficas destas produções dos anos 1980, percebe-se, fazendo uma leitura entrelinhas, que há uma conversa entre xs autorxs brasileiros e aquelxs que estão escrevendo nos Estados Unidos, Inglaterra, França, dentre outrxs. Enfatizo que há um diálogo que ultrapassa as fronteiras nacionais, e que embaralham o binarismo centro/periferia.

As leituras de Michel Foucault se tornam mais evidentes e intensas a partir da metade da década de 70, quando o autor visita o Brasil e obras como *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade: A vontade de saber* são traduzidas, lidas e começam a fazer parte do debate universitário “coincidindo com a intensificação dos movimentos de oposição à ditadura militar e com a politização crescente das questões ligadas a raça, gênero e sexualidade.”

(CARRARA, SIMÕES, 2007). Estas obras contribuíram para que se pensasse um caminho que enfatizasse a desnaturalização das sexualidades normativas. Neste sentido, em *O que é Homossexualidade?*, Fry e MacRae exemplificam:

Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as ideias e práticas a ele associadas são produzidas *historicamente* no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo dessa sociedades.(FRY, MACRAE, 1985, p. 10)

O que marca os anos mais recentes destas áreas ditas minoritárias é o fato de elas terem chegado a ser reconhecidas também como "políticas", a partir de uma visão da sociedade que enxerga o poder não apenas no Estado, mas também na rua, no escritório, no hospital, dentro de casa e na cama [...].(FRY, MACRAE, 1985, p. 117)

Estas obras de Foucault emergiram na França em 1975 e 1976, e foram traduzidas para o português e publicadas no Brasil em 1977. Nos Estados Unidos foram publicadas em 1978 e na Inglaterra em 1979. Segundo Ken Plummer, as leituras de Foucault só teriam realmente começado a ser realizadas com mais peso na segunda metade da década de 1980 na Inglaterra, depois da morte do autor, marcadamente no período em que o campo das sexualidades femininas estavam sendo formados naquele país, principalmente com a publicação da coleção *Pleasure and Danger: exploding female sexuality*, de Carole S. Vance's, em 1985. Segundo Plummer, esta coleção é uma referência para uma leitura clássica das apropriações feitas da teoria de Foucault no Reino Unido (PLUMMER, 2003).

Em *O que é Homossexualidade?*, o livro *História da Sexualidade I* aparece nas sugestões de leitura, e a discussão de Foucault está aparente durante o texto, que questiona os lugares naturais das sexualidades e dos poderes instituídos. Porém, Fry e MacRae não dialogam com Foucault neste momento de forma tão densa quanto faz Néstor Perlongher em *O que é Aids?*, onde o autor se utiliza as teorias de Foucault para analisar a instituição de um sujeito aidético abjeto, a partir da atuação da mídia, da medicina e do poder legal na construção de uma cultura da AIDS que impulsiona a uma reorganização do lugar dos desejos e uma medicalização dos corpos levada aos extremos.

Foucault não foi o único teórico que influenciou a produção sobre sexualidades na antropologia neste momento. Ele não está presente, por exemplo, no primeiro artigo de Peter Fry sobre homossexualidade e cultos afro-brasileiros, onde é realizada a primeira formulação do modelo hierárquico que seria aperfeiçoado em *Da Hierarquia à Igualdade*, na mesma

época, e onde Fry analisa as categorias sociais de definições do que é considerado “certo” e “normal” e aquilo que é considerado “anormal” e “desviante”.

Segundo Carrara e Simões, várias das formulações teóricas provenientes da Escola de Chicago podem ser percebidas nos trabalhos de brasileiros neste momento. Um exemplo é a influência do conceito de **estigma** cunhado por Goffman em 1968 no livro *Stigma – Notes on the management of spoiled identity*. A noção de **estigma** é utilizada por Edward MacRae em *Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas* para explicar as querelas entre o movimento operário e de esquerda (os respeitáveis militantes) e o emergente movimento homossexual (as bichas loucas). Para MacRae, o sujeito estigmatizado é constantemente bombardeado de conselhos de como deve se portar e encarar sua identidade. Outro importante livro que já deixa clara sua influência desde o título é o trabalho de Michel Misse *O Estigma do Passivo Sexual*. Neste livro, Misse parte do princípio de que o **estigma** pode estar presente a nível discursivo, que nem sempre é manifestado de forma consciente, e que representa uma relação de estigmatização que não está presente nas relações interpessoais, a não ser em momentos em que estas relações expressam símbolos de estigma. Com isso, Misse interpreta palavrões e gírias para analisar a “naturalização” simbólica da “passividade” feminina, percebida como um **estigma**, e transporta para a realidade homossexual, buscando superar os limites impostos por este conceito (CITELI, 2005, p. 24).

Outro exemplo é a apropriação feita por Fry das discussões realizadas por Laud Humphreys em *Tearrom Trade: impersonal sex in public places* (1970), das noções de *interacionismo simbólico*, ligando-se mais especificamente com a *teoria da rotulação*, de Howard Becker, de 1973. Neste livro, Humphreys realiza uma análise da organização social do sexo impessoal entre homens em espaços públicos (CARRARA, SIMÕES, 2007), realizando uma detalhada etnografia das relações sexuais entre homens em banheiros. Este trabalho teve forte influência na dissolução dos pressupostos convencionais sobre a ligação estável entre práticas e identidades, pois apresentava os banheiros não como um encontro de homossexuais, e sim como um “caleidoscópio de fluidez sexual”. Esta teoria de Humphreys antecipa de certa forma as discussões sobre performatividade e desestabilização das categorias sexuais (CARRARA, SIMOES, 2007).

Outra importante influência teórica é o trabalho de Alfred Kinsey, notadamente o livro *Sexual Behavior in the Human Male*, onde o autor analisa milhares de entrevistas nos Estados Unidos dos anos 60, e classifica o comportamento de homens e mulheres. A grande contribuição de Kinsey foi a percepção de que a prática homossexual era mais presente na

sociedade dos Estados Unidos do que se imaginava. Kinsey divisava o comportamento sexual de forma objetiva e mensurável, ligados á excitação e ao orgasmo (CARRARA, SIMÕES, 2007). Na esteira da presença de Kinsey também pode-se perceber a influência de Mary McIntosh, que problematiza em *The Homosexual Role*, as descobertas de Alfred Kinsey, dizendo que mesmo que as categorias de homossexualidade e heterossexualidade não consigam representar as práticas do cotidiano, nas reflexões de Kinsey o número de homens com práticas exclusivamente homossexuais era maior do que o número de mulheres. Para McIntosh isso é uma evidência de que o rótulo fortemente desenvolvido na figura do homossexual masculino faz com que sua identidade seja mais perceptível do que feminina. Para Peter Fry, isso significa que “as taxinomias são profecias que se cumprem. Postula-se, por exemplo, a existência de um tipo natural, o homossexual com sua essência e especificidade, e logo ele passa a existir.” (FRY, 1982, p. 88). Sob influência destas fontes, Fry, Perlongher e MacRae buscam elaborar uma explicação para a identidade homossexual brasileira muito mais ligada às representações do que às práticas e comportamentos – ao contrário de Humphreys e Kinsey.

Outrxs importantes autorxs que estão presentes nos trabalhos destxs autorxs são John Marshall e Jeffrey Weeks¹⁶, que apontam para o lugar do discurso científico na construção da “condição homossexual”, e ressaltam a preocupação social com a libido masculina na época de formulação dos binômios heterossexual\homossexual, fazendo contraponto às teorias médicas que acreditavam que a ameaça à moral da família e da saúde física da nação tinha raiz na homossexualidade e no sexo fora do casamento.

Em último lugar, porém não menos importante, podemos enfatizar a influência da antropóloga Mary Douglas, em especial com seu livro *Pureza e Perigo*, de 1966, no que toca à sua discussão sobre as ambiguidades e anomalias na organização da experiência social, principalmente ao questionar o controle e coerência dos princípios classificatórios (CARRARA, SIMÕES, 2007).

Na reflexão de Douglas, as sociedades expressam uma estrutura formal com ideias e áreas bem definidas de separação entre ordem e desordem, bem como de punição das transgressões. As ambiguidades e anomalias situadas nos interstícios e fronteiras dos sistemas classificatórios trazem a desordem que destrói os padrões, mas também fornecem a matéria-prima da padronização. A própria desordem tem, portanto, um estatuto ambíguo, na medida em que representa não somente a ameaça de destruição, mas também o potencial criativo: simbolizando poder e

¹⁶Cf. Weeks, 1977; Marshall, 1981.

perigo, não pode ser simplesmente expurgada sem conduzir à derrocada todo senso de ordem social e simbólica. (SIMÕES, CARRARA, 2007)

Peter Fry utiliza-se da teoria de Douglas em dois âmbitos. Em primeiro lugar para fazer uma relação entre homossexualidade e cultos africanos, ao afirmar que ambos são considerados “marginais” e perigosos, e por isso dotados de poderes especiais – seja de interpretação, assimilação ou representação dentro da sociedade. Na outra ponta, Fry sugere que as ambiguidades artísticas como Dzi Croquettes e Secos e Molhados, e as classificações dualistas, como heterossexualidade\homossexualidade, e bicha\macho, são fontes para uma “supersistematização expressiva”, voltada para o controle de uma experiência “inerentemente desordenada”, que reduzem estas ambiguidades e anomalias ao limite do normal e do cotidiano (CARRARA, SIMÕES, 2007).

As teorias de Mary Douglas reaparecer posteriormente nas formulações de Judith Butler sobre performatividade de gênero e corporalidade em *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Butler sugere que os gêneros masculino e feminino trabalham com tabus sociais que “exageram a diferença sexual, visando naturalizá-la e assegurar a heterossexualidade por meio da instituição ritual e reiterada das fronteiras de corpo” (CARRARA, SIMÕES, 2007). Desta forma, apropria-se das teorias de Douglas quando diz que para esta autora, “todos os sistemas sociais são vulneráveis em suas margens e que todas as margens, em função disso, são consideradas perigosas” (BUTLER, 2008, p.189). O corpo, como elemento do sistema social, faz parte do seu conteúdo, e desta forma, as práticas não reguladas e não hegemônicas tem um lugar de poluição e perigo. Os orifícios e superfícies são desta forma, tanto fronteiras do corpo como limites do social, regiões perigosas que devem ser reguladas e policiadas constantemente. Neste íterim, práticas de sexo anal ou oral, por estabelecerem “claramente certos tipos de permeabilidade corporal não sancionados pela ordem hegemônica” (BUTLER, 2008, p. 190), constituem-se como lugares de poluição e desordem.

Outros importantes trabalhos podem ser citados no final dos anos 80 e início dos anos 90 como precursores dos estudos das homossexualidades, e a partir de 1985, ligados aos estudos da AIDS. A dissertação de mestrado de Néstor Perlongher, *O Negócio de Michê: Prostituição viril em São Paulo*, de 1987, merece destaque como um dos precursores dos estudos sobre prostituição masculina no Brasil. Também merecem citação os trabalhos de Carlos Nelson dos Santos, que realizou estudos em saunas (1976), e Luiz Mott (1988, 1989), que ao analisar os arquivos da inquisição brasileira, percebe o controle exercido pelo clero

contra o “sexo proibido” – a virgindade feminina e a homossexualidade masculina – entre senhores e escravos. Mott também publica o primeiro estudo historiográfico ligado às questões de lesbianidades, em 1987 (CITELI, 2005, p. 25). Contribuições importantes também se encontram nos livros de Richard Parker, tratando principalmente da questão da AIDS no Brasil, e também a tese de doutorado de Edward MacRae, *A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*, publicada em 1990. Neste livro, MacRae analisa a emergência do movimento homossexual brasileiro desde a formação do *Somos*, até sua cisão e continuidades do movimento. O autor também tece comparações com os outros movimentos sociais – feminista e negro -, analisando aproximações e afastamentos com o movimento homossexual. Para MacRae, o movimento homossexual teve inegável eficácia em sua atuação durante os anos 80, alcançando vitórias como o ideal de direitos iguais aos homossexuais nas pautas de difusão da imprensa nacional, a inclusão do termo “orientação sexual” na lista de não discriminação do código de ética do jornalismo; teve atuação no âmbito político, alcançando a exclusão de homossexualismo como doença dos códigos do Instituto Nacional de Previdência Social (CITELI, 2005, p.30). Porém, provavelmente um dos efeitos mais duradouros foi a construção “um novo tipo de homossexual que não é dominado por sentimentos de culpa e não se considera doente ou anormal” (MACRAE, 2000, p.310).

Ao realizar esta análise dos anos 80, com um aprofundamento especial em algumas obras de Peter Fry, Edward MacRae e Néstor Perlongher, principalmente no que concerne sua abordagem dos assuntos e seus aportes teóricos, e analisando algumas das características dos primeiros grupos do movimento homossexual e da linha editorial do *Lampião da Esquina*, compartilho das surpresas e conclusões realizadas por Carrara e Simões. Para estes autorxs é interessante perceber como a abordagem teórica do final dos anos 1970 e 1980, conseguiam articular os diferentes marcadores sociais (de gênero, orientação sexual, raça, classe) de maneira tão efetiva e sofisticada (CARRARA, SIMÕES, 2007). Esta orientação em tratar de forma articulada os diferentes marcadores sociais é uma característica dos recentes trabalhos ligados à questão das subalternidades e da Teoria Queer. Podemos ter como exemplo o texto de Preciado, *Multidões Queer: notas sobre uma política dos “anormais”*, que fala sobre uma multidão de pessoas sem identificação legitimada, e que sobrepõem suas características desviantes. Da mesma forma, em 1982 Peter Fry estava juntando “supersistematizações expressivas” e ligando africanidade com homossexualidade, tratando da poluição dos corpos na sociedade. Nesta mesma linha, pode-se perceber a influência de Dzi Croquettes, Ney

Matogrosso e Caetano Veloso, que produziam uma arte andrógina, questionando os papéis de gênero e o lugar das sexualidades. Percebe-se que as teorias de Foucault surtem positivos efeitos nas produções teóricas dos anos 1980, e influenciam o *insight* de Perlongher na construção dos sujeitos aidéticos marginalizados e abjetos. Também influenciam a obra de Peter Fry, que insiste em expor sua noção de que as sexualidades são construídas, e sobre a importância de uma análise das práticas e representações dos sujeitos.

Igualmente interessante, é notar o influente debate contemporâneo realizado pelos autorxs pós-estruturalistas, em especial Judith Butler, ligados à desconstrução dos processos de naturalização das diferenças e de estreitamento das identidades, e como estas inquietações já estavam presentes no campo intelectual brasileiro desde o final dos anos 70 (CARRARA, SIMÕES, 2007). Isso é perceptível na atuação do *Somos* no que se refere ao esvaziamento da categoria “bicha”, e na orientação por uma luta antiautoritária e contra as hierarquias dos binômios de passivo\ativo, lésbica\gay, heterossexual\homossexual. Esta desconstrução dos processos de naturalização das diferenças pode ser percebida também no jornal *Lampião da Esquina*, ao problematizar a naturalidade da heterossexualidade e o lugar da homossexualidade na construção das sexualidades. O estudo das sexualidades, e especificamente da “produção social do dualismo hetero\homossexualidade”, é claramente percebida como uma chave para a compreensão das convenções culturais e das estruturas de poder mais amplas, “ponto esse que hoje se costuma conceder aos revolucionários trabalhos de Eve Sedgwick” (CARRARA, SIMÕES). Os debates atuais influenciados por Jacques Derrida, sobre a desconstrução dos binômios, já estavam sendo colocados em prática no começo dos anos 1980 nas primeiras manifestações de luta homossexual no Brasil.

Compreendo a individualidade das produções teóricas de cada época, e não quero com esta análise desmerecer as atuais discussões em torno das sexualidades e da Teoria Queer. Porém minha análise está entrelaçada a uma genealogia pouco interessada em pagar tributos às formulações teóricas vindas do lado norte do mundo, e mais interessada em perceber o pensamento crítico dos teóricos brasileiros ligados às questões da homossexualidade, às figuras artísticas ligadas à desconstrução das identidades fixas, ao movimento homossexual emergente nos anos 1980 e à linha editorial do *Lampião da Esquina*, que a meu ver deveriam ganhar seu crédito como precursores do que posteriormente seria chamado de *Teoria Queer*.

Percalços escondidos – Genealogias transnacionais

Em nosso país, a incorporação da Teoria Queer provavelmente se iniciou no final da década de 1990, dentro das disciplinas das Ciências Sociais, em particular na área dos estudos de gênero e sexualidade. O marco de nossa recepção queer pode ser estabelecido em 2001, quando Guacira Lopes Louro publicou, na *Revista Estudos Feministas*, o artigo “Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação”. A partir daí, a recepção da vertente teórica tem sido crescente e ganhado visibilidade em várias disciplinas [...] (MISKOLCI, 2011, p. 58).

Partindo desta citação, que como dito anteriormente é uma das únicas que aponta um caminho para se pensar sobre a recepção da Teoria Queer no Brasil, podem ser formulados diversos questionamentos e perguntas sobre o tema, como por exemplo: Quem estava “incorporando” a Teoria Queer no final dos anos 1990? Como tomaram contato com estes Estudos? De que forma estavam contribuindo com esta emergência, se é que tinham esta intenção? Porque Miskolci estabelece o ano de 2001 como marco de recepção dos Estudos Queer? Porque dá visibilidade somente a Guacira Lopes Louro?

Foi a partir destas angústias e questionamentos que iniciei a pesquisa que se segue. Ao analisar os documentos e fontes encontradas, vamos perceber que pelo menos desde 1995 estavam sendo produzidos saberes sobre a Teoria Queer no Brasil, e pelo menos desde 1997 em alguma medida, estavam sendo publicados trabalhos em Congressos. O artigo de Guacira Lopes Louro foi importante para a recepção da Teoria Queer no Brasil, porém não foi o primeiro a falar sobre o assunto abertamente e discutindo conceitos básicos. Existiam várias frentes que estavam pensando o assunto neste momento, que se (des) encontram, e contribuem para sua emergência, se é que ela aconteceu.

Percebo que havia um forte núcleo de discussão sobre o tema na Unicamp a partir de 1995, assim como no Núcleo de Educação da UFRGS, encabeçados por Guacira Lopes Louro e Tomas Tadeu da Silva. Além disso, pesquisadorxs como Mário César Lugarinho, Tânia Navarro Swain, e Denilson Lopes, pareciam estar tomando contato com a Teoria Queer a partir de intercâmbios com laboratórios fora do Brasil, e já estavam produzindo desde 1996. Acredito que, como diz Miskolci, o artigo de Louro possa ser um marco que impulsiona para a produção *queer* em nosso país, mas este marco, se aderido, deve ser dividido com outrxs autorxs que estavam na mesma época se debruçando sobre o tema.

Segundo Carrara e Simões, as produções teóricas dos anos 1980 serão frequentemente revisitadas durante os anos 1990. A influência de um autor sobre outro pode ser percebida

com facilidade nos livros de Richard Parker. *Abaixo do Equador*, é um exemplo onde Parker busca comparar a interação da subcultura homossexual num contexto pós-AIDS no Brasil em relação aos países “centrais” (CARRARA, SIMÕES, 2007). Porém Heilborn e Góis sustentam que o que marca a produção teórica dos anos 90 está relacionado com outros referenciais, em especial com a emergência do conceito de **gênero** como categoria relativa ao

modo como a experiência sexual é vivenciada pelo sujeitos, na medida em que as trajetórias masculinas e femininas são radicalmente distintas, não exatamente pelas diferenças estampadas em seus respectivos corpos, mas sobretudo em função da maneira como as expectativas e as aspirações em relação à experimentação sexual são marcadas pelo gênero na tradição ocidental (Apud GÓIS, 2005)

A intenção era realizar um esforço de instituição de novos cânones a partir do questionamento das indagações tradicionais e levantamento de novos temas (GÓIS, 2005). Neste intento, buscava-se associar os conceitos de identidades de gênero com o exercício da sexualidade, dando especial importância à experiência da sexualidade. Os artigos de Joan Scott¹⁷ fazem inegável eco no que concerne à compreensão do conceito de gênero e sua associação com a experiência pessoal.

Góis assinala que neste momento se assiste a uma diversificação teórica e metodológica em torno das reflexões sobre homoerotismo, na tentativa de adequação da palavra “homossexualidade” à experiência dos “amantes do mesmo sexo” (GÓIS, 2005). Existia uma tentativa de adequação da palavra à experiência. O mesmo ocorre em outros campos teóricos, como o feminista, que discute a adequação do termo “mulheres” às diversas experiências passadas por estas. A intenção é de que os indivíduos sejam autorxs de suas próprias experiências. Percebeu-se que ao escrever a história da homossexualidade, um homem heterossexual não era capaz de entender todas as nuances e variáveis que envolvem o “ser” homossexual, por exemplo. Com isso, os estudos ligados às experiências sociais afastam-se das “vozes autorizadas”, que por muito tempo foram detentorxs de verdades e normas para as populações marginalizadas, vítimas de medicalização e controle dos corpos. Este movimento de associação do conceito à experiência contribuiu para uma difusão nos estudos de novos vocábulos – homoerotismo, homens que fazem sexo com homens, homoafetivos, homocultura, etc – (GÓIS, 2005).

A emergência da Revista de Estudos Feministas em 1992, e dos Cadernos Pagu, em 1993, foi um marco importante para a disseminação dos estudos feministas em âmbito

¹⁷ Em especial: SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

nacional, para o desenvolvimento e amadurecimento do campo teórico de estudo de gênero e para o fortalecimento de um diálogo entre xs pesquisadorxs destas áreas. É importante notar que ao analisar os números destas revistas, percebe-se que durante a década de 1990, os artigos ligados às populações LGBT ocupam um lugar periférico (GÓIS, 2005). Isto se deve ao fato de que elxs estavam provavelmente mais interessadxs na proposta de uma discussão feminista e de gênero.

Ao realizar uma revisão dos números dos Cadernos Pagu e da Revista de Estudos Feministas, percebe-se que mesmo que as discussões ligadas às questões de sexualidades LGBT não ocupem lugar central, pelo menos nos Cadernos Pagu a partir de 1995 cresce um interesse pelas reflexões de Judith Butler, sobre performatividade de gênero, problematização das sexualidades hegemônicas, binarismos de gênero e sexualidade. Estas discussões provavelmente contribuíram para se abrir um caminho a ser trilhado em direção aos Estudos Queer.

Parece que este detalhe já havia sido percebido também por Richard Miskolci, quando diz: “tudo parece indicar que a recepção se inicia com a leitura de autoras como Judith Butler, na UNICAMP, no final da década de 1990” (MISKOLCI, 2011, p. 58). Não tenho como dizer sobre quais artigos Miskolci está se referindo, porém em minha análise, percebo que o primeiro contato e publicação dos Cadernos Pagu sobre o tema ocorreu em 1995, quando Karla Adriana Martins Bessa escreve uma resenha do livro *Gender Trouble: feminism and subversion of identity*, de Judith Butler. O título do texto é *Gender Trouble: outra perspectiva de compreensão do Gênero*.

Durante o texto, em nota de rodapé, Martins aponta:

A sugestão de divulgar esta obra veio do Grupo de Estudos do Pagu, onde realizamos uma primeira leitura, momento no qual emergiram várias reflexões que espero estarem, de alguma forma, contempladas aqui. (MARTINS, 1995, p.261)

Na mesma página, a autora faz outra consideração sobre o livro:

O livro de J. Butler, **Gender Trouble: feminism and subversion of identity**, não é o que se tem de mais recente em termos de publicações mas, dado à originalidade das questões levantadas e à restrita circulação entre pesquisadores que se interessam pelo tema, não deixa de ser uma novidade. (MARTINS, 1995, p. 261)

Neste sentido, Martins documenta o que talvez tenham sido as primeiras leituras e interpretações do livro de Judith Butler no Brasil. O livro foi publicado em 1990 e em 1995

ainda tinha que ser lido em sua versão original, pois a íntegra do texto só seria traduzida ao português em 2003. Em geral a resenha aponta para os primeiros diálogos com as teorias de desconstrução das identidades, e me parece que devido a se tratarem de leituras iniciais, a compreensão da teoria de Butler permanece num estágio insipiente e primário, o que seria desenvolvido com pesquisas que se relacionavam ao tema. A resenha de Martins demonstra o entusiasmo de quem está entrando em contato com novas teorias, seu texto configura-se num misto entre fichamento e resenha crítica. A concepção de **queer** é utilizada como **sujeito**, como no momento em que a autora diz que, deslocar a estrutura binária e compulsória da heterossexualidade

produz sérias *confusões* nas pessoas, nas instituições, no poder público e jurídico, nos movimentos feministas, etc. Certas formulações de gênero (como as drag queens, dress-cross, **queers**,...) causam *encrenca*, *bagunçam* a estabilidade de noções, valores, atitudes que considerávamos parte da "natureza humana" como, por exemplo, a determinação sexual das pessoas. (MARTINS, 1995, p. 263) [negrito meu]

Em outro momento, a autora de complementa:

Uma das formas de subversão da identidade, de deslocamento dos paradigmas de gênero consolidados, se encontra neste espaço de reatualização contínua de gestos, vocabulário, imagens, etc, que compõem as marcas culturais de gênero (lembrando que para Butler gênero não é apenas o conjunto destas marcas, mas a própria ação de marcar). Neste sentido, as experiências das drag-queens, cross-dress, **queers**, gays, lésbicas... são formas potencialmente importantes porque jogam com a produção e recriação de novas relações sociais. (MARTINS, 1995, p. 266) [negrito meu]

Percebe-se durante o texto que xs leitorxs do livro compreendem os conceitos de **performatividade**, **heterossexualidade compulsória**, e a desconstrução da categoria de **sexo**, conceitos bases da Teoria Queer. Porém, ao associar o **queer** às outrxs manifestações de sexualidades, a autora acaba por apontar que as discussões estavam de fato em caráter inicial e que havia a necessidade de desenvolver e separar melhor os conceitos. De maneira geral, parece que a intenção principal era pensar de forma alternativa a categoria de gênero, ao passo que a Teoria Queer acabaria entrando nas discussões com o passar do tempo.

O interesse pelas teorias de Butler parecem se enfatizar, e três anos depois as editoras dos Cadernos Pagu fazem contato com a autora¹⁸ que as autoriza a publicar no volume 11 da Revista, seu artigo *Contingent Foundations: Feminism and the Question of*

¹⁸Em nota de rodapé, na primeira página do texto: "Agradecemos a gentil autorização da autora e da Routledge, New York, para publicação."

“*Postmodernism*”, que havia sido apresentado em 1990. O artigo ficou intitulado em português: *Fundamento Contingentes: o Feminismo e a questão dos “pós-modernismos”*¹⁹.

Na Apresentação do número 11 dos Cadernos Pagu, Karla Adriana Martins Bessa aponta:

A tradução do artigo de Judith Butler é uma tentativa de difundir o pensamento de uma teórica bastante conhecida no exterior pela ousadia e envergadura epistemológica com a qual questiona o essencialismo da política identitária e a aversão aos embates teóricos de determinados grupos feministas. Política e teoria (feminista) são para a autora duas maneiras de exercício de poder, próximas o bastante para não serem pensadas de forma dicotômica e distintas o suficiente para que uma não subsuma a outra. Embora tenha se passado quase uma década após a primeira versão deste texto, penso não ser demais afirmar o frescor do embate ali travado. A noção de política como luta permanente entre fundamentos (sempre contingentes), que se renovam no contínuo ato de configuração do desejo, do corpo, etc., é reiterada nas obras posteriores da autora. (MARTINS, 1998, p. 7)

Percebe-se com isso um engajamento na disseminação do pensamento de Butler realizado pelos Cadernos Pagu, que é imperceptível na Revista de Estudos Feministas, publicando na mesma época.

Seguindo esta linha, pode-se perceber que os diálogos com Butler tendem a se estreitar ainda mais no ano seguinte, no nº 12 da revista, de 1999. Esta é uma edição dedicada aos 50 anos *d’O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, intitulada *Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*.

Três artigos apontam para um diálogo com Judith Butler, e pode-se perceber uma crescente entrada dos termos da Teoria Queer ao vocabulário dxs autorxs. O texto de Tânia Navarro Swain, *Feminismo e Lesbianismo: Identidade em questão*, faz uma análise sobre a concepção de lesbianidades *n’O Segundo Sexo*, de Beauvoir, e discute o significado da identidade lésbica na sociedade contemporânea. Neste intento, dialoga com importantes autorxs da Teoria Queer, ou que contribuíram com a sua construção, como Judith Butler, Theresa De Lauretis, Donna Haraway, e Monique Wittig. A meu ver, mesmo sem anunciar, mas já sabendo do que se trata, Swain realiza uma discussão pautada na Teoria queer, o que se percebe nas seguintes afirmações²⁰:

¹⁹ BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes: o Feminismo e a Questão do “pós-moderno”**. Cadernos Pagu. Campinas. Volume 11. 1998, p. 11 - 42

²⁰ Veremos em seguida, que Swain durante seu pós-doutorado no Canadá, já havia publicado um artigo falando sobre a Teoria Queer, intitulado *Qui est Queer de Qui?*. Isto legitima o fato de que por mais que a autora não mencione a palavra *queer* neste texto dos Cadernos Pagu, ela já sabia do que se tratava.

O que se problematiza é a desnaturalização do próprio sexo biológico na construção do binômio natureza/cultura: a heterossexualidade posta em questão. (SWAIN, 1999, p.110)

A criação de corpos sexuados, a instalação de diferenças e de espaços de exclusão afirmam uma normalidade que apaga o múltiplo e naturaliza o binário. (SWAIN, 1999, p. 118)

porque temos necessidade de uma identidade senão para responder às exigências de uma moldura binária de pensamento? (SWAIN, 1999, p. 119)

Além disso, este artigo carrega palavras chaves importantes para a Teoria Queer, como **heterossexualidade compulsória, heterossexismo, binarismos, desnaturalização do sexo, sexualidades múltiplas.**

Outro artigo que merece atenção neste número dos cadernos Pagu é *Notas sobre a “subversão da identidade”*, de Sandra Azerêdo, onde é realizada uma discussão sobre o que é ser mulher para o feminismo contemporâneo. Para isso, Azerêdo faz uma análise da forma como Sigmund Freud olha para os sexos, assim como Zygmunt Bauman. Em seguida, apropria-se do que diz Theresa De Lauretis, Monique Wittig, Judith Butler, e Donna Haraway para sugerir uma mudança epistemológica na concepção atual de gêneros e sexualidades.

Finalmente, um terceiro artigo que compõe o número 12 do Cadernos Pagu, é o texto de Jeffrey Tobin, professor da Occidental College, em Los Angeles, intitulado *A Performatividade da masculinidade Portenha no churrasco*.

Neste artigo, com a intenção de dar um exemplo de performatividade de gênero entre os homens heterossexuais, Tobin se faz uma análise crítica da construção conceitual de Butler sobre a **performatividade**. Realiza uma genealogia, indo até Austin, Derrida e os estudos na área do teatro, e explicando de onde veio o conceito e em qual sentido foi utilizado por Butler. É importante notar que neste artigo a palavra *queer\queerness* é utilizada em diversos momentos, porém sem explicar muito bem de onde vem e para que serve. Neste sentido, Tobin chega a citar em quatro diferentes momentos sobre algo chamado *Teoria do Queer*, porém não se aprofunda sobre o que seria esta Teoria²¹.

²¹Não foi encontrado o artigo original, para verificar se em outra versão o autor fala sobre “Teoria Queer” ou “Teoria do Queer”, o que talvez quisesse dizer que a preposição **do** no texto em português pudesse ser um problema de tradução. Porém o site oficial do currículo do autor (<http://faculty.oxy.edu/tobin/cv/articles.html> acesso em 14/06/2013) não mostra a existência do mesmo artigo escrito em inglês ou espanhol. Não foi encontrado o caminho para chegar ao texto original e conferir esta questão, então não se sabe se o autor está falando da Teoria Queer em si, se foi um problema de tradução, ou se o próprio autor desconhece a Teoria Queer e prenuncia a Teoria **do** queer.

Já no início do texto Tobin argumenta que “muitas teorias recentes sobre a performance – ou performatividade – tem se centrado na *queerness*, nas mulheres e na feminilidade ao ponto de quase excluir a masculinidade dos homens heterossexuais.” (TOBIN, 1999. p. 303). A intenção principal de Tobin, além de fazer uma crítica à construção do conceito de performatividade, é mostrar que ao contrário do que se vinha fazendo até então, como ele diz, em dar atenção somente às performatividades marginalizadas, podia-se realizar um estudo destes sobre os homens heterossexuais. Segundo ele, um olhar direcionado somente às performances marginais, levaria à percepção delas como paródias de gênero, carnavalescas e subversivas; e que as performances subversivas de gênero depende de quem as faz. Neste sentido, ele quer dizer que as performances dos homens heterossexuais nem sempre são subversivas, e podem ser lidas como hegemônicas e como representações de privilégios.

Na sequência, ele diz que “na última década, teóricas **do queer** incluindo Judith Butler, Eve Sedgwick, Peggy Phelan e Linda Hart se basearam na leitura que Derrida fez de Austin para desenvolver uma teoria da performatividade queer.” (TOBIN, 1999, p. 304). Sendo assim, pode-se perceber que Judith Butler e as outrxs teóricxs estavam sendo lidxs de forma mais aproximada daquilo que o autor chama de *Teoria do queer*.

Talvez este tenha sido um dos primeiros artigos publicado no Brasil que desse um panorama mais aprofundado sobre os conceitos de Butler. Porém, infelizmente, não é um artigo introdutório, já que não explica o que seria a *Teoria Queer*.

A partir da análise destes números do Cadernos Pagu, é possível perceber uma construção de pensamento que vai aos poucos explorando o território da *Teoria Queer*. É importante perceber que o objetivo principal dxs feministxs que estavam escrevendo para a revista, pelo que parece, era debater o conceito de **gênero** sugerido por Judith Butler. Porém com isso, abriram-se portas para a emergência de um conhecimento que ultrapassa a barreira do conceito de gênero e se direciona a uma discussão *queer*.

Um exemplo de que a Teoria Queer estava sendo discutida por intelectuais ligadx com os Cadernos Pagu pode ser visto na dissertação de Mestrado em Antropologia de Marko Synésio Alves Monteiro, intitulada *Masculinidade em revista: um estudo da VIP, Exame, Sui Generis e Homens*, e defendida em 2000. Em entrevista realizada por e-mail, Marko Monteiro afirma:

Eu estava muito ligado ao PAGU na UNICAMP [...], e tínhamos um grupo muito forte de pessoas discutindo gênero (eu, Martha Ramirez, Erica Souza, Heloisa Almeida, entre várias outras que hoje são docentes).

Foi no contexto do meu mestrado e das discussões sobre gênero que fazíamos no grupo que entrei em contato com teoria queer e teoria de gênero em geral. Eu sempre fui muito ligado à literatura norte-americana, até por que lia bem inglês, e me encantei com teoria queer assim que tomei contato com ela, através de periódicos feministas disponíveis na UNICAMP²².

O fato de termos um grupo tão forte em gênero, que já falava sobre queer também desde muito cedo (nossas discussões depois viraram livro, o *Gênero em Matizes*), ajudou a me orientar para tentar entender o que era queer. (Op. Cit.)

Monteiro realiza durante seu trabalho uma apresentação bem elaborada sobre a Teoria Queer, problematiza conceitos com densidade, e consegue criar uma rede de discussão que permite ao leitor entender bem do que se tratam os Estudos Queer. É um texto introdutório. Em geral os trabalhos desta época se referiam ao *queer* ou até mesmo à *Queer Theory* em textos que não tinham como intenção a apresentação introdutória de uma teoria ainda pouco entendida pelxs teóricxs brasileiros.

Talvez como reflexo das discussões realizadas na UNICAMP, o autor dedica boa parte das 10 páginas que discute a Teoria Queer para falar sobre o livro *Gender Trouble*, que na época ainda não havia sido traduzido para o português. Além disso, faz uma discussão sobre o posicionamento teórico de Theresa De Lauretis, Judith Butler e Michel Foucault, e aponta para a influência do *Queer Nation* para o questionamento identitário de alguns grupos militantes dos EUA. É perceptível seu cuidado em deixar claro ax leitxr a crítica que a Teoria Queer faz à heterossexualidade compulsória e à matriz heterossexual.

Monteiro me parece ter sido o primeiro autor entre os que estavam discutindo Teoria Queer neste momento, que utiliza como referência o livro de Annamarie Jagose (1996), intitulado *Queer Theory: an Introduction*. Este livro serviria como fonte para a elaboração de um número considerável de trabalhos a partir de então. Utiliza também o livro de Michael Warner, *Fear of a Queer Planet*, onde Warner discute o conceito de heteronormatividade²³. Baseado nestxs autorxs, fala sobre o significado do termo “queer” para o inglês, e evidencia que em determinado momento os essencialismos indentitários – binarismos de gênero e sexualidade - começaram a ser questionados por grupos minoritários estadunidenses, por se basearem em valores da classe média branca e não ser representativo dos sujeitos não

²² MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 22/05/2013.

²³ Foram encontradas referencias deste mesmo livro no artigo “Em busca de normalidade: Sui Generis e o Estilo de vida gay”, de Marcus A. Assis Lima, publicado em 2001 no volume 2, nº1 da Revista Gênero, onde o autor discute o significado do termo “queer” para o inglês, sem tocar na Teoria Queer.

heterossexuais. Isto iria contribuir, juntamente com a elaboração teórica, para a emergência da Teoria Queer nos EUA. Neste sentido, Monteiro aponta para a importância de Monique Wittig e Adrienne Rich na elaboração da crítica queer por Butler, De Lauretis, e Eve Sedgwick. Em resumo, acredito que as leituras realizadas por Monteiro, principalmente de Jagose, o possibilitaram a escrever um texto que realiza uma boa introdução da Teoria Queer, no ano de 2000.

Sendo assim, é importante perceber a influência dos grupos de estudos realizados pelos Cadernos Pagu para a emergência da Teoria Queer no Brasil. E como um dos efeitos destas discussões, deve-se perceber a importância do texto escrito sobre o assunto por Marko Monteiro em sua dissertação de Mestrado.

Monteiro deve ser visto como um dos primeiros intelectuais a discutir Teoria Queer no Brasil. Porém o autor não continuou esta empreitada no Doutorado e na sua vida acadêmica. Ao final, a discussão que realiza em sua dissertação mostra-se muito bem elaborada, porém sem continuidade.

Saindo do círculo da Unicamp e direcionando-se à UNB, pode-se perceber a influência da Professora Tânia Navarro Swain para a Recepção da Teoria Queer durante os anos 90²⁴. Ao que tudo indica, Swain tomou contato com a Teoria Queer durante este pós-doutorado no Canadá. Em 1997, apresentou um trabalho no 65º *Congrès International de l'ACFAS*²⁵, no Québec, intitulado *Qui est queer de qui?*. Neste texto Swain realiza algumas reflexões importantes sobre a *Queer Theory*, apontando para desnaturalizações de binarismos, e conversando com autorxs como Theresa de Lauretis, Castoriadis, Ingrahan, Monique Wittig, Goldman e Adrienne Rich. Em 1998, ainda em Montréal, Swain aprofunda este texto e o publica no livro *Les limites de l'identité sexuelle*, organizado por Diane Lamoreaux, num capítulo intitulado *Au Delà du Binaire: Les Queers et l'éclatement du genre*.

Claudine Badoux, realizando um *compte rendu*²⁶ do livro de Lamoreaux, diz que esta é uma obra que aglutina os trabalhos apresentados um ano antes no *Colloque de l'association canadienne-française pour l'avancement des sciences* (ACFAS), que refletem sobre a influência da *Teoria Queer* para interrogar as certezas dos movimentos feministas,

²⁴ Swain é graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1998. Fez mestrado em História da América Latina na *Université de Paris X- Nanterre* entre 1975 e 1976, e doutorado em Sociedades Latino-Americanas, na *Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3*, entre 1976 e 1979. Em 1980 incorporou o corpo docente do curso de História da Universidade de Brasília (UNB), e entre 1997 e 1998 realizou um pós-doutorado na *Université de Montréal*, mais especificamente no *Institut de Recherches et études Feministes (IREF)*.

²⁵ Edição do Congresso não confirmada pela autora

²⁶ Prestação de contas (tradução literal). Em francês este tipo de trabalho pode ser visto como um livro de apresentação de várias obras, é como se fossem os “anais” em de um evento.

gays e lésbicos. Durante a apresentação de cada capítulo, Badoux fala o seguinte sobre o texto de Swain:

Por sua vez, Tânia Navarro Swain analisa o questionamento que impõe o pensamento queer sobre as reflexões feministas e homossexuais. Ela vê no “heterogênero” e na bissexualidade formas de subversão do binarismo homem\mulher, da heterossexualidade\homossexualidade. A identidade seria uma construção permanente, um processo sem nascimento e sem limites. (tradução livre do autor) (BADOUX, 1999, p. 191, 192)

Percebe-se neste trecho, que Swain estava inserida na reflexão da Teoria Queer já em 1997 quando publica este texto pela primeira vez no ACFAS²⁷ daquele ano. Dois anos depois, em 2000, a autora apresenta o mesmo artigo publicado no livro de Lamoreaux no Simpósio “O Desafio da Diferença”, ocorrido na UFBA entre 9 e 12 de Abril daquele ano²⁸. Um ano depois, publica em forma de artigo este mesmo texto²⁹, no volume 2 da revista *Gênero*. O título é *Para além do binário: os queers e o heterogênero*. Este texto, que havia sido produzido em 1998, tem como objetivo além da discussão sobre Teoria Queer, a divulgação destes estudos que Swain já vinha se nutrindo desde 1997.

No texto, a autora demonstra discutir o assunto com precisão, e como dito anteriormente, conversa com importantes autorxs da Teoria Queer. Porém, mais do que isso, Swain sabia que o assunto era novo no meio intelectual brasileiro, principalmente ao se perceber a seguinte citação:

Gostaria, entretanto, de por em questão estas evidências e colocar como problema a heterossexualidade, a família, a homossexualidade, a identidade e porque não, a própria sexualidade. **Fazendo isto, não tenho a pretensão de um discurso inaugural**, pois estas categorias foram e são ainda analisadas e discutidas por muitos autores, desde a denúncia da heterossexualidade compulsória, até a Queer Theory: ao contrário, quero invocar seus argumentos para dar apoio a meu discurso. (SWAIN, 2001, p. 89)

Esta citação demonstra como de fato o assunto estava num momento de emergência, e acredito que este artigo de Swain possa ser colocado ao lado do texto de Marko Synésio,

²⁷ É importante lembrar que talvez percebendo os diálogos desenvolvidos nos Cadernos Pagu, um ano depois que publica no livro de Lamoreaux, Swain publica também na Revista Pagu um artigo já referido neste texto, *Feminismo e Lesbianismo: Identidade em questão*, onde dialoga com a Teoria Queer, porém sem referir-se diretamente a ela.

²⁸ Existe um problema de nominação sobre este artigo, pois no site oficial do evento ele aparece com o título *Identidades Nômades: desafio para o feminismo*. Já no curriculum Lattes da autora, para o mesmo evento o artigo referido se chama *Todos somos Queers: identidade e sexualidade*.

²⁹ A semelhança pode ser percebida na análise dos artigos nos seguintes sites, todos acessados em 23/05/13:

1998 - <http://www.tanianavarroswain.com.br/chapitres/france/queer.htm>

2000 - <http://www.desafio.ufba.br/gt7-008.html>

2001 - <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/287/203>

como sendo um artigo que discute a Teoria Queer introdutoriamente. Swain discute termos e conceitos, dialoga com autores importantes, introduz o leitor à Teoria Queer.

Este caráter introdutório se vê marcado em citações como a seguinte:

Finalmente, qual a significação dada a esta palavra: Queer? Quais são as representações que a compõem? Queer, no sentido aqui proposto não é somente uma sexualidade alternativa, mas um caminho para exprimir os diferentes aspectos de uma pessoa, um espaço também, para a criação e a manutenção de uma polimorfia de um discurso que desafia e interroga a heterossexualidade (SWAIN, 2001, p. 95).

Parafraseando Badoux, neste texto Swain se aproxima de uma concepção Queer de que a desconstrução dos binarismos pode ser dada pensando na bissexualidade como uma manifestação queer das sexualidades. A bissexualidade seria o caminho para um afastamento da essencialização heterossexual e homossexual. Baseada na leitura de Elisabeth Daumer, Swain coloca em prática a Teoria Queer ao realizar um questionamento da heterossexualidade.

Assim, e se tentássemos aprofundar o que de fato dá à heterossexualidade o selo da normalidade? O sexo biológico determina verdadeiramente uma ‘relação natural’? [...] A heterossexualidade tem por fim a procriação, é centrada na perspectiva reprodutiva? Se não, por que a heterossexualidade seria ‘normal’? Caso afirmativo, um casal que não pode ter filhos seria heterossexual? (SWAIN, 2001, p. 92).

Questionando o caráter natural e essencializado da heterossexualidade, Swain contribui para a diversificação e o desenvolvimento dos estudos sobre sexualidades no Brasil, assim como outrxs autorxs que estão pensando o *queer* neste momento o fazem.

Swain continua a partir de 2001 a publicar artigos relacionando as discussões da Teoria Queer com o feminismo e os estudos lésbicos. Porém, ao que parece, este foi o único artigo que publicou com um caráter mais ligado à introdução da Teoria aos leitores.

Outro nome importante para a reflexão sobre a recepção da Teoria Queer, agora localizado na USP, é o Professor Mario Cesar Lugarinho³⁰. Lugarinho afirma, em entrevista realizada por e-mail, ter entrado em contato com a Teoria Queer em 1996, durante o período de doutorado sanduíche na Universidade Nova de Lisboa.

Tomei conhecimento da teoria querer ainda em 1996, durante meu doutorado sanduíche, em Lisboa. Através do contato com os fundadores da ILGA-Portugal, cuja biblioteca já continha muitos livros americanos sobre o assunto, como os de autoria de Butler e Halperin.³¹

³⁰ Graduado em Letras na UERJ, e com mestrado e doutorado na PUC-RJ na mesma área.

³¹ LUGARINHO, Mario César. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 22/05/2013.

Lugarinho ocupa um lugar especial no desenvolvimento dos estudos sobre sexualidades na área das Ciências Humanas, sobretudo na Literatura. Segundo Alós, só no final dos anos 90 a academia brasileira começa a organizar encontros específicos sobre homossexualidade e literatura (ALÓS, 2010, p. 852). Esta organização foi orquestrada por Lugarinho e José Carlos Barcellos, que organizaram entre 1999 e 2001 três encontros anuais sobre Literatura e Homoerotismo. Os dois primeiros encontros intitularam-se *Literatura e Homoerotismo: I - (II) Encontro de Pesquisadorxs Universitários*, e o terceiro (2001), intitulou-se *Cultura e Homoerotismo: III Encontro de Pesquisadorxs Universitários*. A partir de 2002 estes encontros se transformam em uma associação, a ABEH (Associação Brasileira de Estudos da Homocultura), expoente da disseminação da Teoria Queer na atualidade.

O primeiro encontro, em 1999, teve a participação de dezoito pesquisadorxs (ALÓS, 2010, p. 853), e foi onde Lugarinho apresentou seu primeiro trabalho ligado à Teoria Queer, intitulado *Al Berto, In Memoria, o Luso Princípio Queer*. Segundo Lugarinho,

Na área de estudos literários, por exemplo, confundia-se o estudo da obra com o estudo do autor e do pesquisador, como se estudar os aspectos da (homo) sexualidade em "bom crioulo", de Adolpho Caminha, fosse a mesma coisa que dizer que Caminha era gay ou que o pesquisador era gay. Naquela altura ainda se obliteravam aspectos de obras literárias a fim de não se "dar bandeira" e sofrer algum preconceito - porque se sofria, muito!³²

Estes encontros contribuíram para um fortalecimento dos estudos ligados às homossexualidades nas Ciências Humanas. No mesmo ano de 1999, Lugarinho apresenta no XVII Congresso da ABRALIP, um texto intitulado *Dizer o homoerotismo: Al Berto, poeta queer*³³, e apresenta uma mesa redonda intitulada *Dizer o homoerotismo em português: como traduzir a teoria queer*³⁴. Com isto já se pode perceber que Lugarinho estava debatendo e dando um caráter introdutório à Teoria Queer em 1999 durante suas apresentações em eventos.

³² Idem

³³ Foi encontrada a referência destes textos no Currículo Lattes do autor. Porém, foram encontrados disponíveis nos anais dos congressos ou pela Web em geral. Houve tentativa de enviar e-mails para a organização destes eventos, mas sem resposta afirmativa. Desta forma, não foi possível avertiguar a profundidade que estes textos apresentam sobre o tema.

³⁴ Aqui ocorre o mesmo problema da nota de rodapé anterior. A ocorrência desta mesa está presente no Currículo Lattes do autor, porém não há referência sobre em qual evento ela foi apresentada. A opção foi deixar esta referência no corpo deste trabalho, por entender que é importante registrar que Lugarinho apresentou uma mesa redonda sobre a Teoria Queer em 1999, independente do evento no qual foi realizada.

Em 2000, na mesma instituição, o evento agrega trinta e seis pesquisadorxs (ALÓS, 2010, p. 853). Nesta ocasião, Lugarinho continua a refletir sobre a Teoria Queer, e apresenta um trabalho intitulado *O Corpo Teórico Queer*. No mesmo ano, apresenta o trabalho *As Ciências Humanas e os Estudos Queer*, no evento chamado Olhares Entendidos, realizado na UCAM. No II Seminário Corpo e Cultura, apresenta o trabalho intitulado *O Corpo Queer de Al Berto*. E finalmente, apresenta o texto *Os centros e as margens na poesia portuguesa contemporânea: em busca do queer*. No currículo lattes do autor não aparece o evento onde foi apresentado este último trabalho.

Em 2001, já com o nome *Cultura e Homoerotismo: III Encontro de Pesquisadores Universitários*, o evento agrega noventa e seis participantes (ALÓS, 2010, p. 853). Este aumento demonstra como o tema estava em expansão naquele momento, e como era importante haver um evento que discutisse estas questões. Para Alós, “o encontro também foi importante para que a discussão marcasse definitivamente um território de investigação científica na academia brasileira” (ALÓS, 2010, p. 853). Já para Lugarinho, os congressos

tiveram como maior virtude reunir pesquisadores isolados e, principalmente, “tirar do armário” pesquisas e pesquisadores que, naquela altura, principalmente nas áreas de Letras e Comunicação sofriam um preconceito atroz!³⁵

Os resultados destes três primeiros encontros foram publicados no livro *Escritas de Adé*, de Wilton Garcia de Rick Santos.

Um ano depois, em 2001, Lugarinho publica suas reflexões sobre a Teoria Queer na *Revista Gênero*, em um artigo intitulado *Como Traduzir a Teoria Queer para a Língua Portuguesa*. Neste artigo, além de introduzir o leitor à Teoria Queer, o autor expõe algumas de suas angústias sobre a tradução, reinterpretação e desconstrução da Teoria Queer num contexto brasileiro.

Para o autor, o método desconstrucionista de Derrida consiste na percepção do contexto dentro do texto, “desconstruir o que o simbólico permite construir” (LUGARINHO, 2001, p. 38). Emergida no final dos anos 70, esta perspectiva seria uma combinação que ligava a Linguística à Filosofia, à História e à Psicanálise, com laços na Semiótica e no Materialismo Dialético (LUGARINHO, 2001, p. 39). A desconstrução consistiria na percepção dos elementos que constituem um discurso, e a busca por perceber o contexto dentro destxs elementos, desconstruindo e relativizando. O autor cita o artigo *Explanation and*

³⁵ LUGARINHO, Mario César. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 22/05/2013.

culture: marginalia, de Gayatri Spivak, onde a autora coloca o problema de opor o centro e a margem, indicando que a ação de colocar um objeto no centro, acaba por encobrir uma repressão. Para que haja a recepção de uma Teoria vinda dos Estados Unidos no Brasil, é premente em primeiro lugar, que se faça uma reflexão sobre o lugar do centro e da margem, e a busca por desconstruir este binarismo; e em segundo, a necessidade de desconstrução dos elementos sexuais e sociais num contexto brasileiro. É preciso que a ordem sexual do local seja compreendida, e que a desconstrução se adapte ao seu destino. Esta é uma necessidade, pois a Teoria Queer foi notadamente elaborada para um contexto social anglo-saxão, onde prevalecem elementos específicos daquelas culturas, onde a estratificação de classe, etnia e origem social são flagrantes e visíveis (LUGARINHO, 2001, p. 41). Neste sentido, o autor enfatiza que para as culturas latino americanas, ainda é necessário a reinterpretação desta Teoria para que se torne mais apropriada ao contexto nacional e latino.

É preciso conformar um modelo de análise que venha a dar conta das especificidades das culturas de língua portuguesa e das formas com que os falantes de língua portuguesa podem lidar com os estudos queer. (LUGARINHO, 2001, p. 41).

Ainda nesta linha, Lugarinho aponta que para os Estudos Queer dos Estados Unidos, a questão da diferença sexual é fundamental. Porém, para se compreender a diferença em língua portuguesa, tal como sugere a Teoria Queer, “são necessárias inúmeras considerações de ordem histórica e social” (LUGARINHO, 2001, p. 41). Lugarinho conclui que a tradução do *queer* para a língua portuguesa é impossível, visto a complexidade deste termo em inglês. Sendo assim, a experiência da tradução deve se conformar com a proposta desconstrucionista: reinterpretando, reelaborando, desconstruindo. Como realizar esta empreitada em um contexto brasileiro? Com o passar do tempo, esta problemática foi sanada? Houve uma discussão sobre a forma como a teoria queer deveria ser trabalhada no Brasil?

Outro pesquisad(x)r que estava em contato com os Estudos Queer durante a década de 90 é Denilson Lopes. Graduado em Comunicação/Jornalismo pela UNB, com Mestrado em Literatura e Doutorado em Sociologia pela mesma universidade, Lopes diz ter entrado em contato efetivo com a Teoria Queer em 1995³⁶, durante sua bolsa sanduíche de doutorado na City University of New York. Segundo Lopes,

[...] tive o contato com assim chamada “teoria queer”, de forma mais decisiva em 1995, quando estava com bolsa-sanduíche no Centro de Estudos Culturais da City University of New York, dirigido por Stanley

³⁶ Lopes explica que já havia antes disso entrado em contato com o jornal Social TExt, importante jornal para a discussão queer.

Aronowith, que junto com Fredric Jameson, vai fomentar a Social TExt, importante jornal para esta discussão queer. A sua edição de 1991 chamada *Fear of Queer Planet* tinha sido me presenteada pelo meu futuro supervisor e membro da Social TExt, George Yudice. Portanto, tive contato com a teoria queer antes de minha viagem, mas foi o contato com Center of Lesbian and Gay Studies da City University of New York, para cuja universidade iria se mudar Eve Sedgwick, a mais importante crítica literária queer, que aliás conheci através do número da Social TExt a que me referi, é que o contato com a teoria queer se intensificou intelectual e existencialmente... Já em Nova Iorque fiz um curso chamado *Sex in Public* com José Muñoz, creio que foi o primeiro curso que ele deu na pós de Performance Studies da NYU, que me abriu o horizonte do “queer moment” (o termo é de Sedgwick, salvo engano). Para além da literatura, assisti a uma mesa de New Queer Cinema, termo que era associado aos trabalhos de Rosa Troche, Todd Haynes, Tom Kalin entre outros (de onde Karim Ainouz também veio...). Isto tudo para dizer que o ano que passei em NY (1995/1996) foi decisivo para ler os autores associados a queer theory.³⁷

Na continuidade da entrevista, Lopes afirma que ao retornar para o Brasil, sua questão principal não era tornar-se um divulgador da Teoria Queer, como “se fosse uma reprodução colonizada de autores, ideias e modismos”, e sim, inspirado pelas discussões de Silviano Santiago, e das noções de entre-lugar, sua intenção era de perguntar “em que a queer theory poderia interessar ao Brasil e em que o Brasil poderia contribuir para a teoria queer?”.

Partindo deste princípio, Lopes publica em 1997, na Revista Gragoatá um artigo intitulado *Manifesto Camp*, onde aborda de forma tangenciada os Estudos Queer. Esta opção por tratar sobre os Estudos Queer de forma paralela é perceptível nos artigos seguintes do autor sobre sexualidades. Em 2000, Lopes publica o artigo *Somos Todos Travestis (Imaginário Camp e a Crise do Individualismo)*, na Revista Lugar Comum, onde assim como no *Manifesto Camp*, conversa com conceitos relacionados à diluição das sexualidades, e a relativização dos gêneros, entrelaçando com uma discussão Queer de forma paralela. A mesma tendência se observa em *Entre-Lugar das Homoafetividades*, publicado na Revista Ipotesi em 2001, e *Estudos Gays: Panorâmica e Proposta*, também na Revista Lugar Comum.

Em 2002, Lopes publica o livro *O Homem que Amava Rapazes*, onde aglutina alguns destes textos – como o *Terceiro Manifesto Camp* – e discute com mais densidade seu posicionamento quanto à Teoria Queer. Neste livro, o autor realiza um importante mapeamento dos estudos gays e lésbicos no Brasil, campo este, que segundo Lopes não estaria ainda consolidado em nosso país, mas que havia recebido importantes contribuições de

³⁷ LOPES, Denilson. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 23/05/2013.

autorxs como Peter Fry, Néstor Perlongher, João Silvério Trevisan, Maria Luiza Heilborn, James Green, Luiz Mott, Carlos Alberto Messeder, Edward MacRae e Richard Parker – majoritariamente antropólogos. Neste sentido, Lopes problematiza a nomeação dos estudos, e desdobra estes questionamentos para a tradução da Teoria Queer. Para o autor, o problema de tradução pode não se estabelecer só no plano linguístico, mas também na dificuldade de tradução intelectual.

Pode-se perceber com estes artigos, que Denilson Lopes teve papel importante na emergência da Teoria Queer no Brasil durante os anos 90. Porém, Lopes se afasta do assunto a partir de 2004, quando deixa a presidência da ABEH.

Por último, mas não menos importante, Guacira Lopes Louro e Tomaz Tadeu da Silva podem ser vistos como importantes pesquisadorxs pensando a Teoria Queer na década de 90³⁸. Analiso a relevância destxs dois pesquisadorxs ao mesmo tempo, pois ambos estavam durante a década de 90 debruçados sobre as questões de currículo, educação e sexualidade, trabalhando na mesma instituição, a UFRGS, e em certos momentos as suas obras se complementam, em especial neste momento de “emergência” da Teoria Queer.

Segundo Guacira Lopes Louro, seu contato com os estudos sobre sexualidades começou a partir de 1990, quando cria o grupo GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero). Este teria sido um espaço que, segundo Louro, contribuiu para que ela e sxus\suxs orientandxs tomassem contato com autorxs importantes dos estudos de gênero (como Pierre Bourdieu e Joan Scott). Porém, Louro diz ter começado a direcionar-se mais aos estudos sobre sexualidades quando começou a entrar em contato com a demanda dos professores, a partir de palestras e cursos solicitados ao GEERGE. Segundo elx,

O grande incômodo com o professorado não era propriamente lidar com a feminilidade e a masculinidade como alguma coisa que se construía ao longo da vida, a partir de muitas situações, práticas, experiências, através de lições aprendidas não só na escola e na família, mas na mídia, na TV, no cinema, etc. etc. A encrenca para os professores e professoras era lidar com a sexualidade da garotada! Muitos se declaravam despreparados para lidar com as questões que os meninos e meninas colocavam e com as situações que eles e elas armavam, cotidianamente.³⁹

³⁸ Guacira Lopes Louro é graduada em História pela UFRGS, possui mestrado em Educação na mesma instituição, e doutorado na mesma área pela UNICAMP. Já Tomaz Tadeu da Silva possui graduação em Matemática pela UFRGS, mestrado em Educação na mesma instituição, e doutorado em International Development Education, pela Stanford University.

³⁹ LOURO, Guacira Lopes. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

Foi a partir desta demanda que Louro diz ter começado a aproximar-se dos estudos sobre sexualidades, e mais propriamente dos Estudos Gays e Lésbicos. Foi neste mesmo momento, ao longo dos anos 90, que tomou contato com o livro *Gender Trouble*, de Judith Butler, em uma viagem a Nova York. Para Louro,

foi através de Judith Butler e, muito especialmente, da leitura dos seus dois livros mais conhecidos, *Gender Trouble* e *Bodies that matter*, que me aproximei e comecei a me interessar sobre a Teoria Queer.⁴⁰

A partir daí, a pesquisadorx diz ter começado a interessar-se por Butler e outrxs autorxs, e em outras viagens aos EUA, Argentina e Espanha, sempre buscava encontrar textos tanto de Butler, como de Annemarie Jagose, William Pinar, Deborah Britzman, etc.

Esta influência começa a ser percebida em sua produção como, por exemplo, na leitura do artigo intitulado *A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero*, publicado em 1998, no volume III, nº10 da Revista de Educação CNTE. Neste artigo, Louro utiliza noções como **desviante, binarismos, normalidade, sexualidades, diferença**.

Um ano depois, em 1999, Tomaz Tadeu da Silva publica um livro intitulado *Documentos de Identidade, uma introdução às teorias do currículo*, onde discute diversas formas de interpretar e lidar com o currículo, e uma delas seria a partir da *Teoria Queer*. Este texto de Tomaz Tadeu, intitulado *Uma coisa ‘estranha’ no currículo: a teoria queer*, conversa introdutoriamente com estes estudos, e contribui para a emergência da Teoria Queer no Brasil. O autor também faz uma reflexão sobre a pedagogia queer, campo que seria posteriormente mais desenvolvido por Guacira Lopes Louro.

Neste mesmo ano, Louro publica um livro intitulado *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*, onde aglutina um texto introdutório escrito pela autora, e textos de Jeffrey Weeks, Deborah Britzman, Bell Hooks, Richard Parker, e a única tradução até o momento (2013) registrada da introdução do livro *Bodies That Matter: on the discursive limits of sex*, de Judith Butler. Este pode ser considerado um importante livro de Louro, pois contém artigos até aquele momento pouco difundidos no Brasil, ou ainda não traduzidos para a língua portuguesa, especialmente o de Judith Butler.

Todas estas discussões realizadas por Louro parecem convergir em 2001 com a publicação do artigo intitulado *Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação*, no volume 9, nº 2 da Revista de Estudos Feministas. De maneira didática e introdutória, neste artigo Louro realiza uma investigação aguçada da situação dos Estudos Gays e Lésbicos,

⁴⁰ Idem

assim como da emergência dos movimentos homossexuais nos EUA e Brasil, para pensar sobre a potencialização dos estudos sobre minorias e estudos pós-identitários. Com isso, Louro abre um leque explicativo para o leitor, onde embasa sua argumentação sobre os Estudos Queer. Louro contribui para que o leitor compreenda a importância de Michel Foucault, Jacques Derrida, assim como Judith Butler, para a reflexão *queer*. Posteriormente, realiza uma reflexão sobre o que diz ser a “pedagogia *queer*”. A pedagogia, campo “tradicionalmente normativo”, poderia ser abalado e repensado a partir de uma “pedagogia *queer*”, desestabilizando bases e repensando o lugar do conhecimento\ignorância, e do professor\aluno.

Ao que concerne a Revista de Estudos Feministas, este artigo de Guacira Lopes Louro não foi o primeiro a discutir a Teoria Queer em suas páginas. Uma primeira abordagem dada pela Revista sobre o tema acontece um ano antes, em 2000. O artigo de Francine Masiello, *Conhecimento Suplementar: Queering o eixo norte/sul*, faz uma análise do periódico argentino *Página\12*, e mais especificamente do suplemento feminista *LAS\12*. Infelizmente o artigo trata o *queer* de maneira naturalizada – como se o leitor soubesse do que se trata - e não faz nenhuma discussão epistemológica ou que enfoque a *Teoria Queer* em si, citando a palavra somente algumas vezes durante o texto e na primeira nota de rodapé, que diz:

Em inglês, o adjetivo “queer” denota, entre outras coisas, algo estranho, diferente do esperado, e refere-se também, normalmente de forma pejorativa, ao homossexual. Nos dias de hoje, tem sido muito usado como forma de afirmar positivamente a identidade homossexual, em contraposição a uma construção cultural negativa. No presente texto, o termo é utilizado para indicar um enfoque de questões da tradução de teorias anglo-europeias, sub uma perspectiva de gênero, que obviamente inclui a homossexualidade. Por falta de termo equivalente em português, optei por manter a palavra inglesa. (MASIELLO, 2000)

Esta nota de rodapé representa o único momento em que Masiello explica de alguma forma do que se tratam os Estudos Queer.⁴¹

Depois desta análise sobre a produção teórica sobre a Teoria Queer durante a década de 1990, algumas repostas podem ser ensaiadas às perguntas realizadas no início deste texto. A princípio, é importante perceber que há uma pluralidade de produções sendo escritas durante estes anos em nosso país, vindas de diversos campos, e de diversas localidades. A Teoria Queer não começou a ser pensada e escrita por uma ou duas pessoas, e sim, por um

⁴¹ É interessante também notar que no ano de 2000, na IV edição do Seminário Internacional fazendo gênero, em Florianópolis, o GT 40 foi intitulado “Homossexualidades e identidades ‘queer’”. Teve 4 trabalhos inscritos, nenhum relacionado à Teoria Queer

conjunto de profissionais, que tomaram contato com estes Estudos de diferentes maneiras, sob diferentes óticas, e produziram desde 1995 à sua própria maneira.

Percebemos que se há uma emergência da Teoria Queer no Brasil, talvez seu marco não seja o ano de 2001, como diz Miskolci, e se foi, aconteceu graças a uma maturidade intelectual que já vinha se formando há anos. Porém, qual a necessidade de aderir a marcos e momentos fixos de emergência? Os Estudos Queer buscam um afastamento de qualquer tipo de normatização e solidificação teórica. Por isso, sugiro que ultrapassemos a busca pelo estabelecimento de uma data ou de um artigo que determine um início, e pensemos neste tema como sendo plural, como sendo algo que estará em constante repensar, refletir, reemergir. Afasta-se com isso, da ideia de que o artigo de Guacira Lopes Louro teve o caráter de “marco” para a recepção da Teoria Queer, e aproxima-se da ideia de que havia neste momento diversas frentes, grupos de estudos, e teóricxs interessados e já publicando sobre o assunto.

Dito isto, podemos pensar também que se já desde 1995 se estava pensando sobre o assunto no Brasil, um dos únicos empecilhos que contribuíram para um “atraso” de quatro anos em relação à emergência desta teoria nos Estados Unidos, se deve a questões geográficas e linguísticas. Começamos no Brasil, a estudar a Teoria Queer antes de países como França, que a partir de 2001 começa a traduzir textos de Judith Butler⁴². Parto do princípio de que desde a década de 1980 estávamos formando e transformando a Teoria Queer, que a partir de 1995 começa e ser relativizada, cunhada, reinterpretada. Este movimento de reinterpretação e desconstrução parece permanecer até a atualidade. Um dos motivos para isto é o caráter fluido dos Estudos Queer, assim como sua insipiência em relação às normas e as certezas universais.

⁴² Informação discutida com Marie Hélène Bourcier na mesa redonda “Explodindo gênero”, realizada em Abril de 2013 na UFSC.

Desestabilizando fronteiras: o queer se espalha

Uma característica interessante a ser pensada sobre a Teoria Queer no Brasil, é que ela está sendo estudada, desde 1995, por diversas áreas do conhecimento, sem a intenção de se institucionalizar como um campo de estudos. Para Miskolci, esta especificidade é interessante, já que desde a década de 80, os estudos ligados às sexualidades estavam mais próximos da Antropologia Social (MISKOLCI, 2011, p. 54). Com a emergência dos Estudos Queer nos EUA, e sua disseminação ao redor do mundo, percebe-se que uma de suas características é a construção do conhecimento a partir de uma lógica difusa e pouco estruturada, onde há poucas barreiras que impedem o desenvolvimento de uma perspectiva queer nas áreas das Ciências Humanas – como na História, Antropologia, Sociologia, Educação – e fora delas – como na Biologia, no Jornalismo, na Psicanálise, Teologia, Educação Física, dentre outras-.

Sem a pretensão de englobar tudo o que foi produzido sobre este tema a partir do início dos anos 2000, gostaria de realizar agora uma análise sobre como estes estudos se espalharam para além das fronteiras da Antropologia Social, enfatizando quem e de qual forma começou a trabalhar com este tema.

É perceptível que desde 1995 os pesquisadorxs que se aproximam da Teoria Queer no Brasil provém de diversas áreas do conhecimento. Louro é pedagoga, Swain é historiadora, Lopes é jornalista e sociólogo, Lugarinho é linguista. Tanto estes pesquisadorxs quanto aqueles que começam a produzir a partir dos anos 2000, iriam se direcionar a “assuntos” importantes para os Estudos Queer. Esta tendência parece ter sido iniciada por Guacira Lopes Louro, que ao publicar *“Teoria Queer: uma política pós-identitária para a Educação”*, sugere uma aproximação da Teoria Queer com o campo da Educação. Lugarinho faz o mesmo, ao se concentrar na tradução do conceito *Queer* para o português, e as implicações sociais dessa questão linguística. Tanto estes dois pesquisadorxs, quanto os que começariam a produzir a partir de então, parecem se organizar em “polos” de conhecimento, e na discussão epistemológica da Teoria Queer.

Este direcionamento vai ser perceptível também na obra de Berenice Bento⁴³, que desde 2002 parece iniciar sua produção sobre a Teoria Queer e a desenvolver estudos ligados

⁴³ Berenice Bento é graduada em Ciências Sociais pela UFG, e tem mestrado e doutorado em Sociologia pela UNB.

à transexualidade. Por sua vez, Larissa Pelúcio⁴⁴ se aproxima a partir de 2004 dos estudos sobre travestilidades e Teoria Queer. André Musskopf⁴⁵ estuda desde 2003 as questões da “teologia queer”. Richard Miskolci⁴⁶ desde 2003 relaciona as questões de cunho histórico à Teoria Queer, publicando artigos com “análises queer” de Dom Casmurro, O Ateneu, e Frankstein. Miskolci também é o autor que mais se interessa em responder “o que é a Teoria Queer?”, angústia perceptível em alguns artigos e livros que abordam a relação entre Sociologia e os Estudos Queer, e análises que entrelaçam conceitos da teoria para explicar fatos sociais, como a política do casamento igualitário, em artigo publicado em 2007.

O que esta aparente estratificação dos Estudos Queer pode significar? Por que não há uma intenção de institucionalização destes Estudos? Quais são as vantagens que traz este tema ao se disseminar às diversas áreas do conhecimento?

A Teoria Queer não tem a intenção de se institucionalizar, pois ela mesma emerge com o intuito de questionar o lugar dos conhecimentos institucionalizados e das normatizações sociais e acadêmicas. Por isso, a forma mais interessante de se trabalhar com estes Estudos é a partir da *verbalização*, da *queerização*. O que isso significa? As abordagens de um tema podem ter diversos princípios teóricos metodológicos. Por exemplo, para se estudar a transexualidade, partir de uma perspectiva *queer* não é uma obrigação. Porém, ao optar por estudar a transexualidade por um viés *queer*, se está *queerizando* o assunto e a intenção da pesquisa. Isso quer dizer que por ter este caráter fluido e pouco institucionalizado, a Teoria Queer consegue se inserir nos diversos campos do conhecimento, e contribuir com vários tipos de pesquisa. Basta que aconteça uma *verbalização* do queer, tratando estes estudos como verbo, e não como objeto ou sujeito. Este é um dos motivos que fazem com que a Teoria Queer se estratifique dentro dos campos teóricos do conhecimento no Brasil. Esta é uma maneira de se afastar da normatização acadêmica, e do fechamento destes estudos para uma área em específico. A Teoria Queer está aberta para ser estudada sob lentes plurais, e sob perspectivas diversas.

E como aconteceu este processo de ramificação dos Estudos Queer? O que estava sendo publicado a partir dos anos 2000, que contribui com a elaboração desta perspectiva?

⁴⁴ Larissa Pelúcio é graduada em Ciências Sociais pela UFSCAR, e tem mestrado e doutorado em Ciências Sociais na mesma instituição.

⁴⁵ André Musskopf é Graduado em Teologia pela Escola Superior de Teologia, e tem mestrado e doutorado em Teologia na mesma instituição

⁴⁶ Richard Miskolci é Graduado em Ciências Econômicas pela UNESP, e tem mestrado em Sociologia pela UNESP, e doutorado em Sociologia pela USP

Entre 1995 e 2001, diversxs pesquisadorxs estavam pensando a Teoria Queer, a partir de diferentes lógicas e perspectivas, como já dito anteriormente. Em 2001, três artigos são publicados, um na Revista de Estudos Feministas, por Guacira Lopes Louro, e dois na Revista Gênero, por Tânia Navarro Swain e Mário César Lugarinho. Dentre estxs três pesquisadorxs, e outrxs que estavam produzindo neste momento, a única que parece ter continuado debruçada sobre o tema foi Guacira Lopes Louro, que permanece refletindo sobre o *queer*, a educação, e o currículo nos anos que se seguem.

Em 2002, Louro publica um artigo intitulado “*Currículo, gênero e sexualidade — refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico"*”. Neste texto, a autora discute conceitos como **heteronormatividade** e **pós-modernidade**, enfatizando que o atual movimento de questionar o lugar das normatizações sociais emerge como uma estratégia de descentralizar uma lógica social, artística, sexual, cultural, científica, ética e estética direcionada à heterossexualidade. Enfatiza com isso, o local das “novas” identidades “ex-cêntricas”, que são múltiplas, complexas, e não têm a intenção de se centralizar e de serem “normais”. Este artigo pode ser analisado como uma extensão daquele publicado um ano antes por Louro na Revista de Estudos Feministas, abrindo o leque da discussão e propondo mais elementos que não haviam aparecido um ano antes. Este texto foi publicado em 2002 na revista Labrys, e em 2003 no livro *Corpo, Gênero e Sexualidade, um debate contemporâneo na educação*, onde Louro é uma das organizadoras.

O ano de 2002 parece ter sido quando Berenice Bento entrou em contato com a Teoria Queer, durante sua bolsa sanduíche de doutorado em Sociologia realizado na *Universitat de Barcelona*. Neste ano, Bento publica um artigo em Espanhol intitulado *Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual*, no Anuário de Hojas de Warimi, onde discute as questões de identidades e performatividades transexuais, tanto no contexto brasileiro, quanto no espanhol. Neste artigo, Bento se refere só rapidamente à Teoria Queer, na nota de rodapé número 60, onde explica sinteticamente do que se trata. Este parece ter sido o primeiro artigo de Bento que faz a ligação entre a Teoria Queer e a transexualidade.

Aconteceu também em 2002 a V edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero, com o tema “Feminismo como política”. Neste evento, foram identificados pelo menos dois trabalhos abordando diretamente a Teoria Queer, ambos no grupo de trabalho intitulado **Transgênero e Corporalidade**, coordenado por Anna Paula Vencato. Por mais que existissem no mínimo dois trabalhos que tratam sobre a Teoria Queer, todos os sete trabalhos inscritos no Grupo direcionam a discussão para um questionamento das normas e do lugar da

heterossexualidade. Berenice Bento estava inscrita neste GT, e apresentou o supracitado texto que havia publicado no mesmo ano no Anuário de Hojas de Warmi, na Espanha.

Neste ano aconteceu também o I Congresso da ABEH, com o tema “Homocultura e Cidadania”. A formação deste Congresso e da Associação é resultado dos esforços dos três primeiros encontros já citados anteriormente, organizados por Mário César Lugarinho e José Carlos Barcellos. Considero que a ABEH constrói um papel importante no desenvolvimento dos Estudos Queer no Brasil com o desenrolar de seus encontros bienais. Por estar associada com questões de sexualidades e heteronormatividades, a Teoria Queer encontra lugar confortável e de germinação em congressos como estes, dedicados aos estudos de sexualidades e homoculturas. Isto acontece com menos intensidade nos encontros dos Seminários Internacionais Fazendo Gênero, que têm como objetivo principal os estudos feministas.

É importante lembrar que a Teoria Queer não é o objetivo de discussão principal da ABEH, que se preocupa também com outros temas e propostas de estudos das sexualidades. Neste sentido, Leandro Colling, presidente da ABEH até 2013, complementa:

Os estudos queer crescem na ABEH ao longo das últimas edições, mas não penso que a ABEH seja um evento exclusivo sobre estudos queer, e nem acho que deveria ser, mesmo quando ela esteve sob a minha presidência. A ABEH tem a proposta de acolher todas as perspectivas teóricas, metodológicas, conceituais, epistemológicas que são usadas nos estudos sobre a diversidade sexual e de gênero. Mas, é claro que os estudos queer ganharam mais espaço até porque esses estudos trouxeram novas abordagens, novidades para o campo. Ou seja, penso que a ABEH foi e é abrigo para os estudos queer, mas também é para outras perspectivas teóricas.⁴⁷

Sendo assim, os Congressos da ABEH podem ser interpretados como um importante espaço para a discussão sobre assuntos ligados às questões LGBT, a partir de diversas perspectivas teóricas, sendo uma delas a Teoria Queer. Porém, no ano de 2002 isso ainda não aparece com tanta intensidade, pois o evento, nesta edição, ainda permanecia muito associado às questões literárias, situação que iria mudar no congresso seguinte⁴⁸.

Em 2003, Louro escreve o texto *Corpos que escapam*, para a Revista Labrys, e Richard Miskolci publica o artigo *Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social*, na revista

⁴⁷ COLLING, Leandro. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

⁴⁸ http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152&Itemid=89 acesso em: 15/06/2013

Estudos de Sociologia, onde realiza uma genealogia do conceito de normalidade e desvio, discutindo a emergência da eugenia e de conceitos como heterossexualidade e homossexualidade. Por mais que não toque na Teoria Queer, está o tempo todo tangenciando as discussões e embasando historicamente aquilo que viria a trabalhar nos anos seguintes⁴⁹. O ano de 2003 marca a primeira edição traduzida do livro *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade*, de Judith Butler. Também aparece neste ano o artigo *O Parentesco é sempre tido como heterossexual?* de Judith Butler, na edição nº 21 dos Cadernos Pagu. Neste artigo, Butler discute a construção social da noção de parentesco no ocidente contemporâneo, e busca desconstruir este conceito a partir de uma abordagem ligada à Teoria Queer. O artigo havia sido apresentado pela autora um ano antes, na edição nº 13 da Revista *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*.

No ano seguinte, Guacira Lopes Louro lançaria o primeiro livro escrito por uma autora brasileira que traz em seu título a “Teoria Queer”, e tem por objetivo a discussão direta deste assunto. Trata-se de *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Este livro é, segundo a autora, a seleção de uma série de artigos que vinham sendo publicados sobre o tema, ou que tangenciavam a discussão, nos últimos anos de sua carreira.

Um dos lançamentos deste livro aconteceu no II Congresso da ABEH, então presidido por Denilson Lopes. Esta edição do evento aconteceu na UNB e teve como tema “Imagem e diversidade sexual”. Contou com a participação de palestrantes brasileirxs e estrangeirxs, e aproximadamente 300 pessoas participaram do congresso, 163 deles apresentando trabalhos⁵⁰. Porém, como afirma Colling, neste momento a relação com a Teoria Queer ainda acontecia com certo distanciamento e em alguns momentos era duramente criticada, reflexo de um estudo que estava começando a ser difundido. Sobre este evento, a publicação do livro de Louro, e o tocante à Teoria Queer, Colling afirma,

A primeira vez que eu participei da ABEH foi na edição de Brasília, quando Denilson era presidente. Se você pegar a programação daquela edição você verá que existiram várias mesas, organizadas pelos organizadores do evento, com temática e autores ligados aos estudos queer. Guacira fez uma palestra e lançou o livro *O corpo estranho* [...]. Eu lembro que apresentei um paper naquele evento, chamado “O que ocorre na imprensa quando um padre solta a franga?”, já influenciado por algumas leituras dos estudos queer, e fui duramente criticado na minha apresentação em meu GT. Por que estou dizendo isso? Naquela época as

⁴⁹ Segundo Miskolci, em entrevista por e-mail, foi durante estes anos que ele havia entrado em contato com a Teoria Queer, a partir de conferências que participou em um de seus pós-doutorados na University of Chicago. MISKOLCI, Richard. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 15/03/2013

⁵⁰ http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=152&Itemid=89

reflexões sobre os estudos queer estavam em algumas grandes mesas redondas e palestras, mas não eram muito utilizadas, e não eram muito bem vindas, nas discussões internas dos GTs. Isso vai mudando ao longo dos anos e na edição do ano passado, aqui em Salvador, era raro não ter algum paper que pelo menos citasse algum autor/a dos estudos queer.⁵¹

Infelizmente não tive acesso à programação deste evento. Porém, boa parte dos textos apresentados neste congresso foram publicados ainda no mesmo ano no livro *Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura*, organizado por Denilson Lopes, Sergio Aboud e Wilton Garcia. Neste livro, dentre outrxs, estão presentes os artigos *Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento* de Guacira Lopes Louro; *Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual*, de Berenice Bento; *Teologia e hermenêutica bíblica queer*, de André Musskopf; e *Homocultura e literatura: de volta ao luso princípio queer*, de Mario César Lugarinho. A publicação destes textos pode ser indício daquilo que Colling explicitou acima, a presença de uma discussão queer durante o II Congresso da ABEH.

Outra fonte que contribui para elucidar o lugar da Teoria Queer no II Congresso da ABEH é o artigo de Berenice Bento intitulado *Estudos Queer aqui e agora*. Neste texto, Bento relata algumas reflexões realizadas durante o congresso, onde aconteceu um “debate marcante a respeito da teoria queer” (BENTO, 2004). Segundo a autora aconteceram algumas reuniões, e os pesquisadorxs mais interessados sobre a Teoria Queer chegaram a algumas conclusões sobre o quadro em que se encontrava o tema em âmbito nacional: percebia-se naquele momento uma carência de espaços de interlocução com os Estudos Queer além dos já legitimados nacionalmente (ANPOCS, ABA SBS); havia um descompasso temático entre os trabalhos apresentados no Congresso da ABEH e os privilegiados em fóruns tradicionais; já se percebia neste momento uma transversalidade do debate entre as diferentes áreas do conhecimento - sociólogxs, historiadorxs, antropólogxs, jornalistas, educadorxs, cineastas, militantes, dentre outrxs. No que concerne aos encaminhamentos projetados pelos participantes, e descritos pela autora, está a criação de uma Revista acadêmica com o intuito de discutir os Estudos Queer. Segundo Bento, mesmo que existissem diversas revistas ligadas aos temas de gênero e sexualidades, não existia nenhuma que se voltava a uma discussão que partisse de uma proposta queer. Ao final do texto, Bento diz que

Sáímos do Congresso com a sensação que estávamos construindo algo novo, o que nos impõe a estimulante tarefa de consolidar esse espaço e

⁵¹ COLLING, Leandro. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

seguir contribuindo para formação do campo de estudos *queer* no Brasil” (BENTO, 2004).

Este texto de Bento carrega múltiplas significações. Primeiramente, pode-se perceber que é complementar ao que diz Colling durante sua entrevista, no que toca à presença de mesas, palestras e comunicações orais sobre a Teoria Queer durante o II Congresso da ABEH. Também é perceptível a necessidade de desenvolvimento e amadurecimento da Teoria Queer no Brasil, com a criação de uma Revista acadêmica e a tentativa de inserir estas discussões em eventos que pouco as discutiam, como a ANPOCS e ABA. Por último, percebe-se que a “sensação de estar construindo algo novo”, vem de encontro ao fato de que desde a década de 1990 havia um diálogo com os Estudos Queer no Brasil, o que faz com que as discussões durante este congresso não caracterizem algo novo, e sim, ainda pouco difundido. Acredito que este texto seja um documento importante para se perceber o lugar dos Estudos Queer no Brasil em 2004.

Parece que no ano de 2004 os Estudos Queer se concentraram nas discussões no Congresso da ABEH, pois aconteceu no mesmo ano o VI Seminário Internacional Fazendo Gênero, e na análise de suas comunicações orais, não encontrei nenhum trabalho apresentado trabalhando diretamente com a Teoria Queer. O Congresso propôs dois grupos de trabalhos em específico intitulados *Homossexualidade e Transgênero I e II*. No primeiro GT concentram-se cinco trabalhos discutindo a homossexualidade, e no segundo, há dois trabalhos sobre transexualidade, um sobre travestilidade, um sobre lesbianismo e dois sobre homossexualidades. De todos estes, o único que parece ter uma abordagem mais ligada aos Estudos Queer é *Homossexualidades: perspectivas pós-identitárias*, de Neuza Guareschi, e Andrei Weber⁵².

Além destes trabalhos, no ano de 2004 também se pode perceber a presença de outros artigos relevantes para os Estudos Queer, como⁵³: *Transexuais, corpos e próteses*, de Berenice Bento, publicado na revista Labrys; *O normal e o abjeto: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres*, de Tânia Navarro Swain, na revista Labrys; *Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo*, de Larissa Pelúcio, na Revista Antropológicas. Também foram publicados dois capítulos de livros referentes ao tema: *Queer: Teoria, Hermenêutica e Corporeidade*, de André Musskopf, no

⁵² Informação disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/6/comunicacoes/comunicacoes31.dwt> <http://www.fazendogenero.ufsc.br/6/comunicacoes/comunicacoes32.dwt> (Acesso em 29/05/2013). É necessário ser aberto no Internet Explorer.

⁵³ A lista completa das referências bibliográficas destes trabalhos está disponível no Anexo I.

livro *Teologia e Sexualidade - Um ensaio contra a exclusão moral*; e *Da transexualidade oficial às transexualidades*, de Berenice Bento, no livro *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*, onde a autora fala um pouco sobre seu trabalho de campo durante o doutorado, e seu contato com a Teoria Queer durante o doutorado sanduíche na *Universitat de Barcelona*. Percebe-se com isso, um lento e gradual aumento no número de trabalhos relacionadas ao tema com o passar dos anos, e uma difusão entre as áreas do conhecimento.

Em 2005 aparece na Revista de Estudos Feministas, que estava desde 2001 sem publicar artigos que discutiam a Teoria Queer, dois textos abordando a intersecção deste tema e teorias raciais. O primeiro deles foi publicado no volume 13, nº2, intitulado “*Mulher-raça*”: *a reprodução da nação em Gabriela Mistral*, de Lícia Fiol Matta, docente na City University of New York. Neste texto, a autora discute a atuação pública e privada de Gabriela Mistral (poeta, educadora e Prêmio Nobel Chilena) como intelectual latino-americana queer, ao defender os povos indígenas chilenos. O segundo foi publicado no volume 13, nº 3 da REF, intitulado *Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”*, de Cláudia de Lima Costa e Eliana de Souza Ávila. Neste artigo as autorxs se debruçam na obra de Anzaldúa, principalmente no livro *This Bridge Called my Back*, e procuram lembrar sobre a importância desta autora como uma das primeiras teóricas queer, algo que muitas vezes é esquecido ou negligenciado.

Também neste ano Richard Miskolci publica seu primeiro artigo discutindo diretamente a Teoria Queer, chamado *Do Desvio às Diferenças*, no Volume 47, nº. 1 da Revista Teoria e Pesquisa. Neste artigo, Miskolci aprofunda as discussões que havia feito em seu último artigo, sobre a genealogia do conceito de normalidade e desvio. Além de realizar este estudo sobre a emergência dos corpos subversivos, Miskolci se concentra na emergência do culturalismo na metade do século XX, e da Escola de Chicago, nos EUA. A partir destxs duas vertentes, o autor vai tecendo seu texto até chegar à emergência da Teoria Queer como proposta de estudos sobre as diferenças e de análise das normatizações sociais. Miskolci também lança neste ano um capítulo intitulado *Um Corpo Estranho na Sala de Aula*, no livro *Afirmando Diferenças: Montando o Quebra Cabeça da Diversidade da Escola*. Neste texto, Miskolci aborda o lugar dos alunos que não condizem com as normas de gênero e sexualidade dentro da sala de aula, contribuindo para o debate que relaciona a Pedagogia e a Teoria Queer.

Em 2005 André Musskopf escreve o artigo *Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria Queer a partir da Teologia*, na revista História Unisinos, e o capítulo *Identidade masculina e corporeidade -*

uma abordagem queer, no livro *Corporeidade, etnia e masculinidade - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. Também neste ano, Larissa Pelúcio começa a relacionar sua pesquisa de doutorado com as perspectivas queer, a partir do artigo intitulado *Toda Quebrada na Plástica - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*, na revista Campos. Neste texto, a autora pincela a Teoria Queer, mas sem discutir diretamente. Pelúcio parece optar por discutir alguns conceitos em específico, como **heteronormatividade** por exemplo.

Em 2006 Berenice Bento publica sua tese de doutorado, defendida em 2003, e intitulada *A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Neste livro, Bento se debruça a explicar detalhadamente sua posição intelectual quanto aos Estudos Queer, e a discute nos pormenores, atitude que muitas vezes é pouco realizada nos artigos em geral, que são menores e mais diretos. Neste mesmo ano Bento tece o capítulo nomeado *Quando o gênero se desloca da sexualidade: homossexualidade entre transexuais*, do livro *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade*. Neste texto Bento também realiza uma discussão densa sobre a Teoria Queer.

Ainda em 2006, Larissa Pelúcio publica *Três Casamentos e Algumas Reflexões: nota sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem* na Revista de Estudos Feministas, e na mesma revista, Justina Franco Gallina resenha o livro *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, de Guacira Lopes Louro.

Já nos Cadernos Pagu, Pedro Paulo Gomes Pereira publica uma resenha do livro de Berenice Bento, apresentado acima. A resenha é intitulada *Teoria queer e a reinvenção dos corpos*. Pereira enfatiza a importância em se perceber o livro de Bento como um importante documento de discussão dos Estudos Queer.

Aconteceu também em 2006 o VII Seminário Internacional Fazendo Gênero, com o tema *Gênero e Preconceito*. Nesta ocasião, percebe-se que o número de trabalhos relacionados à Teoria Queer aumenta consideravelmente. Se em 2004 não se encontrou nenhum trabalho direcionado à discussão dos Estudos Queer, em 2006 percebem-se pelo menos oito trabalhos discutindo diretamente estes estudos, e pelo menos seis que tangenciam a discussão, em quatro diferentes Simpósios Temáticos (ST)⁵⁴.

⁵⁴ ST 04 - Práticas e representações - http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_04_B.html

ST16 - Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_16.html

ST20 - Homossexualidades femininas: subjetividade e política

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_20.html

ST49 - A construção dos corpos: violência material e simbólica

Dou atenção especial a um destes Simpósios, o de número 16, intitulado “Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem”. O resumo deste ST, coordenado por Berenice Bento, Larissa Pelúcio e Marcos Benedetti, explica que nos últimos anos haviam crescido os estudos sobre transexualidade, travestilidade e despatologização das sexualidades ditas não normativas. Para xs coordenadorxs, este novo campo temático se filia com uma “abordagem construtivista queer”. Sendo assim, este ST tinha como objetivo discutir os gêneros e sexualidades alocados fora dos binarismos, buscando um entrelaçamento com os Estudos Queer. Trinta trabalhos foram inscritos no ST, sendo que dentre eles, quatro conversam diretamente com a Teoria Queer, e seis tangenciam as discussões.⁵⁵

Em relação à reflexão e desenvolvimento de um tema em contexto nacional, é importante perceber sua presença em artigos, livros, eventos, e também na defesa de teses e dissertações. Talvez um dos primeiros trabalhos defendidos que dialoga com a Teoria Queer tenha sido a tese de Berenice Bento⁵⁶, publicado em livro em 2006 e já comentado anteriormente. Outro trabalho que também merece enfoque é a tese de doutorado de Jimena Furlani, defendida em 2005, e intitulada *O bicho vai pegar - um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*.

Em 2006 a Teoria Queer começa a aparecer em títulos de trabalhos, e a receber uma atenção maior nas palavras-chave e nos pressupostos teóricos metodológicos dos mestrands e doutorands. Neste ano há uma tese e uma dissertação que discutem a “Teoria Queer”. São elas: *Teoria Queer e Estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida*, tese de Taís Leal de Oliveira, na área dos Estudos da Linguagem, na PUC/RJ; e *A pesquisa fora do armário: ensaio de uma heterotopia queer*, dissertação de Fernando Pocahi, na área de Psicologia Social e Institucional, na UFRGS. Ao que parece, estes trabalhos abrem caminho para uma série de outros a partir de 2007.

Se de 1995 até o início dos anos 2000 o que se têm sobre a Teoria Queer no Brasil são alguns artigos e trabalhos apresentados, este quadro não muda radicalmente nos anos que se seguem. As diferenças que podem ser percebidas a partir de 2001\2002, é que a ABEH começa a aparecer como uma associação e Congresso que fomenta as discussões queer, e novxs autorxs começam a publicar artigos, em diferentes áreas, sobre diferentes assuntos. Ou

http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/st_49.html

⁵⁵ Aconteceu também em 2006 o III Congresso da ABEH, do qual não foi possível ter acesso aos anais ou a informações relevantes.

⁵⁶ É interessante perceber também a relevância de uma abordagem queer dada pelos orientandxs de Guacira Lopes Louro, em especial Jimena Furlani, que defende sua tese em 2005, propondo diversas abordagens para a educação, uma delas, a pedagogia queer.

seja, do início dos anos 2000 até 2007, os Estudos Queer se desenvolvem de maneira lenta e gradual. Porém, a partir de 2007 parecem se multiplicar cada vez mais rápido, em diversos âmbitos.

Entre 2000 e 2007 os autorxs que mais contribuíram para a difusão da Teoria Queer foram Guacira Lopes Louro, Denilson Lopes, Mario César Lugarinho, Richard Miskolci, Larissa Pelúcio, Berenice Bento e André Musskopf. A partir de 2007 novxs pesquisadorxs começam a se debruçar sobre a discussão *queer* e a contribuir no desenvolvimento destes estudos no Brasil. Os que mais se percebe engajados na discussão são: Leandro Colling⁵⁷, que organiza do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS) em 2008 e publica uma série de artigos analisando a representação dada a personagens homossexuais em novelas da Rede Globo de Televisão; Adriano Azevedo de León⁵⁸, que aproxima uma perspectiva anarquista aos estudos queer; Pedro Paulo Gomes Pereira⁵⁹, a partir de 2008 começa a escrever artigos que dialogam com a obra de Marie Hélène-Boucier, teórica queer francesa, e Beatriz Preciado, teórica queer espanhola. Pereira também se concentra em discutir as questões sobre (pós) pornografia, a partir de uma abordagem queer, e sobre a reinterpretação da Teoria Queer no contexto brasileiro; a partir de 2008 Wagner Xavier de Camargo⁶⁰ contribui com a aproximação da Teoria Queer com a Educação Física; Anselmo Pères Alós a partir de 2009 busca maneiras de pensar uma poética queer.

Destaco também, o importante papel de discussão e difusão da Teoria Queer operado por instituições como a Universidade Federal de Santa Catarina e pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Nestas instituições, pesquisadorxs como a Jimena Furlani (UDESC), Mirian Pillar Grossi (UFSC), Carmen Rial (UFSC), e Felipe Bruno Martins Fernandes (UFSC), estão pelo menos desde a metade dos anos 2000, se debruçando sobre a Teoria Queer e defendendo este conjunto de ideias em suas produções. Neste sentido, faço especial referência ao importante livro publicado no ano de 2009, intitulado *Diversidade Sexual na Educação: problematização sobre a homofobia nas escolas*. Podemos observar nos capítulos deste livro (onde Jimena Furlani e Felipe Fernandes são autores), um diálogo entre o poder público governamental (o livro foi financiado e apoiado pelo MEC), com as discussões

⁵⁷ Leandro Colling é graduado em Comunicação Social pela UNISINOS, e possui mestrado e doutorado em Comunicação Social pela UFBA

⁵⁸ Adriano Azevedo de León é graduado em Engenharia Agrônômica pela UFPB, tem mestrado em Sociologia Rural pela UFPB e doutorado em Sociologia pela UFPE.

⁵⁹ Pedro Paulo Gomes Pereira é graduado em Ciências Sociais pela UFG, tem mestrado e doutorado em Antropologia pela UNB

⁶⁰ Wagner Xavier de Camargo é graduado em Ciências Sociais pela UNICAMP, mestrado em Educação Física pela UNICAMP e doutorado em Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC

da Teoria Queer e dos Estudos Gays e Lésbicos. Também destaco uma entrevista realizada por Mirian Pillar Grossi com Jaya Sharma, publicada em 2009 no Cadernos de Crítica Feminista, onde a entrevistadora contribui com essa conversa, para uma aproximação entre a Teoria Queer Brasileira e Indiana.

Da mesma forma, existem autores que estão trabalhando de maneira paralela à Teoria Queer, ou com menos frequência, como: Fernando Pocahy, Henrique Caetano Nardi, Carla L. Grespan, Silvana Goellner, Justina Franchi Gallina, Wilian Siqueira Peres, Maria Rita de Assis César, Fernando Seffner, dentre outrxs.

Além destxs autorxs que começam a trabalhar com a Teoria Queer neste momento, existem ainda pelo menos outros três fatores que fazem com que os Estudos Queer se multipliquem no Brasil a partir de 2007: a organização da Revista Bagoas, que tem como proposta editorial o estudo sobre “temáticas de gênero e sexualidade, com destaque para os estudos gays, lésbicos e queer sobre homossexualidades, lesbianidades, transexualidades.” (BAGOAS, 2008, p. 1); a organização do primeiro dossiê em uma revista acadêmica destinada à discussão dos Estudos Queer, a edição número 28 do Cadernos Pagu, intitulada *Sexualidades Disparatadas*, organizada por Richard Miskolci e Júlio Assis Simões; e a multiplicação de teses e dissertações que abordam a temática queer.

Um dos reflexos deste aumento de trabalhos é a difusão dos conceitos entre xs pesquisadorxs relacionados às discussões de sexualidades. Percebe-se que alguns trabalhos começam a se referir aos Estudos Queer de maneira “subterrânea”, utilizando-se de conceitos como **heteronormatividade**, **abjeção**, **binarismos**, sem necessariamente discutir o que é a Teoria Queer. No VI Congresso da ABEH, de 2012, como diz Leandro Colling⁶¹, era difícil não ter um trabalho que utilizasse ao menos um autor queer nas referências bibliográficas, mesmo que o texto em si não estivesse discutindo a Teoria Queer diretamente. Por exemplo, o trabalho de Adriano Cysneiros e Djalma Thürler, intitulado *Voz e Palco: Dzi Croquettes e a Experiência da Abjeção*, traz em seu título o conceito **abjeção**. Este conceito é discutido durante o texto a partir de uma perspectiva queer, porém a **Teoria Queer** só vai aparecer nas referências bibliográficas. Outro exemplo é *A heteronormatividade e o Cotidiano Escolar: Desconfortos e Reflexões em Oficinas com Profissionais da Educação*, de Analú Carbos

⁶¹ COLLING, Leandro. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

Freitas (et. al.), que trabalha com a **heteronormatividade** partindo de uma perspectiva da Teoria Queer, que também neste caso, só aparece nas referências bibliográficas⁶².

O que esta notação quer nos dizer, é que xs pesquisadorxs estão tomando contato com os textos produzidos no Brasil e no exterior, e estão cada vez mais estudando e utilizando a Teoria Queer. Isto faz com que a localização e triagem dos artigos a partir de 2007 se torne um trabalho historiográfico difícil e seletivo, pois nem todos os trabalhos que utilizam termos da Teoria Queer podem ser considerados queer. De 2007 em diante, a Teoria Queer cria “raízes móveis”, e começa a ser percebida no “subterrâneo” de vários trabalhos acadêmicos.

Por isso, a partir deste momento busco enumerar os trabalhos mais importantes que encontrei, focalizando entre artigos, capítulos de livros\livros publicados, e teses e dissertações defendidas, sempre lembrando sobre a multiplicidade de ramificações que se pauta no momento contemporâneo sobre estes estudos. A lista de publicações estará disponível de maneira ampliada no anexo deste trabalho. O que se segue tem a intenção de ser uma amostra do crescimento e da multiplicidade dos estudos queer a partir de 2007.

O Dossiê do volume 28 dos Cadernos Pagu, *Sexualidades Disparatadas*, organizado por Richard Miskolci e Júlio Assis Simões, reúne uma série de artigos de autorxs de diversas áreas, brasileiros e estrangeiros, sobre a Teoria Queer. Na apresentação do Dossiê, os organizadores realizam um breve panorama do lugar dos Estudos Queer no contexto intelectual brasileiro naquele momento, enfatizando que pelo menos até então, nem os estudos gays e lésbicos, nem os estudos queer, haviam se institucionalizado. Mas esta não institucionalização não teria impedido, segundo os autorxs, o florescimento de uma considerável produção sobre sexualidades nas ciências sociais (MISKOLCI, SIMÕES, 2007), resultado de um interesse sistemático pelo assunto que remonta à década de 80, com os estudos de Peter Fry e Néstor Perlongher. Sendo assim, este Dossiê teria o intuito de “apresentar um quadro representativo dos modos como, da perspectiva das ciências humanas e sociais, estamos discutindo, incorporando e modificando a teoria *queer*.” (MISKOLCI, SIMÕES, 2007).

O Dossiê contém dez artigos e uma entrevista. Dentre eles é publicada: uma versão reduzida para artigo do livro de Eve Kosofsky Sedgwick, *A Epistemologia do Armário*, importante título publicado ainda na década de 1980, que influenciou a emergência da Teoria

⁶²http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=146&Itemid=101 Acesso em: 17/06/2013

Queer; e uma entrevista que Beatriz Preciado concedeu a Jesús Carillo, publicada em Espanhol pela revista.

No que concerne à defesa de teses e dissertações, se em 2006 foram defendidos dois trabalhos, em 2007 este número dobra para quatro, nas áreas de Artes e Cultura Visual, Letras, Literatura de Língua Inglesa e Comunicação.

Uma série de artigos floream o cenário intelectual sobre os Estudos Queer no ano de 2007. Pelo menos cinco artigos foram publicados nas revistas *Ártemis*, *Gênero*, *Labrys* e *Bagoas*, e um capítulo de livro foi escrito. Sendo assim, pelo menos vinte e um trabalhos foram publicados em 2007 sobre a Teoria Queer.

Em 2008 o número de teses e dissertações defendidas sobe para seis, nas áreas de História Cultural, Teologia, Artes Cênicas, Psicologia Clínica, Antropologia, e Ciências da Religião. Pelo menos onze artigos foram publicados nas Revistas *Iara*, *Bagoas*, *Interfaces*, *Pro-Posições*, e *Revista de Estudos Feministas*, quatro capítulos de livro foram escritos, e um livro intitulado *O que é transexualidade?* de Berenice Bento.

No que concerne à presença de trabalhos relacionados aos Estudos Queer no VIII Seminário Internacional Fazendo Gênero, pode-se perceber pelo menos sete trabalhos tratando diretamente do assunto, e pelo menos vinte e nove tangenciando o tema, em pelo menos seis Simpósios Temáticos diferentes⁶³. Dou especial atenção ao Simpósio número 61 *Sexualidades, corporalidade e transgêneros: narrativas fora da ordem*, coordenada por Larissa Pelúcio, Berenice Bento e Richard Miskolci. Este ST é uma continuação daquele que havia sido criado na edição anterior do evento⁶⁴. Sendo assim, há pelo menos vinte e nove trabalhos que dialogam diretamente com a Teoria Queer em 2008.

Em 2009, ao menos dez artigos foram publicados nas revistas *Caderno Temático de Sexualidade*, *Revista de Estudos Feministas*, *Bagoas*, *Sociologias*, *Gênero*, *Revista Latino Americana*, *Crítica Cultural*, e *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*.

⁶³ST14 - A escrita do eu: ficções e confissões da dor I - 1 trabalho em espanhol sobre TQ -

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st14.html>

30 - Religião, gênero e diversidade sexual- 1 trabalho sobre teologia queer -

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st30.html>

33 - Subjetividade, gênero e sexualidade- 2 trabalhos sobre TQ - <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st33.html>

46 - Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências - 1 trabalho sobre TQ-

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st46.html>

56 - Novas possibilidades de configuração heterossexual- 1 trabalho sobre TQ-

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st56.html>

61 - Sexualidades, corporalidade e transgêneros[1]: narrativas fora da ordem - 29 trabalhos, a maioria deles ligados com a TQ

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st61.html#_ftn1

⁶⁴ ST nº 16 - “Sexualidades, corporalidades e transgêneros: narrativas fora da ordem”

Pelo menos seis capítulos de livros foram escritos, e um livro intitulado *Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*, de Larissa Pelúcio. Além disso, no que concerne à defesa de teses e dissertações, pode-se perceber que em 2009 no mínimo onze trabalhos foram apresentados, nas áreas de Sociologia, Letras, Comunicação, Educação. Sendo assim, vinte e oito trabalhos foram escritos em 2009.

Em 2010 pode-se afirmar um mínimo de cinco artigos publicados na Revista de Estudos Feministas, Eco, Olhar, e Bagoas; pelo menos cinco capítulos de livros são escritos; e um livro é organizado por Richard Miskolci, intitulado *Marcas da Diferença no Ensino Escolar*, onde ele mesmo escreve um dos capítulos. Neste ano quatro teses e dissertações foram defendidas, nas áreas de Ciências da Religião, Sociologia, Linguística e Psicologia.

No XIX Seminário Internacional Fazendo Gênero deste ano, há um aumento considerável de trabalhos apresentados. Foram encontrados treze comunicações orais em no mínimo oito Simpósios Temáticos⁶⁵, em especial no ST número 69, intitulado *Sexualidades, corporalidade e trânsitos: narrativas fora da ordem*, nesta edição coordenado por Berenice Bento e Larissa Pelúcio, e com a mesma proposta dos últimos dois encontros. Percebe-se desta forma, que em 2010 foram publicados vinte e oito trabalhos que contribuem para o desenvolvimento dos Estudos Queer no Brasil.

Em 2011, temos dezessete artigos escritos na Revista de Estudos Feministas, Bagoas, Formação Docente, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Cadernos Pagu, Famecos, Texto, Cadernos de Letras da UFF. No volume 19, nº1 da Revista de Estudos Feministas foi publicado o texto de Beatriz Preciado intitulado *Multidões queer: nota para uma política dos "anormais"*. Este é um texto que apresenta alguns apontamentos da forma como Preciado se articula com a Teoria Queer. Além disso, a REF organiza em seu volume de nº 19, uma seção

⁶⁵ 16. Discursos construtores, imagens, identificações e diversidades - 1 trabalho sobre TQ

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=164

30. Gênero e Diversidade - 1 trabalhos sobre TQ -

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=21

42. Gênero, Direito e Psicanálise: interfaces, deslocamentos e traduções nos modos de subjetivação

contemporâneos - 1 trabalhos sobre TQ - http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=74

47. Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências - 2 trabalhos sobre TQ -

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=180

51. Leituras da diversidade: imaginários, cosmovisões e contestações - 1 trabalhos sobre TQ-

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=44

66. Religiões e diversidade sexual -1 trabalhos sobre TQ -

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=158

67. Rotas homoeróticas nas literaturas luso-afro-íbero-americanas -1 trabalho TQ

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=153

69. Sexualidades, corporalidade e trânsitos: narrativas fora da ordem -

5 trabalhos sobre TQ - http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/simposio/view?ID_SIMPOSIO=11

temática relacionando eco feminismo, educação ambiental e Teoria Queer. Esta seção contém seis artigos, que relacionam estas três áreas.

Neste ano acontece também um evento na UFBA, organizado por Leandro Colling, intitulado *Stonewall 40+ o que no Brasil?*. Nesta ocasião foram discutidas políticas LGBT e Queer, buscando pensar sobre as mudanças nos movimentos LGBT nos últimos 40 anos. Alguns dos trabalhos apresentados foram compilados e publicados num livro com o mesmo nome do evento. Neste livro estão presentes textos de diversos autorxs que vêm sendo enfatizados aqui como importantes para o desenvolvimento da Teoria Queer no Brasil. Leandro Colling escreve o capítulo inicial, intitulado *Políticas para um Brasil além do Stonewall*; Larissa Pelúcio publica *É o que tem pra hoje - os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis*; Richard Miskolci assina o capítulo intitulado *Não Somos, Queremos - Reflexões queer sobre a Política Sexual Brasileira Contemporânea*; e Berenice Bento escreve um capítulo intitulado *Política da Diferença: feminismos e transexualidade*. Além destes, outros sete capítulos aparecem em livros no ano de 2011. É lançado o livro *Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*, de Tiago Duque, e Justina Franchi Gallina publica o livro *Instigando o Olhar: o queer em Almodóvar*. Para finalizar, uma tese e uma dissertação são defendidas, nas áreas de Sociologia e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Destaco esta tese, de Maria Rosa Blaca Cedillo, que é um interessante trabalho sobre a ligação entre Teoria Queer e Artes Visuais. Este trabalho aprofunda e reafirma o local do Estado de Santa Catarina como produtora de conhecimento queer. Computa-se desta forma, trinta publicações sobre a Teoria Queer em diversas Revistas acadêmicas e livros.

Para finalizar, 2012 marca a publicação de dois livros que contribuíram com o pensamento dos Estudos Queer no Brasil. O primeiro deles é o livro *Judith Butler e a Teoria Queer*, de Sara Salih, traduzido por Guacira Lopes Louro. O outro é *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, de Richard Miskolci, que é resultado de uma Aula Magna proferida na abertura do curso de Educação para Diversidade e Cidadania, em 2010, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Aconteceu também neste ano, na UFRJ, o *IV Queering Paradigms*, congresso que teve sua primeira edição em 2009, na Canterbury Christ Church University, na Inglaterra. Este congresso reuniu pesquisadorxs de vários países, e teve como objetivo a reflexão sobre os

Estudos Queer em âmbito internacional⁶⁶. Vale notar que diversos especialistas no tema, brasileiros e estrangeiros se fizeram presentes no evento. Na comissão organizadora do evento, pesquisadorxs brasileiros dividem espaço com estrangeiros. Dentre eles, podem ser citados Richard Miskolci, Larissa Pelúcio, Leandro Colling, Mário César Lugarinho, Henrique Nardi, e Fernando Seffner como teóricxs ligados às discussões queer. Além destxs, fazem parte da comissão organizadora pesquisadorxs ligados aos estudos Gays e Lésbicos, como Alípio Souza Filho, por exemplo⁶⁷.

Neste ano a Revista de Estudos Feministas publica no volume 20, nº 2, um Dossiê organizado por Larissa Pelúcio e Berenice Bento intitulado *Vivências Trans: Desafios, dissidências e conformações*. O Dossiê contém oito artigos, dos quais pelo menos cinco conversam com os Estudos Queer. Pelo menos outros dez artigos foram publicados neste ano nas revistas *Ciência e Saúde Coletiva*, *Política e Trabalho*, *Bagoas*, *História Agora*. André Musskopf publica sua tese de doutorado, intitulada *Via(da)gens teológicas – Itinerários para uma política queer no Brasil*, e Richard Miskolci e Larissa Pelúcio, organizam o livro *Discursos fora da Ordem: sexualidades, saberes e direitos*. Além disso, outros dois capítulos são escritos, e quatro teses e dissertações são defendidas nas áreas de Processos Artísticos Contemporâneos, Educação, e Cultura Visual.

Pode-se perceber que o ano de 2012 contou com a publicação de diversos artigos, livros, capítulos de livros, assim como a organização do *IV Queering Paradigms*. Isto aponta para o fato de que os Estudos Queer estão crescendo cada vez mais no Brasil, e contando com um número de eventos e publicações cada vez maior. É também perceptível, depois da descrição realizada acima, que as áreas de conhecimento que se aproximam da Teoria Queer estão se diversificando cada vez mais, configurando os Estudos Queer como uma perspectiva teórica pouco normativa e fluida, já que além de estar presente em diversos campos do conhecimento, é utilizada para a pesquisa de variados temas e assuntos.

⁶⁶ Até o presente momento os anais deste congresso não foram publicados. Por isso, não tive acesso aos trabalhos publicados, e nem a detalhes sobre o evento.

⁶⁷ <http://www.alab.org.br/eventosalab/queering/pag.php?view=article&id=100> (acesso em: 22/06/2013)

Adendo

O processo historiográfico de seleção de algumas fontes sobre outras, muito tem a ver com os Estudos Queer, no que tange à normatização do central e do marginal, na demarcação da linha divisória entre o importante para o discurso, e o que está fora dele, além da margem. Em um artigo publicado em 1998 nos Cadernos Pagu, intitulado *Fundamento Contingentes: o Feminismo e a questão dos “pós-modernismos”*, Judith Butler sugere elementos interessantes para uma reflexão sobre a intersecção entre a construção e descrição da História, e a Teoria Queer.

Neste artigo, Butler está interessadx em discutir sobre o conceito de pós-modernidade e investigar maneiras de descentralizar o sujeito moderno e a política, de sua universalidade. Para a autora, não há realidades, somente representações, e isto está baseado na morte do sujeito. O universal seria, dentro de uma lógica pós-colonial, um local de constantes disputas e ressignificações. Porém Butler não está interessadx em tratar sobre a universalidade de uma maneira totalizante, o que segundo ela, seria excludente. Ao contrário, o termo “universalidade” “teria de ficar permanentemente aberto, permanentemente contestado, permanentemente contingente, a fim de não impedir de antemão reivindicações futuras de inclusão.” (BUTLER, 1998, P.17). Com isso há uma tentativa de afastar o termo de sua perspectiva fundamentalista, e evidenciar o seu local de permanente disputa política. O sujeito pós-moderno seria de igual maneira este contingente aberto de permanente disputa política, que se afasta de uma perspectiva determinista de atuação em sociedade, para reconhecer que a **“capacidade de agir é sempre e somente uma prerrogativa política”** (BUTLER, 1998. P. 22). Porém a autora não descarta o fato de que o sujeito se constitui a partir das exclusões, ou seja, a partir da constituição de perspectivas de sujeitos desautorizados, “pré-sujeitos, representações de degradação, populações apagadas da vista.” (BUTLER, 1998, 22). Quer dizer, o sujeito deve ser visto como um contingente político de atuação em sociedade, porém não deve deixar de ser visto como um construto a partir do que não é, ou seja, das exclusões. Numa perspectiva foucaultiana, poderíamos dizer que este seria um sujeito como lugar de ressignificação de si constante, que adere e nega a si e à sociedade de maneira sempre atualizada. Butler assinala que sua intenção não é de destruição niilista dos sujeitos, e sim da desconstrução destxs, que “implica somente que suspendemos todos os compromissos com aquilo a que o termo “o sujeito” se refere, e que examinamos as funções linguísticas a que ele serve na consolidação e ocultamento da autoridade.” (BUTLER, 1998, P. 24). Na parte final

do texto, Butler transfere a discussão à desconstrução das mulheres e dos discursos de poder ligados ao estupro. Ela defende a tese de que qualquer tentativa de dar conteúdo universal ou específico à categoria de mulheres produzirá necessariamente facções involuntariamente excludentes e defende que a “identidade” feminina não se sustenta como base sólida ao movimento feminista. Ou seja, a “identidade” feminina não deveria ser o ponto de partida para o plano de atuação, pois as categorias identitárias nunca são meramente descritivas, elas são sempre normativas e exclusivistas. Sendo assim,

desconstruir o sujeito do feminismo não é, portanto, censurar sua utilização, mas, ao contrário, liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir. (BUTLER, 1998)

A desconstrução de conceitos e sujeitos não está ligada a uma não utilização dos termos, e sim, com o exercício usá-los, repeti-los, e repeti-los constantemente e subversivamente, com o objetivo de deslocá-los de seus lugares historicamente opressores. A subversão dos conceitos está na busca por novas inscrições ainda não exploradas, que contribuam por dar novos sentidos, pós-modernos, a termos e opressões desgastadas. Novas inscrições de sujeitos estão ligadas com as percepções das múltiplas sexualidades, os múltiplos gênero e os múltiplos sexos existentes, porém muitas vezes ofuscados pelo poder hegemônico da norma.

Onde se encontram estas múltiplas inscrições no discurso histórico? Como podemos perceber as multiplicidades apagadas pelo poder hegemônico da norma? Até que ponto a História contribui para a instituição desta hegemonia heterossexual? Estes questionamentos pulam a nossos olhos ao ler este texto de Judith Butler, pensando na possibilidade de uma interpretação queer da História. Assim como a utilização do termo “mulheres” para identificar, acaba por excluir, até que ponto a História, ao criar significados e ao dar sentido à contemporaneidade, não acaba por fabricar exclusões? Até que ponto a História cria identidades, e ao criá-las, está contribuindo para uma normatização social?

O fato histórico, assim como o sujeito, se constrói a partir das seleções e exclusões. Do mesmo modo que o sujeito pós-moderno, o fato histórico deve ser visto como um contingente político de atuação em sociedade, que é também um construto a partir do que não é, ou seja, das exclusões. Interpretar a História como este lugar de constantes disputas e ressignificações, buscando um afastamento da universalidade totalizante e produtora de exclusões, contribui com a ideia de que a construção dos fatos históricos deve estar permanentemente aberto,

contingente, contestado, em disputa política, para garantir a reivindicações de possíveis inclusões futuras.

É a partir deste referencial que refletir sobre como a Teoria Queer começou a ser pensada no Brasil se torna uma atividade convidativa. Qual é o processo histórico que evidencia este movimento entre seleção e exclusão, quando se vai falar sobre a “recepção” de um assunto em nível nacional? A própria Teoria Queer, que busca se afastar das normatizações sociais, produz quais tipos de exclusões? Ao escrever esta história, quais vozes estão sendo silenciadas? Como trabalhar com as fontes históricas excluídas?

Estes foram alguns dos questionamentos que permearam este trabalho. Buscou-se construir a História de uma possível emergência da Teoria Queer no Brasil, tendo como ponto de partida o início da década de 1980. Durante estes anos, diversos são os elementos que permitem uma leitura queer das fontes. Tanto o grupos *Somos* quanto o jornal *Lampião da Esquina*, emergem com um ideal de luta anti autoritária, contra os binarismos opressores, e buscando ressignificar o termo “bicha”. Nesta época também, autorxs como Peter Fry e Néstor Perlongher começam a entrar em contato com textos de Michel Foucault, Deleuze, Derrida, dentre outros, o que permitiu uma abordagem questionadora das sexualidades hegemônicas, e em especial da heterossexualidade como norma. Estão são alguns dos elementos que permearam a análise queer destas fontes.

Um dos interesses desta leitura, foi a percepção de que se a partir da década de 1990 outrxs autorxs começaram a se aproximar dos Estudos Queer, foi em certa medida graças a uma maturidade intelectual herdada das pesquisas e livros publicados na década anterior. É interessante pensar que os intelectuais dos anos 1990 não iniciaram algo novo. Eles são reflexo daquilo que já havia sido publicado anteriormente.

Outro ponto importante da análise realizada sobre a década de 1990 é a percepção de que desde 1995 a Teoria Queer já era estudada e recebia um investimento de saber que vinha de vários teóricxs espalhados em universidades ao redor do Brasil, e provenientes de diferentes áreas do conhecimento. Esta “arqueologia do saber” sobre as produções durante a década de 1990, contribui para a percepção de que os Estudos Queer não se inseriram no Brasil a partir da reflexão de um ou dois intelectuais, e sim, por uma multiplicidade de frentes, que se tocam e se afastam.

No início dos anos 2000, novxs pesquisadorxs começam a se aproximar dos Estudos Queer, como Berenice Bento, Richard Miskolci, Larissa Pelúcio, e André Musskopf. Percebe-

se também a importante influência dos Congressos da ABEH para a criação de um espaço de reflexão sobre estes temas entre pesquisadorxs brasileiros e estrangeiros.

Porém é só a partir de 2007 que a Teoria Queer se expande: dossiês são organizados, emerge a Revista Bagoas, novxs autorxs se aproximam destas discussões, os conceitos se difundem entre os trabalhos ligados às sexualidades, e diversas teses e dissertações são defendidas. Os Estudos Queer se espriam em diversas áreas do conhecimento, reflexo de sua não institucionalização como campo do conhecimento, e sua tendência ao afastamento de toda e qualquer normatização social ou acadêmica.

Compreendo que a emergência de um saber ou campo de conhecimento não se restringe somente às publicações dos autores, como este trabalho se propôs a fazer. A emergência de um saber está entrelaçada em jogos de poder, em disputas, em ditos e não ditos, que devem ser percebidos pelo pesquisador que se propõe a escrever e analisar a abertura de uma nova porta no conhecimento e na pesquisa, a nível nacional. Esta pesquisa se direcionou mais às publicações realizadas pelos pesquisadores que estão mais visíveis no debate na atualidade. Porém, esta opção metodológica tomada pelo autor, não tem como objetivo excluir as nuances do complexo debate que permeia a construção do conhecimento, e sim, contribuir para um debate inicial. Historiografar um saber científico não é tarefa fácil, e o que se fez aqui foi dar o primeiro passo de vários que podem ser dados para compreender como se forma a Teoria Queer no Brasil. O objetivo deste trabalho é abrir uma nova trincheira, que poderá ser desenvolvida e aprofundada por pesquisadores no futuro.

Ao final, uma das conclusões a que se pode chegar, é que a emergência da Teoria Queer no Brasil é relativa. Ela pode ser localizada no ano de 1995, quando a primeira resenha do livro *Gender trouble* é publicada nos Cadernos Pagu; ou em 1999, quando Tomaz Tadeu publica o livro *Documentos de Identidade*; pode ter acontecido em 2000, quando Marko Monteiro publica sua dissertação, discutindo este assunto em uma defesa de trabalho acadêmico; ou em 2001, quando três destxs pesquisadorxs publicam artigos introdutórios sobre os Estudos Queer, em duas diferentes Revistas acadêmicas; pode ser localizada em 2002, quando a ABEH realiza seu primeiro congresso; em 2004, quando os Estudos Queer encontram espaço para discussão no II Congresso da ABEH, e Berenice Bento publica seu artigo *Estudos Queer aqui e agora*; ou em 2007, quando o Dossiê *Sexualidades Disparatas* é publicado nos Cadernos Pagu, e a Revista Bagoas publica sua primeira edição; ainda, a emergência da Teoria Queer pode ter acontecido em 2012, quando é realizado ou *Queering Paradigms* na UFRJ; ou, por que não, em 2013, quando é organizado o primeiro Congresso

destinado diretamente aos Estudos Queer, o *Desfazendo Gênero*, organizado por Berenice Bento na UFRN, a acontecer entre 14 e 16 de Agosto de 2013.

Dentre todas estas possibilidades, talvez nenhuma delas configure a emergência da Teoria Queer no Brasil. Por que, afinal, qual a intenção política e qual o significado da emergência destes estudos? É realmente necessário que se delimite uma data? Quais as rupturas existentes no percurso da Teoria Queer no Brasil? Eles aconteceram entre 1995 e 2013? O que se percebe talvez não sejam rupturas, e sim, um aumento lento e gradual, que talvez tenha começado na década de 1980, e apresente uma Teoria Queer em 2013 em franca expansão.

Outro assunto a ser refletido é sobre a reinterpretação da Teoria Queer no contexto brasileiro. Será que a Teoria Queer foi readaptada ao contexto sexual nacional? Ela foi ou está sendo repensada, ou ela serve como “ferramenta” para a abordagem de alguns assuntos “subversivos”? Para repensar a Teoria Queer ao contexto nacional, é necessário termos noção das especificidades das lógicas sexuais no Brasil? Temos noção destas especificidades?

Parto do princípio de que ao viajar, mudamos. Isto talvez se aplique também aos campos do conhecimento. Ao viajar para o Brasil, talvez a Teoria Queer já tenha mudado. Quem sabe desde a produção teórica dos anos 1980 ela já tenha suas especificidades brasileiras. E esta mudança continua ocorrendo, pois os Estudos Queer não encontram solo fixo, permanecem fluidos em constante repensar e refletir. Esta reflexão sempre revisitada é perceptível em diversos trabalhos de Richard Miskolci ou Mário César Lugarinho, por exemplo.

Um terceiro ponto a se pensar é sobre a utilização de uma perspectiva queer na História. Como pensar em uma História Queer? Quais os pressupostos teóricos que iriam basear a construção desta perspectiva? Quais os intuitos e problemáticas a serem abordados e pensados? Como a História pode beber da fonte da Teoria Queer para repensar a si mesma? Onde estão as normatizações na construção do discurso histórico? Onde estão os binarismos e os seres abjetos durante a escrita da História? A história dos vencidos não é uma novidade ao campo teórico da História, mas a discussão sobre a abjeção na História pode ir além disso, para refletir sobre aquelxs que não são visíveis e dizíveis? Como a História, na construção de seu discurso, contribuiu para a emergência de uma lógica de normatização? História é intenção e interpretação do passado. Interpretação política, lotada de interesses. Como pensar uma História Queer?

Estas perguntas permanecem pairando no ar.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. **Narrativas da sexualidade**: pressupostos para uma poética queer. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 18, p. 837-864, 2010

ASSIS, Machado. **Iaiá Garcia**. São Paulo. Ática. 1981 Pg. 72

AZEREDO, Sandra. **Notas sobre a “subversão da identidade”**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

BADOUX, Claudine. **Compte Rendue**. In: **Recherches féministes**, Volume 12, número 2, 1999, p. 191-192. Disponível em:
<http://www.erudit.org/revue/rf/1999/v12/n2/058055ar.html?vue=resume> (Acesso em 19\06\2013)

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967

BENTO, Berenice. **Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual**. Anuário de Hojas de Warmi, Barcelona, v. 13, p. 69-94, 2002

_____. **Os estudos queer aqui e agora**. Labrys. Estudos Feministas (Edição em português. Online), Brasília, 2004

BESSA, Karla Adriana Martins. **Gender Trouble**: outra perspectiva de compreensão do Gênero. In: Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo , v. 4, 2005. P. 261-267

_____. **Trajetórias de Gênero, masculinidades....** Cadernos Pagu. Campinas, São Paulo, V. 11. 1998

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes**: o Feminismo e a Questão do “pós-moderno”. Cadernos Pagu. Campinas. Volume 11. 1998, p. 11 – 42

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008

_____. **O Parentesco é sempre tido como heterossexual?** Cad. Pagu, Campinas, n. 21, 2003

CARBOS, Analu. Et. Al. **Heteronormatividade e o Cotidiano Escolar:** Desconfortos e Reflexões em Oficinas com Profissionais da Educação. Anais do Vi Congresso da ABEH. Disponível em:
http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=162&Itemid=96
 (acesso em: 20/06/2013)

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política:** a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007

CITELI, Maria Teresa. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990 – 2002).** Rio de Janeiro. CEPESC. 2005

COLLING, Leandro. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

CYSNEIROS, Adriano. THÜLER, Djalma. **Voz e Palco:** Dzi Croquettes e a Experiência da Abjeção. Anais do VI Congresso da ABEH. Disponível em:
http://www.abeh.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=122&Itemid=99
 (acesso em: 20/06/2013)

DE LAURETIS, Teresa. **Queer Theory.** Lesbian and Gay Sexualities in Differences volume 3, number 2, 1991, iii a xviii.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** Editora Perspectiva. São Paulo. 1976

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Tecnologia e estética do racismo:** ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007.

FILHO, Alípio de Souza. **Editorial.** Revista Bagoas, Natal. V.8, nº 6. 2008

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal. 1988

_____. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminina.** Rio de Janeiro: Vozes, 1971

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1983

FRY, Peter. **Da Hierarquia à Igualdade:** a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Para Inglês ver: Identidade e Política na cultura Brasileira. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1982

GARCIA, Wilton (Org.); SANTOS, Rick (Org.); **A escrita de até** - perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil. São Paulo: Xamã - Nassau Community College NCC/SUNY, 2002. v. 1. 358p .

GOFFMAN, E. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988

GÓIS, J. **Desencontros:** as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista Estudos Feministas* vol.11 no.1. Florianópolis Jan./June. 2003.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: A Homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000

GUIMARAES, Carmen Dora; TERTO JR, Veriano; PARKER, Richard G.

Homossexualidade, bissexualidade e HIV/AIDS no Brasil: uma bibliografia anotada das ciências sociais e afins. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 1992

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro

HALPERIN. David. **One Hundred Years of Homosexuality and other essays on Greek Love**. Routledge, Chapman & Hall, Incorporated, 1990 - 230 páginas

HUMPRHEYS, Laud. **Tearrom Trade:** impersonal sex in public places. Enlarged Editions. New Jersey. 1970

JAGOSE, Annamarie. **Queer Theory:** an Introduction. New York University Press, 1996.

KINSEY, Alfred. **Sexual Behavior in the Human Male**. Indiana University Press. Bloomington. 1948

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psychopathia Sexualis**. São Paulo, Martins Fontes. 2001

KRISTEVA, Julia. **Pouvoirs de l'horreur:** Essai sur l'abjection. Paris, Seuil, 1980. 247 p.

LAMPIÃO DA ESQUINA, Ano 3 – nº 35 – abril de 1981

LAMPIÃO DA ESQUINA – Ano 3 – nº 32 – janeiro de 1981

LAMPIÃO DA ESQUINA – Ano 1 – nº 1 – Abril de 1979 – p. 17

LAMPIÃO DA ESQUINA, Ano 1 – nº 6 – Novembro de 1978 – p. 2

LAMPIÃO DA ESQUINA, Ano 3 – nº 25 – Junho de 1980 – p. 12

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001

LOPES, Denilson. **Entre-Lugar das Homoafetividades**. In: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2000, Salvador. Programa da Abralic. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000. v. 1. p. 17-17.

_____; ABOUD, Sergio; GARCIA, Garcia (Orgs.). **Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura**. 1. ed. São Paulo: Nojossa, 2004. v. 1. 459p .

_____. **Manifesto Camp**. Gragoatá (UFF), Niterói, n.3, p. 93-104, 1997.

_____. **O Homem que Amava Rapazes e Outros Ensaio**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. 260p .

_____. **Somos Todos Travestis** (Imaginário Camp e a Crise do Individualismo). Lugar Comum (UFRJ), Rio de Janeiro, n.9/10, p. 147-159, 2000.

_____. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 23/05/2013.

LOURO, Guacira Lopes. **A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero**. Cadernos de Educação Cnte, Brasília, v. III, n.10, 1998

_____. (Org.); SOUZA, J. F. (Org.); GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na Educação. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 01. 189p .

_____. **Currículo, gênero e sexualidade.** Refletindo sobre o. Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília/Montreal/Paris, v. 1-2, 2002.

_____. **Des corps qui glissent.** Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília/Montreal/Paris, v. 04, 2003.

_____. (Org.) **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. v. 01. 174p .

_____. **O "estranhamento" queer.** In: Cristina M. T. Stevens; Tania Navarro Swain. (Org.). A construção dos corpos. Perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, v. , p. 141-148.

_____. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 29/05/2013.

_____. **Teoria Queer** – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis. v. 9, n. 2 . 2001.

_____. **Um corpo estranho.** Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p .

LUGARINHO, M. C. **Al Berto, In Memoriam**, o Luso Princípio Queer. In: Literatura e Homoerotismo: I Encontro de Pesquisadores Universitários, 1999, Niterói. 1999.

_____. **Como Traduzir a Teoria Queer para a Língua Portuguesa.** Gênero, Niterói, v. 1, n.2, p. 33-40, 2001

_____. **O corpo queer de Al Berto.** II Seminário Corpo e Cultura. 2000. (Seminário).

_____. **O Corpo Teórico Queer.** II Encontro de Pesquisadores universitários. 2000. (Encontro).

_____. **Os centros e as margens na poesia portuguesa contemporânea:** em busca do queer em Al Berto. 2000. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

_____. **Olhares entendidos** - UCAM/ISER. As Ciências Humanas e os estudos queer. 2000. (Simpósio).

_____. **Dizer o homoerotismo:** Al Berto, poeta queer. In: XVII Congresso da ABRALIP, 1999, Belo Horizonte. Encontros Prodigious: Anais do XVII Encontro de Professores universitários de Literatura portuguesa. Belo Horizonte: FALE/UFMG:PUC MINAS, 1999. v. 2. p. 852-863.

_____. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 22/05/2013.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da "abertura". São Paulo: Ed. da Unicamp, 1990

_____. **Os Respeitáveis Militantes e as Bichas Loucas.** In: COLLING, Leandro. **Stonewall + 40 o que no Brasil?**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011. v. 1. 276p

MAFFESOLI, Michel. **Quelque chose dépassant cette grande hantise occidentale qu'est la perspective identitaire.** In: Queer: repenser les identités. N° 40. Rue Descartes. Paris. 2003

MASIELLO, Francine. **Conhecimento Suplementar:** Queering o eixo norte/sul. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis. V. 8, nº 2: 2000.

MCINTOSH, Mary. **The Homosexual Role.** In: **Social Problems**, 16/2 (1968).

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 1969. 317p

MISSE, Michel. **O Estigma do Passivo Sexual:** Um Símbolo de Estigma no Discurso Cotidiano. NECVU/ IFCS-UFRJ, Le Metro, BOOK LINK, 2005.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias* (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009.

_____. **Do Desvio às Diferenças**. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 47, n.01, p. 9-42, 2005.

_____. (Org.); Simões, Júlio Assis (Org.). **Dossiê Sexualidades Disparatadas** - cadernos pagu n.28. 1. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v. 1. 284p

_____. **Não ao Sexo Rei**: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: Souza, Luiz Antônio Francisco de; Sabatine, Thiago Teixeira e Magalhães, Boris Ribeiro de. (Org.). **Michel Foucault**: sexualidade, corpo e direito. 1ed.Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2011, v. 1, p. 47-68.

_____. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 15/03/2013

_____. **Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social**. *Estudos de Sociologia* (São Paulo), Araraquara-SP, v. 13/14, p. 109-126, 2003.

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2012

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. *Masculinidade em revista: um estudo da VIP, Exame, Sui Generis e Homens*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas. 2000

_____. Questões respondidas a Fernando José Benetti em entrevista realizada por e-mail, dia 22/05/2013.

MOTT, Luiz. **A Inquisição em Sergipe**. Aracaju: Fundação Cultural, 1989. 100p.

_____. **Escravidão, Homossexualidade e Demologia**. São Paulo: Ícone, 1988. 151p

_____. **O Lesbianismo No Brasil**. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 1987. 220p .

_____. **O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos Nas Garras da Inquisicao**. CAMPINAS, SP: PAIRUS, 1989. 190p

NAVARRO-SWAIN, T. **Au Dela Du Binaire: Les Queers Et L'Eclatement Du Genre**. In: Diane Lamoureux (org.). *Les Identités Sexuelles*. Montréal: Remue Menage, Quebec, Canada, 1998, v. 1, p. 135-150.

_____. **Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

_____. **Para além do binário: os queers e o heterogênero**. Gênero, Niterói, v. 2, n.1, p. 87-99, 2001.

_____. **Todos somos Queers: identidade e sexualidade. O Desafio da Diferença**". UFBA, Salvador. 2000

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador**. Editora Record. São Paulo. 2002

PEDRO, Joana Maria . **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História (São Paulo), v. 24, p. 77-98, 2005

PELUCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, p. 395-418, 2012.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O que e AIDS**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 95p.

_____. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo (SP): Fundação Perseu Abramo, 2008. 275p.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma História do Feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003

PLUMMER, Ken. **Queers, bodies and postmodern sexualities**: a note on revisiting the "sexual" in symbolic interactionism. *Qualitative Sociology* (26), 4, 2003

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer**: notas sobre uma política dos “anormais”. *Florianópolis Revista de Estudos Feministas*, v. 19, nº 1, 2011

PRINS, BAUKJE; MEIJER, IRENE COSTERA. **Como os corpos se tornam matéria**: entrevista com Judith Butler. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, Jan. 2002

RAGO, L. M. **Adeus Ao Feminismo?** Feminismo e Pos-Modernidade No Brasil. *CADERNOS DO ARQUIVO EDGAR LEUENROTH*, v. 3, n.3, 1997

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between men**: english literature and male homosocial desire. New York: Columbia University, c1985. 244p

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley, Calif.: University of California Press, 1990. XI,258p.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, José Fábio Barbosa da. **Aspectos Sociológicos do homossexualismo em São Paulo**. *Revista Sociologia*. Volume XXI, nº 4. São Paulo. 1959

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**. Uma introdução às teorias do currículo. 1. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 1999. v. 1. 154p .

_____. **Uma coisa ‘estranha’ no currículo: a teoria queer.** In: SILVA, T.

T. **Documentos de identidade.** Uma introdução às teorias do currículo. 1. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 1999. v. 1. 154p .

SMITH, Adam. **Uma investigação sobre a natureza e causas da Riqueza das nações.**

Curitiba: HEMUS, 2001

SPIVAK, Gayatri. **Can the Subaltern Speak?.** In: Cary Nelson and Lawrence Grossberg (eds). **Marxism and the Interpretation of Culture.** London: MacMillan, 1988

TOBIN, Jeffrey. **A Performatividade da masculinidade Portenha no churrasco.** Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12. 1999

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** (a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade). 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007

VANCE, Carole S. **Pleasure and Danger:** exploding female sexuality. Routledge & K. Paul. New York. 1984

WEEKS, Jeffrey. **Coming Out:** Homosexual Politics in Britain from the Nineteenth Century to the Present. Hard cover. 1979

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a Sexualidade.** In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado.** 2ª Ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2000

WARNER, Michael. (editor) **Fear of a Queer Planet:** queer politics and social theory. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

-ANEXO I-

Teoria Queer no Brasil – Bibliografia

1995

BESSA, Karla Adriana Martins. **Gender Trouble**: outra perspectiva de compreensão do Gênero. In: Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, v. 4, 2005. P. 261-267

1997

LOPES, Denilson. **Manifesto Camp**. Gragoatá (UFF), Niterói, n.3, p. 93-104, 1997.

NAVARRO-SWAIN. Tânia. **Qui est queer de qui?**. 1997. Congrès International de l'ACFAS

1998

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes**: o Feminismo e a Questão do “pós-moderno”. Cadernos Pagu. Campinas. Volume 11. 1998, p. 11 – 42

LOURO, G. L. **A escola e a produção das diferenças sexuais e de gênero**. Cadernos de Educação Cnte, Brasília, v. III, n.10, 1998.

NAVARRO-SWAIN, T. **Au Delà Du Binaire: Les Queers Et L'Eclatement Du Genre**. In: Diane Lamoureux (org.). **Les Identités Sexuelles**. Montréal: Remue Menage, Quebec, Canada, 1998, v. 1, p. 135-150.

_____. **Qui est Queer de qui?**. In: Congrès International de ACFAS, 1998, Québec. Cahiers de resums. Québec: AQFAS, 1998.

1999

AZEREDO, Sandra. **Notas sobre a “subversão da identidade”**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. v. 01. 174p.

LUGARINHO, M. C. **Al Berto, In Memoriam**, o Luso Princípio Queer. In: **Literatura e Homoerotismo: I Encontro de Pesquisadores Universitários**, 1999, Niterói. 1999.

_____. **Dizer o homoerotismo:** Al Berto, poeta queer. In: XVII Congresso da ABRALIP, 1999, Belo Horizonte. **Encontros Prodigiouso:** Anais do XVII Encontro de Professores universitários de Literatura portuguesa. Belo Horizonte: FAE/UFMG:PUC MINAS, 1999. v. 2. p. 852-863.

_____. **Dizer o homoerotismo em português:** como traduzir a teoria queer. 1999 (Mesa-redonda).

NAVARRO-SWAIN. Tânia. **Feminismo e lesbianismo:** a identidade em questão. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12, p. 109-120, 1999.

SILVA. T. T. **Uma coisa ‘estranha’ no currículo: a teoria queer.** In: SILVA, T. T. **Documentos de identidade.** Uma introdução às teorias do currículo. 1. ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 1999. v. 1. 154p .

TOBIN, Jeffrey. **A Performatividade da masculinidade Portenha no churrasco.** Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, São Paulo, v. 12. 1999

2000

LUGARINHO. Mário César. **O Corpo Queer de Al Berto.** II Seminário Corpo e Cultura. 2000. (Seminário).

_____. **O CORPO TEÓRICO QUEER.** II Encontro de Pesquisadores universitários. 2000. (Encontro).

_____. **Os centros e as margens na poesia portuguesa contemporânea:** em busca do queer em Al Berto. 2000. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

_____. **Olhares entendidos** - UCAM/ISER.As Ciências Humanas e os estudos queer. 2000. (Simpósio).

NAVARRO-SWAIN. Tânia. **Todos somos Queers:** identidade e sexualidade. O Desafio da Diferença”. UFBA, Salvador. 2000

MASIELLO. Francine. **Conhecimento Suplementar: Queering o eixo norte/sul.** Revista de Estudos Feministas. Florianópolis. V. 8, n. 2. 2000

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. **Masculinidade em revista: um estudo da VIP, Exame, Sui Generis e Homens.** Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas. 2000

2001

LOURO, G. L. **Teoria queer** - uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

LUGARINHO, M. C. **Como Traduzir a Teoria Queer para a Língua Portuguesa**. Gênero, Niterói, v. 1, n.2, p. 33-40, 2001

_____. **Dizer o Homoerotismo**: Al Berto, Poeta Queer. In: XVII Encontro de Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, 2001, Belo Horizonte. FALE/UFGM:PUC MINAS, 2001. v. 2. p. 852-863.

NAVARRO-SWAIN, T. **Para além do binário**: os queers e o heterogênero. Gênero, Niterói, v. 2, n.1, p. 87-99, 2001.

2002

BENTO, Berenice. **Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual**. Anuario de Hojas de Warmi, Barcelona, v. 13, p. 69-94, 2002.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade - o "normal", o "diferente" e o "excêntrico"**. Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília/Montreal/Paris, v. 1-2, 2002.

LUGARINHO, M. C. **Al Berto: In Memoriam the lusitanian queer principle**. In: Fernando Arenas; Susan Cathy Quilan. (Org.). **Lusosex: gender and Sexuality in the Portuguese Speaking Wolrd**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002, v. , p. 276-299.

2003

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade - o "normal", o "diferente" e o "excêntrico"**. In: LOURO, G; GOELLNER, S; NECKEL, J. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação**. Petropolis: Vozes, 2003, v. , p. 41-52.

_____. (Org.) ; SOUZA, J. F. (Org.) ; GOELLNER, Silvana (Org.) . **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na Educação. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. v. 01. 189p .

_____. **Des corps qui glissent**. Labrys. Estudos Feministas (Online), Brasília/Montreal/Paris, v. 04, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Reflexões sobre Normalidade e Desvio Social**. Estudos de Sociologia (São Paulo), Araraquara-SP, v. 13/14, p. 109-126, 2003.

BUTLER, Judith. **O parentesco é sempre tido como heterossexual?**. Cadernos Pagu. V. 21, Campinas. 2013

2004

BENTO, Berenice. **Da transexualidade oficial às transexualidades**. In: Adrina Piscitelli, Sérgio Carrara, Maria Filomena Gregori. (Org.). **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras..** Rio de Janeiro: Garamond, 2004, v. , p. -.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas ; **Oltramari, Leandro Castro** . Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. Estudos de Psicologia (UFRN), Natal, v. 9, n.3, p. 471-478, 2004.

_____. **Os estudos queer aqui e agora**. Labrys. Estudos Feministas (Edição em português. Online), Brasília, 2004.

_____. **Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual**. In: Denilson Lopes; Sérgio Aboud; Wilton Garcia. (Org.). **Imagem & Diversidade Sexual: Estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa Edições, 2004, v. , p. -.

_____. **Transexuais, corpos e próteses**. Labrys. Estudos Feministas (Edição em português. Online), Brasília, 2004.

LOPES, Denilson (Org.). **Imagem e Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura**. 1. ed. São Paulo: Nojosa, 2004. v. 1. 459p .

LOURO, G. L. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**. In: Denilson Lopes; Berenice Bento; Sergio Aboud; Wilton Garcia. (Org.). **Imagem e Diversidade sexual**. Estudos de Homocultura. 1ed.Brasilia: Nojosa Edições, 2004, v. 01, p. 23-28.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p .

LUGARINHO, M. C. **Homocultura e literatura: de volta ao luso princípio queer**. In: Denilson Lopes et alii. (Org.). **Imagem e Diversidade Sexual**. 1ed.São Paulo: Nojosa, 2004, v. , p. 234-240.

MUSSKOPF, A. S. **Queer: Teoria, Hermenêutica e Corporeidade**. In: José Trasferetti. (Org.). **Teologia e Sexualidade** - Um ensaio contra a exclusão moral. 1`ed.Campinas: Átomo, 2004, v. 1, p. 179-212.

_____. **Teologia e hermenêutica bíblica queer**. In: Denilson Lopes; Berenice Bento; Sergio Aboud; Wilton Garcia. (Org.). **Imagem & Diversidade sexual** - Estudos da homocultura. São Paulo: Nojosa Edições, 2004, v. , p. 380-387.

NAVARRO-SWAIN, T. **O normal e o abjeto**: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres.. Labrys. Estudos Feministas (Online), web, v. 6, n.agosto/dez, p. 1-11, 2004.

PELUCIO, Larissa. **Travestis, a (re)construção do feminino**: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. Revista Antropológicas, Recife/PE, v. 15, n.01, p. 123-154, 2004.

2005

COSTA, Claudia de Lima. ÁVILA, Eliana de Souza. **Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”**. Revista de Estudos Feministas. V. 13, n. 3. Florianópolis, 2005

FIOL-MATTA, Licia. **“Mulher-raça”: a reprodução da nação em Gabriela Mistral**. Revista de Estudos Feministas. V. 13, n. 3. Florianópolis, 2005

MISKOLCI, Richard . **Do Desvio às Diferenças**. Teoria & Pesquisa, São Carlos, v. 47, n.01, p. 9-42, 2005.

_____(Org.). **Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças** - Revista Teoria & Pesquisa. 47. ed. São Carlos: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2005. v. 1. 191p .

_____. **Um Corpo Estranho na Sala de Aula**. In: Abramowicz, Anete; Silvério, Valter Roberto. (Org.). **Afirmando Diferenças**: Montando o Quebra Cabeça da Diversidade da Escola. 1ed.Campinas: Papirus, 2005, v. 1, p. 13-26.

MUSSKOPF, A. S. **Identidade masculina e corporeidade** - uma abordagem queer. In: Marga J. Stroher; Andre S. Musskopf. (Org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade** - Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. 1ed.São Leopoldo: Sinodal, 2005, v. 1, p. 80-107.

_____. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**: reflexões sobre as pesquisas de gênero e sua relação com a Teoria Queer a partir da Teologia. História Unisinos, v. 9, p. 184-189, 2005.

PELUCIO, Larissa. **Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos T-lovers**. Anais do XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte, 2005.

_____. **Toda Quebrada na Plástica** - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. Campos (UFPR), Curitiba _PR, v. 06, n.01, p. 97-112, 2005.

Teses e Dissertações:

FURLANI, Jimena. **O bicho vai pegar** - um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis. Doutorado em Educação. UFRGS. 2005

2006

BENTO, Berenice. **A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: GARAMOND/CLAM, 2006. v. 01. 250p .

_____. **Quando o gênero se desloca da sexualidade: homossexualidade entre transexuais**. In: Miriam Pillar Grossi; Elisete Schwade. (Org.). **Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade**. Florianópolis: Nova Letra, 2006, v. único, p. 03-333.

LOURO, G. L. **Femilindades na pós-modernidade**. Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 10, p. xxx, 2006.

PELUCIO, Larissa. **Três Casamentos e Algumas Reflexões**: nota sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. Revista Estudos Feministas, v. 14, p. 522-534, 2006.

PEREIRA, P. P. G. **Teoria queer e a reinvenção dos corpos**. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), São Paulo, v. 27, p. 469-477, 2006.

Teses e Dissertações

OLIVEIRA, Tais Leal de. **Teoria Queer e Estigma**: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida. Doutorado em Estudos da Linguagem. PUCRJ. 2006

POCAHY, Fernando. **A pesquisa fora do armário**: ensaio de uma heterotopia queer. Mestrado em Psicologia Social e Institucional. UFRGS. 2006

2007

ALONGE, Wagner. **Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays**. V.1, n. 1. Natal. 2007

COLLING, Leandro. **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo**: criminosos, afetados e heterossexualizados. Gênero, v. 8, p. 207-221, 2007.

FOSTER, David William. **Algunos lo prefieren caliente: algunos lo prefieren queer**. Revista Bagoas. V. 1, n. 1. Natal, 2007

LEÓN, A. A. G. **Sexo, Foucault e a Teoria Queer**. Revista Ártemis, v. 1, p. 7, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas**. Educação em Revista (UFMG), v. 46, p. 201-218, 2007.

_____. **O "estranhamento" queer**. Labrys. Estudos Feministas (Online), v. 11, 2007

_____. **Os Estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**. In: Elisiane Pasini. (Org.). Educando para a diversidade. Porto Alegre: Nuances, 2007, v. , p. 11-13.

MÉNDEZ, Raquel Platero. **Las diferentes construcciones y marcos interpretativos sobre los problemas de lesbianas y gays en España (1995-2005)**. V.1, n. 1. Natal.

MISKOLCI, Richard (Org.); Simões, Júlio Assis (Org.). **Dossiê Sexualidades Disparatadas** - cadernos pagu n.28. 1. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007. v. 1. 284p .

_____; PELÚCIO, Larissa. **Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis**. Gênero, v. 07, p. 257-267, 2007.

_____. **Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Imagens do homoerotismo masculino no cinema: um estudo de gênero, comunicação e sociedade**. V.1, n. 1. Natal. 2007

PELUCIO, Larissa. **"Mulheres com Algo Mais"** - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. Revista Versões, v. 03, p. 77-93, 2007.

Cadernos Pagu – Dossiê “Sexualidades Disparatadas” (na ordem da revista):

KOSOFSKY, Eve Sedgwick. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

MISKOLCI, Richard. **Comentário de “A Epistemologia do Armário”**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. **Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira**. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, jun. 2007

MISKOLCI, Richard. **Pânicos Morais e Controle Social: Reflexões sobre o Casamento Gay**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Subversão do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

PINO, Nádia Perez. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

LACOMBE, Andrea. **De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

FRANÇA, Isadora Lins. **Sobre "guetos" e "rótulos": tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

BESSA, Karla. **Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

CARRILLO, Jesus. **Entrevista com Beatriz Preciado**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 28, p. 101-128, 2007.

Teses e Dissertações:

ALÓS, Anselmo Péres. **A letra, o corpo e o desejo: uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly**. Doutorado em Letras. UFRGS. 2007

CARNEIRO, Leonardo Berenger. **Queerness and AIDS in The Hour**. Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa. UERJ. 2007

FILHO, Adair Marques. **Arte e Cotidiano: experiência homossexual, teoria queer e educação**. Mestrado em Arte e Cultura Visual. UFG. 2007

SILVA, Elis Regina Araujo da. **Coisa difícil é ser belo: representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays**. Doutorado em Comunicação. UNB. 2007

BENTO, Berenice. **Entre a noite e o dia: os perigos dos gêneros (RESENHA)**. Bagoas: Estudos gays, gênero e sexualidades, v. 02, p. 251-253, 2008.

_____. **O que é transexualidade**. 1o.. ed. São Paulo: Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, 2008. v. 01. 190p .

_____. **La heterosexualidad obligatoria y las/os transexuales verdaderos (no prelo)**. In: Verónica Villalba. (Org.). *Cuántos colores tiene el arcoiris? Raza, etnia, orientación sexual, identidad y expresión de género desde el Sur*. Buenos Aires: Mulabi, 2008

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Sexualidades, Esporte e Teoria Queer: inter-relações**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas (REF), 2008 (Resenha de livro).

COLLING, Leandro. **Aquenda a metodologia!** uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades, v. 2, p. 153-170, 2008.

_____. **Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a cultura**. In: Antonio Albino Canelas Rubim; Natália Ramos. (Org.). *Estudos de Cultura do Brasil e de Portugal*. Salvador: Edufba, 2008, v. , p. -.

LOURO, G. L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições (Unicamp), v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

_____. **O "estranhamento" queer**. In: Cristina M. T. Stevens; Tania Navarro Swain. (Org.). *A construção dos corpos*. Perspectivas feministas. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008, v. , p. 141-148.

MISKOLCI, Richard. **Estéticas da Existência e Estilos de Vida** - As relações entre moda, corpo e identidade social. Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 1, p. 42-62, 2008.

MOTA, Murilo Peixoto de. **As diferenças e os "diferentes" na construção da cidadania gay: dilemas para o debate sobre os novos sujeitos de direito**. Revista Bagoas. V.2, n.2. Natal. 2008

MUSSKOPF, A. S. **Teologias Gay/Queer**. In: Jaci Maraschin; Frederico Pieper Pires. (Org.). *Teologia e Pós-Modernidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008, v. , p. 268-297.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer**. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, v. 12, p. 499-512, 2008.

_____. **Sexo e subversão: tecnologias sexopolíticas e corpos queer..** In: 32 Encontro Anual da ANPOCS, 2008, Caxambu. Anais do 32 Encontro Anual da ANPOCS, 2008.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **O corpo inserido em diversas lógicas culturais: uma poética da sexualidade.** Revista Bagoas. V.2, n.3. Natal. 2008

VIEIRA JUNIOR, Astor. **Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros.** Revista Bagoas. V.2, n.2. Natal. 2008

Teses e Dissertações:

GALLINA. Justina Franchi. **Instigando o Olhar:** as identificações queers nos filmes de Pedro Almodóvar (1999-2002). Mestrado em História. UFSC. 2008

MUSSKOPF. André. **Via(da)gens teológicas** - Itinerários para uma teologia queer no Brasil. Doutorado em Teologia. Escola Superior de Teologia. 2008

BITTENCOURT. Eneyle. **"Sorria, você está sendo vigiado!"** Performance de Vigilância eletrônica em Submissão social: uma análise crítico-queer. Mestrado em Artes Cênicas. UFBA. 2008

SOUZA. Alberto Carneiro Barbosa de. **"se ele é artilheiro eu também quero sair do banco":** um estudo a respeito da co-parentalidade homossexual. Mestrado em Psicologia. PUC/Rio. 2008

SILVA. Adrianna Figueiredo Soares da. **"Se Pudessem Ressurgir eu Viria como o vento" Das Narrativas da dor:** Um Estudo sobre Corporalidade e Emoções na Experiência da Travestilidade. Mestrado em Antropologia. UFPE. 2008

CÂMARA. Uipirangi. **O Armário de Deus no armário dos homens:** Alternativas teológicas para o acolhimento e livre expressão da espiritualidade da pessoa homossexual na comunidade cristã brasileira da contemporaneidade. Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo. 2008

2009

ALÓS, Anselmo Peres. **Um exercício comparatista da leitura queer:** Reflexões em torno de "El beso de la mujer araña", de Manuel Puig. Crítica Cultural, v. 4, p. 65-79, 2009.

BENTO, Berenice. **A diferença que faz a diferença:** corpo e subjetividade na transexualidade. Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 3, p. 95-112, 2009.

_____. **Apresentação do livro "Abjeção e Desejo:** Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids". In: Larissa Pelúcio. (Org.). **Abjeção e Desejo:** Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1aed. São Paulo: AnnaBlume, 2009, v. unico, p. 17-22.

_____. **Corpo-Projeto**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 17, p. S0104, 2009.

CAMARGO, Wagner Xavier de; RIAL, C. S. M.. **Esporte LGBT e Condição Pós-Moderna**: notas antropológicas. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC), v. 10, p. 271-289, 2009.

_____; RIAL, C. S. M.. **Teoria Queer no Contexto Esportivo**: desestabilizando certezas?. In: 4. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 2009, Rio Grande/RS. CD do 4. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. Rio Grande: FURG/RS, 2009. v. 1. p. 01-13.

LOURO, G. L. **Foucault e os estudos queer**. In: Margareth Rago; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). **Para uma vida não-fascista**. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, v. , p. 135-142.

_____. **Heteronormatividade e Homofobia**. In: Rogério Junqueira. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2009, v. , p. -.

_____. **Pensar a sexualidade na contemporaneidade**. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. (Org.). Caderno Temático de Sexualidade. Curitiba: Imprensa Oficial, 2009, v. 01, p. 29-35.

MISKOLCI, Richard. **Abjeção e Desejo** - Afinidades e tensões entre a Teoria Queer e a obra de Michel Foucault. In: Rago, Margareth; Veiga-Neto, Alfredo. (Org.). **Para uma vida não-fascista**. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, v. 1, p. 325-338.

_____; PELÚCIO, Larissa. **A Prevenção do Desvio**: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana, v. 1, p. 125-157, 2009.

_____. **A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias (UFRGS), v. 21, p. 150-182, 2009.

_____. **O Armário Ampliado**: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. Gênero, v. 9, p. 171-190, 2009.

_____. **O vértice do triângulo**: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 17, p. 547-567, 2009.

PELUCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. v. 01. 263p .

_____. **Gozos ilegítimos:** Tensão, erotismo e culpa na relação sexual entre clientes e travestis que se prostituem. In: María Elvira Díaz Benítez; Carlos Eduardo Figari. (Org.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: CLAM-Garamond, 2009, v. 1, p. 00-00.

SEFFNER, Fernando. **Resistir e (é) multiplicar a circulação entre margens e centros: ideias um pouco desarrumadas.** Revista Bagoas. V. 3, n.4. Natal. 2009

Teses e dissertações:

ALMEIDA, Neil Franco Pereira. **A diversidade entra na escola:** histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Mestrado em Educação. UFU. 2009

BALIERO, Fernando de Figueiredo. **A Pedagogia do Sexo em O Ateneu:** o dispositivo de sexualidade no internato da fina flor da mocidade brasileira. Mestrado em Sociologia. UFSCAR. 2009

BOHM, Alessandra Maria. **Os monstros e a escola:** identidade e escolaridade de sujeitos travestis. Mestrado em Educação. UFRGS. 2009

COELHO, Juliana Frota da Justa. **Bastidores e Estreias:** performers trans e boates gays abalando a cidade. Mestrado em Sociologia. UFC. 2009

DOURADO, Rodrigo Carvalho Marques. **Mulheres com H:** estereótipos ambivalentes, representações tensionadas e identidades queer no programa de TV Papeiro da Cinderela. Mestrado em Comunicação. UFPE. 2009

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens:** vergonha, estigmas e desejo na construção das travestilidades na adolescência. Mestrado em Sociologia. UFSCAR. 2009

GADELHA, José Juliana Barbosa. **Masculinos em mutação:** a performance drag queen em Fortaleza. Mestrado em Sociologia. UFC. 2009

NETO, Oswaldo de Lara Alvez. **Entre o "instinto" e a "falta de hábito":** a psiquiatrização da sexualidade em Bom-Crioulo (1895) de Adolfo Caminha. Mestrado em Sociologia. UFSCAR. 2009

SANDOVAL, Tatiana Moura. **Queer couples in straight America:** a study of representations of straight woman/gay man relationships in A home at the end of the world and Will & Grace. Mestrado em Letras. UERJ. 2009

SANTOS, Andrea Pereira dos. **Comunidades gay do ORKUT:** encontros, confrontos e (re)construção de identidades gays. Mestrado em Comunicação. UFG. 2009

2010

ALÓS, Anselmo Peres. **Narrativas da sexualidade:** pressupostos para uma poética queer. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 18, p. 837-864, 2010.

COLLING, Leandro. **A heteronormatividade nas representações de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo** (1998 a 2008). Eco (UFRJ), v. 13, p. 175-195, 2010.

_____.; CONCEIÇÃO, Caio Barbosa. **A representação da homossexualidade na telenovela Duas Caras.** In: COSTA, Horário (et al.). (Org.). **Retratos do Brasil homossexual:** fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo e Imprensa Oficial, 2010, v. 1, p. 561-582.

_____. **Não seriam todos os brancos travestis?.** Eco (UFRJ), v. 13, p. 188-192, 2010.

_____.; SANCHES, J. C. **Quebrando o complexo de Gabriela:** uma análise da transexualidade na telenovela As filhas da mãe. Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 4, p. 167-185, 2010.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado.** Pedagogias da SExualidade. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. v. 01. 174p .

_____. **Viajantes pós-modernos II.** In: Luis Paulo da Moita Lopes; Lilitiana Cabral Bastos. (Org.). **Para além da Identidade.** Fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, v. 01, p. 203-213.

LUGARINHO, M. C. **Antropofagia crítica:** para uma teoria queer em português. Olhar (UFSCar), v. 22, p. 105-111, 2010.

MISKOLCI, Richard (Org.). **Marcas da Diferença no Ensino Escolar.** 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2010. v. 1. 220p .

_____. **Os Saberes Subalternos e os Direitos Humanos.** In: Rossana Rocha Reis. (Org.). **A Política dos Direitos Humanos.** 1ed.São Paulo: Hucitec, 2010, v. 1, p. 53-75.

_____. **Um corpo estranho na sala de aula.** In: Abramowicz, Anete; Silvério, Valter Roberto (Orgs.). (Org.). **Afirmando Diferenças:** montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. 2ed.Campinas: Papirus, 2010, v. 1, p. 13-26.

PELUCIO, Larissa. **Plurais na singularidade** - reflexões sobre travestilidades, desejo e reconhecimento. In: Fernando Pocahy. (Org.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo:** corpo e prazer. 1ed. Porto Alegre, RS: Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Tecnologias sexopolíticas e corpos queer**. In: Fazendo Gênero, 2010, Florianópolis. Fazendo Gênero. Florianópolis, 2010.

Teses e Dissertações:

BROEHLER, Genilma. **O erótico em Adélia Prado e Marcella Althaus-Reid**: uma proposta de diálogo entre poesia e teologia. Doutorado em Ciências da Religião. IEPG. 2010

MEPOMUCENO, Margareth. **A película do desejo**: a subversão das identidades queers no cinema de Pedro Almodóvar. Doutorado em Sociologia. UFPB. 2010

FILHO, Emanuel Raiff. **Sujeitos queer em cartaz**: uma análise discursiva do corpo em (trans)formação. Mestrado em Linguística. UFPB. 2010

PEREIRA, Glória Maria Santiago. **Cartografia do desejo Queer**: micropolíticas dos corpos travestis. Mestrado em Psicologia. UCB\DF. 2010

2011

ASSIS, Cleber Lizardo de. **Teoria queer e a resolução CFP n. 1/99: uma discussão sobre heteronormatividade versus homonormatividade**. Revista Bagoas. V.5, n.6, Natal. 2011

ALÓS, Anselmo Péres. **Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão**. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n. 2. Florianópolis, 2011

_____. **Prolegomena queer**: gênero e sexualidade nos estudos literários. Cadernos de Letras da UFF, v. n° 42, p. 199-217, 2011.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. único, p. 32/48, 2011.

_____. **Política da diferença**: feminismos e transexualidades. In: Leandro Colling, Djalma Thurler. (Org.). Stonewall 40+ o quê?. Salvador: UFBA, 2011, v. único, p. 79-110.

_____. **Politizar o abjeto**: dos femininos aos feminismos. In: Benedito Medrado. (Org.). **Psicologia social e seus movimentos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011, v. único, p. 357-371.

BERNINI, Lorenzo. **Macho e fêmea Deus os criou!? A sabotagem transmodernista do sistema binário sexual**. Revista Bagoas. V.5, n.6, Natal. 2011

BRAZ, Camilo Albuquerque. **Os vampiros saem do armário: um olhar antropológico sobre True Blood**. Revista Bagoas. V.5, n.6, Natal. 2011

COLLING, Leandro. **A heteronormatividade e a abjeção: os corpos de personagens não-heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo** (1998 a 2008). In: Camargo, Fábio Figueiredo; Paganini, Luiz Antônio e Passos, Vinícius Lopes. (Org.). Inventário do corpo: recortes e rasuras. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2011, v. , p. 143-162.

_____; SANTOS, Matheus Araújo dos. **O corpo intersex e a politização do abjeto em XXY**. In Texto (UFRGS. Online), v. 2, p. 234-250, 2011.

_____. **Políticas para um Brasil além do Stonewall**. In: COLLING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011, v. 1, p. 7-19.

_____(Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011. v. 1. 276p .

_____; PIRAJÁ, Tess Chamusca. **Queridas, mas nem tanto: a representação da travestilidade em Queridos Amigos**. Revista FAMECOS (Impresso), v. 18, p. 507-528, 2011.

DAMÁSIO, Anne Christine. **Botando corpo e (re)fazendo gêneros**. Revista Bagoas. V.5, n.6, Natal. 2011

DUQUE, Tiago. **Montagens e Desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes**. 01. ed. São Paulo: Annablume, 2011. v. 01. 183p .

ESPEJO, Juan Cornejo. **"Coming out" en la escuela**. Revista Bagoas. V.5, n.6, Natal. 2011

GALLINA, J. F. **Instigando o Olhar: o queer em Almodóvar**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. 156p

GABRIEL, Alice. **Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação**. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

GAARD, Greta Claire. **Rumo ao Ecofeminismo queer**. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

GOUGH, Noel. Et. Al. **Contos de Camp Wilde: tornando queer a pesquisa em Educação Ambiental**. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

LOURO, G. L. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**. Formação Docente, v. 4, p. 1-6, 2011.

MISKOLCI, Richard. **As Vidas em Segredo de Brokeback Mountain**. In: Adelman, Miriam et alli. (Org.). **Mulheres, Homens, Olhares e Cenas**. 1ed: Editora da UFPR, 2011, v. 1, p. 83-94.

_____(Org.); SINHORETTO, Jacqueline (Org.) ; LEITE JUNIOR, Jorge (Org.) ; SOUZA, André Ricardo (Org.) . **Dossiê Diferenças e (Des)Igualdades**. 1. ed. São Carlos: PPGS-DS_UFSCar, 2011. v. 1. 120p .

_____. **Frankenstein e o Espectro do Desejo**. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), v. 37, p. 299-322, 2011.

_____. **Não ao Sexo Rei**: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: Souza, Luiz Antônio Francisco de; Sabatine, Thiago Teixeira e Magalhães, Boris Ribeiro de. (Org.). Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. 1ed.Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2011, v. 1, p. 47-68.

_____. **Não Somos, Queremos** - Reflexões queer sobre a Política Sexual Brasileira Contemporânea. In: Leandro Colling. (Org.). Stonewall 40 + o que no Brasil?. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2011, v. 1, p. 37-56.

_____. **O Desejo da Nação**: Raul Pompéia e a Gramática do Desvio no Brasil Finissecular. In: Pedro, Joana Maria; Arend, Silvia Maria Fávero; Rial, Carmen Silvia de Moraes. (Org.). Fronteiras de Gênero. 1ed.Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, v. 1, p. 237-256.

_____; Balieiro, Fernando de Figueiredo. **O drama público de Raul Pompeia**: sexualidade e política no Brasil finissecular. Revista Brasileira de Ciências Sociais (Impresso), v. 26, p. 73-88, 2011.

_____. **O Vértice do Triângulo** - A paranoia de Dom Casmurro e os Espectros da Elite Brasileira Finissecular. In: Gatti, José; Fernando Marques Penteado. (Org.). Maculinidades: teoria, crítica e artes. 1ed.São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2011, v. 1, p. 71-94.

MORITA, Keitaro. **Ecopoeta queer?** Uma análise de “Chitô [Tito]”, da poeta japonesa Hiromi Ito. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona. **Paixões desnaturadas?** Notas para uma ecologia queer. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

PELUCIO, Larissa. **A Ciência do Sensível ou as contribuições de Lévi-Strauss para uma leitura sobre os mitos**. In: Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins. (Org.). **O Mito e suas Repercussões no cinema e na literatura**. 1ed.Bauru, SP: Canal 6 Projetos Editoriais, 2011, v. 1, p. 225-238.

_____. **Corpos indóceis** - a gramática erótica do sexo transnacional e as travestis que desafiam fronteiras. In: Luiz Antônio Francisco de Souza, Thiago Teixeira Sabatine e Boris Ribeiro de Magalhães. (Org.).

Michel Foucault: Sexualidade, corpo e direito. 1ed.São Paulo, SP: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 105-131.

_____. **Desejos, brasilidades e segredos:** o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 5, p. 243-266, 2011.

_____. **É o que tem pra hoje** - os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis. In: COLIING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. 1ed.Salvador, SP: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011, v. 1, p. 111-136.

_____. **Marcadores Sociais da Diferença nas Experiências Travestis de Enfrentamento à Aids.** Saúde e Sociedade (USP. Impresso) **JCR**, v. 20, p. 76-85, 2011.

_____. **Próteses, desejos e glamour: tecnologias de si na construção de corpos travesti no mercado do sexo transnacional.** In: Luis Henrique Sacchi dos Santos e Paula Regina Costa Ribeiro. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade - instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida.** 1ed.Rio Grande, RS: Editora FURG, 2011, v. 1, p. 77-86.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer:** notas para uma política dos “anormais”. Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

RUSSEL, Constance; SARICK, Tema; KENNELLY, Jackie. **Tornando queer a educação ambiental.** Revista de Estudos Feministas. V. 19, n.2. 2011

Teses e Dissertações :

ALIMENA, Carla Marrone. **A Pedagogia do Sexo em O Ateneu:** o dispositivo de sexualidade no internato da fina flor da mocidade brasileira. Mestrado em Sociologia. UFSCAR. 2011

CEDILLO, Rosa María Blanca. **Arte a partir da perspectiva queer / Arte desde lo queer.** Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. UFSC. 2011

2012

BENTO, Berenice; PELUCIO, L. **Apresentação do Dossiê:** Dissidências e conformações: sexualidade e gênero nas experiências trans.. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. V. 21, p. 132-136, 2012.

_____.; PELUCIO, L. **Despatologização do gênero**: a politização das identidades abjetas. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. Vol. 2, p. 123-155, 2012.

_____. **Sexualidade e experiências trans**: do hospital à alcova. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso) **JCR**, v. 17, p. 2655-2664, 2012.

CAMARGO, Wagner Xavier de; VAZ, A. F. **De Humanos e Pós-Humanos**: ponderações sobre o corpo queer na arena esportiva. In: Silvana Goellner; Edvaldo Souza Couto. (Org.). **O Triunfo do Corpo**: polêmicas contemporâneas. 1ed.São Paulo: Vozes, 2012, v. 1, p. 119-144.

COLLING, Leandro. **Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero?**. In: Pelúcio, Larissa; Souza, Luis Antônio Francisco de; Magalhães, Bóris Ribeiro de; Sabatine, Thiago Teixeira. (Org.). **Olhares Plurais para o Cotidiano** - Gênero, Sexualidade e Mídia. 1ªed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 112-131.

DUQUE, Tiago. **Da finada à europeia**: experiências de ser, não permanecer e estar travesti na adolescência. Bagoas : Revista de Estudos Gays, v. 6, p. 173-198, 2012.

_____. **Eu quero ir para a Europa**: reflexões sobre uma jovem travesti traficada. História Agora, v. 12, p. 179-197, 2012.

_____. **Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência**. Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso), v. 20, p. 489-500, 2012.

_____. **Da bichice criticada à caretice elogiada**: a heteronormatividade na representação de personagens não heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

GOODMAN, Paul. **Ser Queer**. Revista Bagoas. V. 6, n.7. Natal. 2012

GONTIJO, Fabiano de Souza; COSTA, Francisca Célia da Silva. **"Ser traveco é melhor que mulher": considerações preliminares acerca das discursividades do desenvolvimentismo da heteronormatividade no mundo rural piauiense**. Revista Bagoas. V.6, n.8, Natal. 2012

LEÓN, A. A. G. **Os Labirintos do Desejo**: desenhando uma metodologia anarcoqueer. Política & Trabalho (UFPB. Impresso), v. 36, p. 110, 2012.

LIMA, Roberto Gabriel Guilherme. **Rompendo com a binaridade masculino e feminino nas canções buarqueanas: um estudo de Folhetim e Tango de Nancy**. Revista Bagoas. V. 6, n.7. Natal. 2012

LOURO, Guacira Lopes. **Conversações sobre gênero, sexualidade, Teoria Queer e Educação**. Belém, Pa. 2012 (Entrevista)

_____. **Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências**. Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2. 2012

MISKOLCI, Richard. **A Gramática do Armário**: notas sobre segredos e mentiras em relação homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: Pelúcio, Larissa; Souza, Luis Antonio Francisco de et alli. (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. 1ed.Marília: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 35-55.

_____(Org.); PELÚCIO, Larissa(Org.). **Discursos fora da Ordem**: sexualidades, saberes e direitos. 1. ed. São Paulo: Annablume Editora/FAPESP, 2012. v. 1. 311p .

_____. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. v. 1. 80p .

MUSSKOPF, A. S. **Via(da)gens teológicas** - Itinerários para uma teologia queer no Brasil. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. v. 1000. 503p .

PELUCIO, Larissa. **Amores perros** - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In: Adriana Piscitelli, José Miguel Nieto Olivar, Gláucia Oliveira de Assis. (Org.). **Gênero, Sexo, Amor e Dinheiro**: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. 1ed.Campinas, SP: Pagu - Unicamp, 2012, v. 01, p. 185-224.

_____; SANTOS, L. A. **Flores Carnais**: Mapplethorpe ea Natureza Socio-Política da Pornografia. Revista Ártemis, v. 13, p. 10-20, 2012.

_____(Org.); SOUZA, L. A. F. (Org.) ; TEIXEIRA, Thiago (Org.) ; MAGALHÃES, Bóris (Org.) . **Olhares Plurais para o Cotidiano** - Gênero, Sexualidade e Mídia. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2012. v. 1. 184p .

_____(Org.). Saberes Subalternos. 2. ed. São Carlos, SP: Casa de Ideias, 2012. v. 2. 258p .

_____. **Subalterno quem, cara pálida?** Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, p. 395-418, 2012.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Queer nos trópicos**. Contemporânea Revista de Sociologia da UFSCar, v. 2, p. 371-394, 2012.

PERES, Willian Siqueira. **Travestilidades Nômades: A Explosão dos Binarismos e a Emergência Queering**. Revista de Estudos Feministas. V. 20, n.2. 2012

SEFFNER, Fernando. **Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT**. In: Leandro Colling. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. 78ed.Salvador, Bahia: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 1-57.

SILVA, Fernando Cândido da. **Uma alegoria queer para o "Reino dos Céus": subversões da metodologia exegética patrística**. Revista Bagoas. V.6, n.8, Natal. 2012

TORRES, Germán S. M. **Identidades, cuerpos y educación sexual: una lectura queer**. Revista Bagoas. V. 6, n.7. Natal. 2012

Teses e dissertações:

BRAGA, Denise da Silva. **Heteronormatividade e Sexualidades LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas**. Doutorado em Educação. UERJ. 2012

VAZ, Tales Gubes. **Pedagogia queer, cultura visual e discursos sobre (homo)sexualidades em dois cursos de extensão online**. Mestrado em Arte e Cultura Visual. UFG. 2012

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **Homossexuais são... : revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva queer**. Doutorado em Educação. UNISINOS. 2012

PEREIRA, Cristiano Fabrício Lopes. **Rhiz'hommes: redes de subjetividades**. Mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos. UERJ. 2012